

Da Orientação do Islam XXI

O Alcorão no Islam

ALLAMAH AYYATULLAH AL-ODHMAH
ASSAYED MOHAMMAD HUSSEIN AL-TABATABAÍ (K.S.)

Elaboração e Supervisão
SHEIKH TALEB HUSSEIN AL-KHAZRAJI

الطبعة الأولى
1ª Edição



TRADUÇÃO E REVISÃO
ISMAIL AHMAD BARBOSA E DENILSON DO NASCIMENTO SILVA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Al-Odhmah, Allamah Ayyatullah

O Alcorão no Islam / Allamah Ayyatullah Al-Odhmah, Assayed Mohammad Hussein Al-Tabataí ; elaboração e supervisão Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji ; tradução e revisão Ismail Ahmad Barbosa e Denilson do Nascimento Silva. -- 1. ed. -- São Paulo : Centro Islâmico no Brasil, 2012. -- (Da orientação do Islam ; 21)

1. Alcorão 2. Fé (Islamismo) - Ensino alcorânico 3. Islamismo - Doutrinas 4. Monoteísmo 5. Profecia - Islamismo

I. Al-Tabataí, Assayed Mohammad Hussein. II. Al-Khazraji, Taleb Hussein. III. Título. IV. Série.

12-01509

CDD-297.12

Índice para catálogo sistemático

1. Alcorão Sagrado : Doutrinas : Islamismo : Religião 297.12

Tradução:

Ismail Ahmad Barbosa e
Denilson do Nascimento Silva

Capa, Projeto Gráfico e Editoração:

Yelow Design e Nasereddin Taleb Al-Khazraji

Tiragem:

2.000 exemplares

Data da Edição:

Fevereiro de 2012



مجمع جهانی اهل بیت
Ahlul Bayt (A.S.) World Assembly



EDITORA ISLÂMICA ARRESALA Traduções, Publicações e Distribuição

Rua Vigário João Álvares, 211 - Vila Monumento - São Paulo - SP - CEP: 01551-040 - Brasil
Tel.: 55 11 2271-2040 - Fax: 55 11 2271-2044 - edicoes@arresala.org.br - www.arresala.org.br

*É proibida a reprodução de parte ou da totalidade dos textos sem a autorização prévia.
Todos os direitos são reservados.*

A Editora Islâmica Arresala foi fundada com o objetivo de fortalecer e difundir o conhecimento islâmico através da palavra gentil e um diálogo suave, de uma forma prática e de fácil entendimento para todos. Buscando assim, cumprir a nossa obrigação perante Deus e a sociedade.

Graças a Deus, através da Editora Islâmica Arresala, o Centro Islâmico no Brasil vem publicando uma ampla variedade de obras islâmicas em português. São mais de 30 livros, títulos variados de impressos e várias outras obras em diversos campos de comunicação, sobre os mais diversos temas religiosos, morais e sociais, que são distribuídos para todo o Brasil e para outras partes do mundo, o que inclui os demais países lusófonos.

Todas as nossas publicações apresentam a grandiosa religião islâmica, e se comprometem a esclarecer a cultura e os pensamentos islâmicos, e inclusive os princípios e os regulamentos da jurisprudência e leis islâmicas. Esclarecimentos estes que se baseiam no Alcorão Sagrado, a principal fonte da legislação islâmica, e na abençoada tradição do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e seus purificados Ahlul Bait (A.S.), que juntos caminham em uma única Senda.

Para executar este trabalho nos fundamentamos numa produção própria da cultura e da sabedoria islâmica, como também nos firmamos na tradução de inúmeros trabalhos de autoria dos sábios, líderes, filósofos e fundações culturais do mundo islâmico, os quais têm um papel fundamental na exposição e divulgação do pensamento e do conhecimento islâmico em todos os cantos da Terra.

Entre outras atividades da Editora Islâmica Arresala estão a seleção, tradução e distribuição de filmes e documentários com temas religiosos e culturais. Assim como a criação e publicação de material especial para crianças e jovens, com o intuito de levar o conhecimento islâmico a estas faixas etárias de forma divertida, porém muito educativa.

E sob a direção e supervisão direta de Sua Eminência Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji, buscamos diversificar as nossas publicações e realizações, para atender os diversos campos da vida e a mais variada gama de indivíduos.



**Livro que carrega em suas mãos:
Da Orientação do Islam XXI**

O Alcorão no Islam

سلسلة "من هدى الإسلام"
Coleção "Da Orientação do Islam"

إصداراتنا
Volumes Publicados



Prefácio do Centro Islâmico no Brasil	8
O Valor do Alcorão na Perspectiva dos Muçulmanos	15
O Alcorão contém o Padrão de um Modo de Vida Completo para o Homem	15
O Alcorão como Documento da Profecia	24
Os Ensinamentos do Alcorão	27
O Propósito Universal do Alcorão	27
A Perfeição do Alcorão	29
A Qualidade Eterna do Alcorão	30
O Alcorão é uma Prova Suficiente	32
As Dimensões Interior e Exterior do Alcorão	34
A Sabedoria Contida nos Dois Aspectos do Alcorão	36
Os Dois Tipos de Versículos Alcorânicos: O Explícito e o Implícito	40
Os Significados dos Versículos Explícitos e Implícitos, segundo os Comentadores e Eruditos	42
O Método de Orientação e Explicação Empregado no Resto do Alcorão	43
O Comentário dos Imames da Família do Profeta com respeito aos Versículos Implícitos e Explícitos	45
O Alcorão Possui Revelação e Exegese	48
O Significado de Exegese, segundo os Comentadores e Eruditos	49
O Significado de Exegese na Tradição das Ciências Alcorânicas	55
Versículos Ab-rogadores e Versículos Ab-rogados	59

Aplicabilidade e Validade do Alcorão	60
Comentário Alcorânico: Seu Advento e Desenvolvimento	61
A Ciência do Comentário Alcorânico e os Diferentes Grupos de Comentadores	62
Os Métodos Empregados pelos Comentadores Xiitas e Seus Diferentes Grupos	66
Como o Alcorão se Presta à Interpretação?	67
Conclusão	69
Um Exemplo do Comentário Sobre o Alcorão com o Auxílio do Próprio Alcorão	72
A Validade do Comentário do Profeta e dos Imames	79
A Revelação do Alcorão.....	81
As Crenças Gerais dos Muçulmanos Sobre a Revelação do Alcorão	81
A Opinião dos Autores Não-Muçulmanos Contemporâneos sobre a Revelação e a Profecia	81
O Que o Alcorão diz Sobre Esse Assunto.....	83
A Revelação Divina	84
O Anjo Gabriel	86
Os Anjos e os Demônios.....	89
O Chamado da Consciência.....	92
A Realidade da Missão Profética.....	93
O Que o Alcorão diz Sobre o Significado da Revelação e da Profecia	94
A Natureza Humana Intrínseca.....	94
A Senda do Homem na Travessia do Caminho da Vida	96
O Homem como um Ser Social	96
A Manifestação das Diferenças Sociais e a Necessidade da Lei.....	99
O Intelecto não é Suficiente na Orientação do Homem para o Respeito à Lei	100
O Único Meio de Orientação é o da Revelação.....	102

Algumas Questões Respondidas.....	103
A Senda da Revelação é Protegida Contra os Erros	108
A Realidade Oculta da Revelação.....	109
Como o Alcorão Foi Revelado	110
A Relação do Alcorão com as Ciências	113
A Exaltação do Conhecimento e o Estímulo ao Desejo de Estudar	113
As Ciências que o Alcorão Incentiva o Homem a Estudar	114
As Ciências Específicas do Estudo do Alcorão	115
As Ciências que se Desenvolveram por Causa do Alcorão ...	116
A Ordem da Revelação do Alcorão e o Desenvolvimento das Ciências Alcorânicas	119
A Ordem em que os Versículos Alcorânicos Foram Revelados....	119
Conclusões.....	120
As Razões da Revelação.....	122
O Método Empregado na Descrição “das Razões Para a Revelação”	124
Tradições Adicionais com Respeito à Ordem e Lugar da Revelação das <i>Suras</i>	128
A Compilação do Alcorão (antes do falecimento do Profeta)	130
Após o Falecimento do Profeta.....	131
A Importância que os Muçulmanos dão ao Alcorão	133
O Alcorão é Protegido de Qualquer Alteração	134
A Recitação, Memorização e Transmissão do Alcorão	137
Os Diferentes Grupos de Recitadores.....	138
Os Sete Recitadores	140
O Número de Versículos no Alcorão	142
Os Nomes das <i>Suras</i>	143
Caligrafia, Ortografia e Marcas Diacríticas Utilizadas no Alcorão	144



Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso.

Louvado seja Deus, o Senhor do Universo, e que a paz e as bênçãos de Deus estejam com o selo dos profetas e o senhor dos mensageiros, Mohammad ibn Abdillah (S.A.A.S.), sobre seus Ahlul Bait (A.S.), sobre todos os seus bons companheiros e sobre todos aqueles que os seguiram e seguirão até o Dia do Juízo Final.

Deus, louvado seja, disse na Surata Al-Isra (C. 17), versículo 9: *“Em verdade, este Alcorão encaminha à senda mais reta e anuncia aos fiéis benfeitores que obterão uma grande recompensa”*.

O Alcorão Sagrado é a palavra de Deus, glorificado seja, e o milagre do seu generoso Mensageiro. Seus versículos possuem o papel de guiar a humanidade em todos os seus aspectos e em todos os assuntos da vida, e são a garantia para a obtenção da felicidade, seja ela na vida terrena ou na vida eterna, pois afinal, o segredo do Alcorão é que se trata das próprias palavras de Deus. Por isso, além de lê-lo devemos nos aprofundar em seus versículos, pesquisar seus significados e saber interpretar o sentido dos ensinamentos que nele estão, e para isso, sempre utilizando fontes islâmicas de confiança.

O Imam Ali ibnol Hussein (A.S.) disse: *“Os versículos do Alcorão são como baús cheios de tesouros. Por isso, quando abrimos os baús devemos ver o que há dentro deles.”*

O Alcorão Sagrado ocupa uma posição importante no Islam, e nada se iguala a ele. Ele é a constituição de Deus, o Único e Eterno, para todos os assuntos da humanidade, sendo que aborda sobre tudo que necessitamos



الحمد لله رب العالمين و الصلاة و السلام على محمد خاتم النبيين و سيد المرسلين ﷺ و على الأئمة الهداة المهديين عليهم السلام و على أصحابه المنتجبين رضي الله عنهم الميامين و من تبعهم بإحسان الى يوم الدين.

و بعد

قال تعالى في سورة الإسراء آية ٩: (إِنَّ هَذَا الْقُرْآنَ يَهْدِي لِلَّذِي هِيَ أَقْوَمُ وَيُبَشِّرُ الْمُؤْمِنِينَ الَّذِينَ يَعْمَلُونَ الصَّالِحَاتِ أَنَّ لَهُمْ أَجْرًا كَبِيرًا)

إنَّ القرآن الكريم كلام الله العظيم و معجزة نبيه الكريم و أن آياته هي المتكفلة بمداية البشر في جميع شؤونهم و أطوار حياتهم و أدوارهم و هو الضمانة الكبرى لنيل السعادة العظمى في العاجل و الآجل و أنه يكفيه فخراً أنه كلام الله فحسب. و لذا يجب التمعن فيه و التفكير في معانيه و التدبر في آياته و فهم تفسيره و مقاصده و غاياته من المصادر الموثوقة و المعتمدة في الإسلام.

يقول الإمام علي ابن الحسين رضي الله عنه: (آيات القرآن خزائن فكلما فتحت خزينة ينبغي لك أن تنظر ما فيها)

يحتل القرآن الكريم مكانة في الإسلام لا يرقى إليها شيء آخر و أنه الدستور الإلهي الأوحد و الخالد لشؤون الناس و ما يحتاجونه في حياتهم و هو الكتاب الذي يحمل بشائر الرحمة و الهداية و السعادة الأبدية لكل مؤمن به و يسير على هديه و يمثل أوامره و ينتهي عن نواهيهِ و أما المخالف لتعاليمه يعيش العذاب و الإنحراف الذي يوصله إلى النار و الدمار فمن جعله إمامه و أخذ بتعاليمه في الدنيا يقوده إلى السعادة في الدنيا و إلى الجنة و النعيم في الآخرة و من جعله خلفه و لم يعأ به قاده إلى التعاسة و العذاب في الدنيا و إلى النار و الجحيم في الآخرة.

em nossas vidas. É o livro que carrega a mensagem da clemência, da misericórdia e da felicidade eterna para todo fiel que caminha de acordo com seus ensinamentos colocando em prática suas instruções e se afastando de tudo que é proibido, já que aquele que não age de acordo com o Alcorão terá uma vida difícil, sofrida e cheia de obstáculos, que no final o levarão ao inferno e à destruição. E pelo outro lado, aquele que age de acordo com os ensinamentos do Alcorão e o coloca como seu guia, este sim será salvo e viverá a felicidade terrena e eterna no Paraíso.

O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) disse: *“O livro de Deus carrega os fatos que ocorreram antes e os que ocorrerão depois de vocês, e é o juiz que julga entre vocês. É a palavra final que jamais muda, e Deus arruinará qualquer indivíduo poderoso que não agir de acordo com ele, e igualmente desviará todo aquele que não usá-lo como guia. É o cordão firme de Deus e a palavra da recordação sábia. Ele é a senda reta e seus ensinamentos jamais serão manipulados, ele nunca perde sua essência e os sábios sempre estão sedentos por sua sabedoria, e ele nunca se torna obsoleto, pois suas maravilhosas palavras não acabam. É o livro a respeito do qual os gênios disseram quando o ouviram: “Em verdade, ouvimos um Alcorão admirável”. É o livro que, quem fala por ele estará dizendo a verdade, quem julga por ele estará sendo justo, quem pratica seus ensinamentos será recompensado e quem divulgá-lo será guiado à senda reta”*.

Os ensinamentos, versículos e palavras do Alcorão Sagrado jamais morrerão, eles estarão sempre vivos entre nós, acompanhado o avanço da vida e as necessidades do homem. De acordo com os sábios e intérpretes o segredo disto está na referência de seus sentidos e não nos exemplos apresentados. O Imam Assadeq (A.S.) disse: *“O Alcorão é vivo e jamais morrerá, pois avança como a noite e o dia, como o sol e a lua, e estende seus ensinamentos sobre nós e sobre aqueles que nos antecederam”*.

Para que o ser humano possa meditar e compreender os sentidos e significados dos versículos e palavras do Alcorão Sagrado ele deve procurar adquirir seus conhecimentos daqueles que são os mais próximos e íntimos do Alcorão, e que o carregaram com eles, em seus

يقول رسول الله ﷺ: { ... كِتَابُ اللَّهِ فِيهِ نَبَأُ مَا قَبْلَكُمْ وَخَبْرُ مَا بَعْدَكُمْ، وَ حُكْمٌ مَا بَيْنَكُمْ. هُوَ الْفَصْلُ لَيْسَ بِالْفُزْلِ، هُوَ الَّذِي مَنْ تَرَكَهُ مِنْ جِبَارٍ قَصَمَهُ اللَّهُ، وَ مَنْ إِبْتَغَى الْهُدَى فِي غَيْرِهِ أَضَلَّهُ اللَّهُ، فَهُوَ حَيْلُ اللَّهِ الْمُتَيْنِ، وَ هُوَ الذِّكْرُ الْحَكِيمُ، وَ هُوَ الصِّرَاطُ الْمُسْتَقِيمُ، هُوَ الَّذِي لَا تَرِيغُ بِهِ الْأَهْوَاءُ، وَ لَا تَلْتَبِسُ بِهِ الْأَلْسِنَةُ، وَ لَا يَشْبَعُ مِنْهُ الْعُلَمَاءُ وَ لَا يَخْلُقُ عَنْ كَثْرَةِ الرَّدِّ، وَ لَا تَنْقُضِي عَجَائِبُهُ وَ هُوَ الَّذِي لَمْ يَنْتَهِ الْجِنُّ إِذْ سَمِعَتْهُ أَنْ قَالُوا: إِنَّا سَمِعْنَا قُرْآنًا عَجَبًا، هُوَ الَّذِي مَنْ قَالَ بِهِ صَدَقَ، وَ مَنْ حَكَّمَ بِهِ عَدَلَ، وَ مَنْ عَمِلَ بِهِ أَجْرَ، وَ مَنْ دَعَى إِلَيْهِ هُدًى إِلَى صِرَاطٍ مُسْتَقِيمٍ ... }

و القرآن الكريم حيُّ لن يمت بكل آياته و معانيه يتماشى مع الزمن و تطور الحياة و مستلزمات الإنسان فالعبارة بعموم لفظه لا بخصوص السبب الذي نزلت فيه الآية كما يقول المفسرون. يقول الإمام الصادق ﷺ: (إِنَّ الْقُرْآنَ حَيٌّ لَمْ يَمُتْ، وَ إِنَّهُ يَجْرِي كَمَا يَجْرِي اللَّيْلُ وَ النَّهَارُ، وَ كَمَا تَجْرِي الشَّمْسُ وَ الْقَمَرُ، وَ يَجْرِي عَلَى آخِرِنَا كَمَا يَجْرِي عَلَى أَوَّلِنَا). وَ فِي تَعْظِيمِهِ وَ تَدْبِرِهِ وَ قِرَاتِهِ وَ فَهْمِ مَعَانِيهِ وَرَدَتْ أَحَادِيثُ كَثِيرَةٌ عَنِ رَسُولِ اللَّهِ ﷺ مِنْ الطَّرِيقِ الصَّحِيحَةِ لِثَلَا يَتَّعِ الْإِنْسَانَ فِي الْإِنْخِرَافَاتِ وَ الضَّلَالِ وَ الْأَخْطَاءِ وَ يَجِبُ أَخْذُ مَعَانِيهِ مِنَ النَّبِيِّ ﷺ وَ عِزَّتِهِ الطَّاهِرَةِ عَلَيْهِ السَّلَامُ فَهَمَّ الْأَدْلَاءُ عَلَى الْقُرْآنِ وَ الْعَامِلُونَ بِفَضْلِهِ. لَذَا نَسْتَضِيءُ بِنُورِ تَفْسِيرِهِمْ وَ أَقْوَامِهِمْ وَ إِرْشَادِهِمْ وَ لِهَذَا أَشَارَ رَسُولُ اللَّهِ ﷺ بِحَدِيثِهِ الصَّحِيحِ: { إِنِّي تَارَكْتُ فِيكُمْ الثَّقَلَيْنِ كِتَابَ اللَّهِ وَ عِزَّتِي أَهْلَ بَيْتِي وَ إِنَّهُمَا لَنْ يَفْتَرِقَا حَتَّى يَرِدَا عَلَيَّ الْحَوْضَ }

و لمنزلته العظيمة أصبح لتلاوته فضل عظيم حيث يقول النبي الأكرم ﷺ: { عَلَيْكُمْ بِتِلَاوَةِ الْقُرْآنِ فَإِنَّ دَرَجَاتِ الْجَنَّةِ عَلَى عَدَدِ آيَاتِ الْقُرْآنِ فَإِذَا كَانَ يَوْمُ الْقِيَامَةِ يُقَالُ لِقَارِئِ الْقُرْآنِ: إِقْرَأْ، وَ أَرِقْ، فَكُلَّمَا قَرَأَ آيَةً رَفِيَ دَرَجَةً } وَ يَجِبُ تِلَاوَتُهُ دَائِمًا لِأَنَّ أَثَرَهُ طَيِّبٌ وَ نَتَائِجُهُ مَبَارَكَةٌ فَعَنِ الْإِمَامِ الصَّادِقِ ﷺ: (الْقُرْآنُ عَهْدُ اللَّهِ إِلَى خَلْقِهِ، فَقَدْ يَنْبَغِي لِلْمَرْءِ الْمُسْلِمِ أَنْ يَنْظُرَ فِي عَهْدِهِ، وَ أَنْ يَقْرَأَ مِنْهُ فِي كُلِّ يَوْمٍ خَمْسِينَ آيَةً (عَلَى الْأَقْل)) وَ قَالَ ﷺ مَا يَمْنَعُ التَّاجِرَ مِنْكُمْ الْمَشْغُولُ فِي سَوْقِهِ إِذَا رَجَعَ إِلَى مَنْزِلِهِ أَنْ لَا يَنَامَ حَتَّى يَقْرَأَ سُورَةً مِنَ الْقُرْآنِ الْكَرِيمِ فَيُكْتَبُ لَهُ مِنْهَا كُلُّ آيَةٍ يَقْرَأُهَا عَشْرَةَ حَسَنَاتٍ، وَ يُمَحَى عَنْهُ عَشْرُ سَيِّئَاتٍ).

próprios peitos e em suas próprias vidas. Estes são o Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) e seus Ahlul Bait (A.S.), e também todos aqueles que colocam seus ensinamentos em prática. Por isso que nós nos iluminamos com a luz da sabedoria que emana deles, e nos guiamos com suas palavras, pois o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) disse: *“Deixo com vocês duas preciosidades: o Livro de Deus e a minha linhagem (Ahlul Bait), as quais jamais se separarão uma da outra até juntarem-se a mim perto de uma fonte no Dia do Juízo Final.”*

E pela importância da sua posição a sua recitação e leitura também possuem grandes virtudes, pois o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) disse: *“Recitem o Alcorão, pois o paraíso possui o mesmo número de versículos, mas em classes. Quando chegar o Dia do Juízo Final será dito: Leiam e subam. E então, a cada versículo recitado o homem sobe um grau”*. O Alcorão deve ser sempre recitado e lido, pois isto nos proporciona resultados positivos e abençoados, sendo que o Imam Assadeq (A.S.) disse: *“O Alcorão é o tratado de Deus sobre as suas criaturas, cada muçulmano deve rever e recitar ao mínimo 50 versículos diários”*. E disse ainda: *“O que impede o comerciante que esteve ocupado o dia inteiro em seu comércio de recitar uma surata do Alcorão Sagrado antes de dormir quando chega em casa? Deus o recompensará com 10 recompensas por cada versículo recitado, e igualmente apagará dez mal feitos que porventura tenha cometido”*.

Sobre os resultados abençoados da leitura do Alcorão Sagrado nos lares o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) disse: *“O lar onde se lê o Alcorão e Deus é recordado tem as suas bênçãos aumentadas, conta com a presença dos anjos e o afastamento dos demônios, e este lar brilhará para o povo do céu como uma estrela que brilha para o povo da terra. Porém, o lar onde não se lê o Alcorão e nem se recorda de Deus, tem suas bênçãos diminuídas com o afastamento dos anjos e a atração dos demônios”*. E há muitos outros versículos e ditos que afirmam a ampla importância da leitura e recitação do Alcorão Sagrado, e nos informam sobre o tamanho das bênçãos e virtudes do homem e da sociedade que valorizam o Livro Sagrado, o que lhes garante tranquilidade e segurança, pois Deus disse no próprio Alcorão: *“... certo, que a recordação de Deus sossega os corações”*.

و من آثار قرائته في البيوت يقول رسول الله ﷺ: { إِنْ لَبِيتَ الَّذِي يُقْرَأُ فِيهِ الْقُرْآنُ وَ يُذَكِّرُ اللَّهَ تَعَالَى فِيهِ تَكَثَّرَ بَرَكَتُهُ، وَ تَحَضَّرَهُ الْمَلَائِكَةُ، وَ تَهَجَّرَهُ الشَّيَاطِينُ، وَ يُضِيءُ لِأَهْلِ السَّمَاءِ كَمَا يُضِيءُ الْكَوْكَبُ الدَّرِيُّ لِأَهْلِ الْأَرْضِ، وَ أَنْ اللَّيْتَ الَّذِي لَا يُقْرَأُ فِيهِ الْقُرْآنُ، وَ لَا يُذَكِّرُ اللَّهَ تَعَالَى فِيهِ، تَقَلَّ بَرَكَتُهُ وَ تَهَجَّرَهُ الْمَلَائِكَةُ وَ تَحَضَّرَهُ الشَّيَاطِينُ } و هنالك الكثير من الروايات التي تؤكد ثواب قرائته و معرفة آياته لأن ذلك يعود ببركاته للإنسان و المجتمع و يعيش حالة الأمن و الإطمئنان. يقول تعالى: (أَلَا بِذِكْرِ اللَّهِ تَطْمَئِنُّ الْقُلُوبُ).

و الكتاب الذي بين يديك، " القرآن في الإسلام "، للعلامة الكبير آية الله العظمى المرحوم الحاج السيد محمد حسين الطباطبائي (أعلى الله مقامه) الذي يتناول فيه منزلة القرآن الكريم في الإسلام و العظمة السامية التي يحتلها و المكانة المرموقة لدى المسلمين للمؤلف مصنفات و تأليفات كثيرة من أهمها كتاب " الميزان في تفسير القرآن " الذي يقع في ٢٠ مجلداً، و المركز الإسلامي في البرازيل و من خلال مؤسسة الرسالة الإسلامية للترجمة و الطباعة و النشر و بالتنسيق مع المجمع العالمي لأهل البيت عليهم السلام قام بترجمته و مراجعته من الإسبانية إلى البرتغالية ضمن سلسلة الكتب " من هدى الإسلام " سعياً منه لنشر الثقافة الإسلامية الأصيلة و ترسيخ مفاهيمها و تقديمها للقراء الكرام سائلين الله سبحانه و تعالى أن يتقبل منا هذا المجهود بأحسن القبول و يوفقنا للمزيد آملين أن يأخذ هذا الكتاب موقعه في قلوب القراء الكرام و يحتل موقعه و مكانته المرموقة في المكتبات البناءة و بين الكتب المفيدة و النافعة و الجيدة. و الحمد لله رب العالمين أولاً و آخراً.

الشيخ طالب حسين الخزرجي
المركز الإسلامي في البرازيل
ربيع الأول ١٤٣٣ هـ.ق.

O livro que carrega em mãos: “*O Alcorão no Islam*”, de autoria do grande sábio Ayyatullah Al-Odhma Assayed Mohammad Hussein Tabatabaí (K.S.) aborda o tema Alcorão Sagrado e sua importância e posição para os muçulmanos. O autor é um grande estudioso e conhecedor do Alcorão Sagrado, e inclusive já escreveu uma renomada coleção de 20 volumes onde interpreta o Alcorão Sagrado, tal coleção chama-se “*Al-Mizan fi Tafsir Al-Quran*”. E o Centro Islâmico no Brasil, através da Editora Islâmica Arresala, e em parceria com a Assembléia Mundial Ahlul Bait (A.S.), tem a honra e o privilégio de traduzir e publicar este livro, tornando-o parte da coleção “*Da orientação do Islam*”, como mais uma forma de difundir a cultura e o conhecimento islâmico original, levando-o aos queridos leitores. Rogamos a Deus, glorificado e louvado seja, que aceite este nosso pequeno empenho, e que este livro possa ocupar um lugar destacado nas bibliotecas e entre os bons livros, com o objetivo de que leve a palavra verdadeira e o conhecimento islâmico aos buscadores desta sabedoria divina.

Louvado seja Deus, o senhor do universo.

Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji
Centro Islâmico no Brasil
Fevereiro de 2012

O Alcorão contém o Padrão de um Modo de Vida Completo para o Homem

A religião do Islam é superior a qualquer outra no que se refere ao que assegura felicidade na vida humana. Para os muçulmanos, o Islam é um sistema de crença com leis morais e práticas que têm sua fonte no Alcorão.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الإسراء آية ٩:
﴿ إِنَّ هَذَا الْقُرْآنَ يَهْدِي لِلَّتِي هِيَ أَقْوَمُ ... ﴾

Deus, Exaltado Seja, diz, “*Em verdade, este Alcorão guia para a senda mais reta...*” (C.17 – V.9).

و يقول الله سبحانه في كتابه المبين في سورة النحل آية ٨٩:
﴿ ... نَزَّلْنَا عَلَيْكَ الْكِتَابَ تِبْيَانًا لِّكُلِّ شَيْءٍ ... ﴾

E também diz, “*Temos revelado a ti, o Livro, que é uma explicação de todos os assuntos...*” (C.16 - V89).

Essas referências exemplificam os numerosos versículos alcorânicos que mencionam os princípios da crença religiosa, das virtudes morais e um sistema legal geral que governa todos os aspectos do comportamento humano.

Uma consideração dos tópicos seguintes possibilitará a compreensão de que o Alcorão fornece um programa abrangente de ação para a vida humana.

O homem não possui outro objetivo na vida senão a busca da felicidade e do prazer, o que se manifesta, sobretudo, no amor pelo conforto ou riqueza. Ainda que muitos indivíduos pareçam rejeitar essa felicidade, por exemplo, praticando suicídio, ou se afastando de uma vida de entretenimento, eles também, ao seu próprio modo, confirmam esse princípio da busca da felicidade; pois, ao atentarem contra a própria vida ou ao abandonarem o prazer material, ainda afirmam sua escolha pessoal do que a felicidade significa para eles. As ações humanas, portanto, são dirigidas em grande medida pelas perspectivas de felicidade ou prosperidade oferecidas por uma determinada idéia, quer seja esta falsa ou verdadeira.

A ação do homem na vida é guiada por um plano ou programa específico. Esse fato é por si mesmo evidente, muito embora às vezes esteja oculto por sua própria aparência. O homem age de acordo com sua vontade ou desejos, e também avalia a necessidade de uma tarefa antes de executá-la. E nisso, é encorajado por uma lei científica inerente, isto é, executa uma tarefa para “si mesmo” para satisfazer necessidades que surjam diante dele. Há, portanto, uma ligação entre o objetivo de uma tarefa e sua execução.

Qualquer ação executada pelo homem, quer seja comer, dormir ou caminhar, ocupa seu próprio lugar e requer seus esforços específicos. Embora uma ação seja implementada de acordo com uma lei inerente, seu conceito geral está reservado na percepção do homem e é lembrado pelos movimentos associados a ela. Essa noção soa como verdade, quer ou não a pessoa seja obrigada a executar a ação, sendo ou não favoráveis às circunstâncias para tal. Todo homem, no que diz respeito a suas próprias ações, é como o estado em relação a seus cidadãos, cuja atividade é controlada por leis, costumes e comportamentos específicos. Da mesma maneira que as forças ativas num estado estão obrigadas a se adaptar a determinadas leis, também está a atividade social de cada indivíduo que compõe a comunidade. Se assim não fosse os diferentes componentes da sociedade se fragmentariam e seriam destruídos num estado caótico num curtíssimo espaço de tempo.

Se a sociedade for religiosa, seu governo refletirá essa religiosidade; se for secular, será regulada por um código de lei correspondente. Se uma sociedade não for civilizada, ou bárbara, um código de comportamento imposto por um tirano surgirá, do contrário, o conflito de vários sistemas ideológicos dentro dela produzirá um estado sem lei.

Portanto, o homem, como um elemento da sociedade, não tem escolha senão possuir e perseguir uma meta. É orientado na busca de sua meta pela senda correspondente e pelas leis que necessariamente devem acompanhar seu plano de ação.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البقرة آية ١٤٨ :
﴿وَلِكُلِّ وِجْهَةٌ هُوَ مُوَلِّيٰهَا فَاسْتَبِقُوا الْخَيْرَاتِ ...﴾

O Alcorão afirma essa noção quando diz que “*Cada qual tem um objetivo traçado, empenhai-vos, pois, na prática das boas ações...*” (C.2 – V.148).

Na linguagem alcorânica, a palavra “*din*”¹ basicamente é aplicada a um caminho, um modelo de vida, e nem o crente nem o descrente estão desprovidos de uma senda, seja esta profética ou produzida pela mente humana.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأعراف آية ٤٥ :
﴿الَّذِينَ يَصُدُّونَ عَنِ سَبِيلِ اللَّهِ وَيَعُودُنَهَا عِوَجًا ...﴾

Deus, exaltado seja, descreve os inimigos do *din* divino (religião) como os “... *que afastam os demais da senda de Deus, tornando-a tortuosa...*” (C.7 – V.45).

1. Comumente o termo *din* é traduzido com o sentido de religião, e implica sobremaneira a transação entre o Credor (Deus) e o devedor (o homem). Por isso, *din* significa pagar a dívida para com o Criador.

Este versículo demonstra que o termo “*Sabil Allah*” - a senda de Deus - empregado no versículo se refere ao “*din al fitrah*” - o modelo inerente da vida humana pretendido por Deus. Também indica que mesmo aqueles que não acreditam em Deus executam Seu *din*, muito embora o façam de um modo desviado, esse desvio, que se torna seu *din*, se encontra também no âmbito do programa de Deus.

A melhor e mais fundamentada senda na vida para o homem é a que é ditada por seu ser inato e não pelos sentimentos de algum indivíduo ou sociedade. Um exame cuidadoso de qualquer parte da criação revela que, desde o seu princípio, é guiada por um propósito inato no sentido de cumprir sua natureza no curso da mais apropriada e mais curta senda; cada aspecto de cada parte da criação é preparado para realizar isso, atuando como um protótipo para a definição da natureza de sua existência. De fato, tudo na criação, seja animado ou inanimado, é criado desse modo.

Como um exemplo, podemos dizer que um broto, surgindo de uma única semente na terra, é “ciente” de sua existência futura como uma planta que produzirá um ramo de trigo. Por meio de suas características inerentes, o broto adquire vários elementos minerais para o seu crescimento a partir do solo e para as alterações seguintes, dia após dia, na forma e no fortalecimento até que se torne um grão completamente maduro para portar a planta, e assim chega ao fim seu ciclo natural.

De modo semelhante, se investigarmos o ciclo de vida da noqueira, observaremos que esta também é “ciente” desde o início, quanto a seu propósito específico na existência, isto é, se tornar uma frondosa noqueira. Alcança essa meta se desenvolvendo de acordo com suas características inerentes; não segue, por exemplo, o curso do pé de trigo, da mesma maneira que este não segue o modelo de vida da noqueira.

Uma vez que cada objeto criado que forma o mundo visível está sujeito à mesma lei geral, não há razão para duvidar que o homem, como uma espécie da criação, não esteja igualmente sujeito. De fato, suas aptidões físicas formam a melhor prova dessa lei, como o resto da criação é permitido a ele realizar seu propósito, alcançar a máxima felicidade na vida.

Assim, observamos que o homem, na realidade, se orienta à felicidade e ao bem estar simplesmente pela aplicação das leis fundamentais inerentes à sua própria natureza.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة طه آية ٥٠:
﴿... رَبُّنَا الَّذِي أَعْطَى كُلَّ شَيْءٍ خَلْقَهُ ثُمَّ هَدَى﴾

Essa lei é confirmada por Deus no Alcorão, por intermédio de seu profeta Moisés, quando ele diz, “*Nosso Senhor, foi Quem deu a cada coisa sua natureza; e em seguida, encaminhou-a*”. (C.20 – V.50). E é ainda explicado no capítulo 87 versículos 2 e 3, “*Ele que criou e aperfeiçoou tudo; que tudo predestinou e encaminhou*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الشمس:
﴿وَنَفْسٍ وَمَا سَوَّاهَا (٧) فَأَلْهَمَهَا فُجُورَهَا وَتَقْوَاهَا (٨)
قَدْ أَفْلَحَ مَنْ زَكَّاهَا (٩) وَقَدْ خَابَ مَنْ دَسَّاهَا (١٠)﴾

Quanto à criação e a natureza do homem, o Alcorão diz, “*Pela alma e por quem a aperfeiçoou; e lhe imprimiu o discernimento entre o certo e o errado, que será venturoso quem a purificar e desventurado quem a corromper*”. (C.91 – V. 7 a 10)

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الروم آية ٣٠:
﴿فَأَقِمْ وَجْهَكَ لِلدِّينِ حَنِيفًا فِطْرَةَ اللَّهِ الَّتِي فَطَرَ النَّاسَ عَلَيْهَا
لَا تَبْدِيلَ لِخَلْقِ اللَّهِ ذَلِكَ الدِّينُ الْقَيِّمُ...﴾

Deus impõe como encargo ao homem o “esforço no sentido de uma sincera aplicação do din” (isto é, o *fitrah* de Deus ou o código natural de comportamento sobre o qual Ele criou o gênero humano), já que “*a criação de Deus é imutável (em suas leis)*”. (C.30 – V.30)

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة آل عمران آية ١٩ :

﴿ إِنَّ الدِّينَ عِنْدَ اللَّهِ الْإِسْلَامُ ... ﴾

Ele (Deus) também diz que: “*Para Deus, a religião é o Islam*” (C.3 – V.19). Aqui, Islam significa submissão, o método de submissão a essas mesmas leis.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة آل عمران آية ٨٥ :

﴿ وَمَنْ يَبْتَغِ غَيْرَ الْإِسْلَامِ دِينًا فَلَنْ يُقْبَلَ مِنْهُ ... ﴾

O Alcorão, além disso, alerta que “*(as ações) de quem almeja outro din, que não seja o Islam, jamais serão aceitas...*” (C.3 - V85).

O ponto essencial dos versículos supramencionados, e das demais referências ao mesmo tópico, é que Deus guiou toda criatura, quer seja humana, animal ou vegetal - a um estado de bem estar e plenitude apropriado a sua formação individual.

Assim, a senda adequada ao homem se encontra na adoção das leis pessoais e sociais específicas a seu próprio *fitrah* (natureza inata) e no afastamento das pessoas que se tornaram “desnaturadas” por seguirem suas próprias noções ou paixões. Está claramente frisado que o *fitrah*, longe de negar os sentimentos e as paixões humanas, concilia cada um deles a seu apropriado desígnio e permite que as conflitantes necessidades espirituais e materiais do homem sejam satisfeitas de um modo harmonioso.

Portanto, podemos concluir que o intelecto (*aql*) deve governar o homem nas questões pertinentes às decisões individuais ou pessoais, e não seus sentimentos. De modo semelhante, a verdade e a justiça devem governar a sociedade e não os caprichos de um tirano ou mesmo a vontade da maioria, se esta vontade for contrária ao verdadeiro benefício da sociedade. Disso concluímos que somente Deus está habilitado a estipular as leis, uma vez que as únicas leis proveitosas ao homem são as que são feitas segundo sua natureza inata.

O que também resulta disso é que as necessidades humanas, que surgem de circunstâncias externas e de sua realidade interior, somente são atendidas por meio da obediência às orientações (ou leis) de Deus. Essas necessidades podem surgir mediante eventos além do controle do homem ou como resultado das exigências naturais de seu corpo. Ambos se encontram no âmbito do plano da vida que Deus designou para o homem.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة يوسف آية ٤٠ و ٦٧ :

﴿... إِنَّ الْحُكْمَ إِلَّا لِلَّهِ...﴾

Pois, o Alcorão diz, “*a decisão compete somente a Deus...*” (C.12 – V.40, 67) que significa dizer que não há autoridade (sobre o homem a sociedade, o visível ou o invisível) senão a de Deus.

Sem um plano de criação específico, fundamentado na inclinação inata do homem, a vida seria infrutífera e sem sentido. Podemos entender isso apenas por meio da crença em Deus e um conhecimento de Sua unicidade, como foi explicado no Alcorão.

A partir disso, poderemos prosseguir até uma compreensão do Dia do Juízo, quando o homem será recompensado ou punido segundo suas ações. E então, poderemos chegar ao conhecimento dos profetas e dos ensinamentos proféticos, uma vez que o homem não pode ser julgado sem que primeiramente seja orientado no que se refira à obediência ou desobediência. Esses ensinamentos fundamentais são considerados os pilares do modo de vida islâmico. A estes, podemos acrescentar os fundamentos do bom caráter e da moral que um crente verdadeiro deve possuir e o que é uma necessária extensão das três crenças básicas mencionadas acima. As leis que governam a atividade diária não apenas garantem a felicidade do homem e o caráter moral, mas, de modo mais importante, ampliam a compreensão dessas crenças e dos fundamentos do Islam.

É evidente que um ladrão, um traidor, um esbanjador ou um libertino não possuem a qualidade da inocência; tampouco um avaro, que acumula o dinheiro, pode ser chamado de generoso.

De modo semelhante, um indivíduo que nunca ora ou se recorda de Deus não pode ser chamado de crente em Deus e no Último Dia, nem ser descrito como um de Seus servos.

Com isso, podemos concluir que o bom caráter floresce quando é ligado a um padrão de ações corretas; a moral se encontra no homem cujas crenças estão em harmonia com esses fundamentos. Não se pode esperar que um homem orgulhoso seja crente em Deus e nem que seja humilde no que se refere ao Divino; nem que o homem que jamais entendeu o significado da humanidade, da justiça, da misericórdia ou da compaixão, creia no dia da Ressurreição e do Julgamento.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة فاطر آية ١٠ :
﴿...إِلَيْهِ يَصْعَدُ الْكَلِمُ الطَّيِّبُ وَالْعَمَلُ الصَّالِحُ يَرْفَعُهُ...﴾

O capítulo 35, versículo 10 trata da relação entre um sistema fiel de crença e um caráter adequado: “*Até Ele ascendem as palavras puras e as nobres ações*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الروم آية ١٠ :
﴿ثُمَّ كَانَ عَاقِبَةَ الَّذِينَ أَسَاءُوا السُّوْأَى
أَنْ كَذَّبُوا بِآيَاتِ اللَّهِ وَكَانُوا بِهَا يَسْتَهْزِؤْنَ﴾

No capítulo 30, versículo 10 ficamos cientes outra vez dessa relação entre crença e ação: “*e o destino daqueles que cometeram o mal será pior, pois desmentiram os versículos de Deus e deles escarneceram!*”.

Para resumir, o Alcorão se compõe dos seguintes fundamentos islâmicos que juntos formam um todo interligado: um sistema primordial de crença na unidade de Deus, na profecia e no Dia do Ajuste de Contas, que é acompanhado por um segundo grupo de crenças, a saber, a crença no Livro Celeste, no Cálamo (que traça

a seqüência dos eventos cósmicos), o governo do destino e do decreto (sem que implique pré-determinismo), nos anjos, no Trono do Criador, e por fim, na criação do céu, da terra e de tudo o que há entre eles. E por isso, observamos que o bem estar do homem se encontra na harmonização de seu caráter a esses princípios.

A *shariah* (as leis e o código de comportamento explicado no Alcorão e comentado detalhadamente pelo modelo de vida do Profeta) é o meio pelo qual o homem pode por em prática tais princípios. Aqui devemos acrescentar que os Ahlul Bayt (a família do Profeta) foram os seus herdeiros e receberam a tarefa de exemplificar e explicar em seus pormenores a mensagem profética e a *shariah* após o falecimento do Profeta. O próprio Profeta, na tradição² conhecida como *hadith al thaqalayn*³, a qual todos os grupos do Islam acatam, se refere especificamente a essa questão da sucessão.

2. Tradição (Hadith) é um relato das palavras ou ações do Profeta que tenha sido transmitido a nós por uma cadeia permanente, ou por numerosas cadeias, de narradores confiáveis. A tradição em questão possui uma cadeia de transmissão constante que remonta ao próprio Profeta; os versículos confirmam a qualidade miraculosa do Livro e o fato de que está além da capacidade humana de produzir uma obra semelhante.

3. O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) disse: “*Em verdade, deixo entre vós duas coisas preciosas (thaqalayn): o Livro de Deus e minha família (Ahlul Bayt), pois de fato, os dois nunca irão se separar, até que se juntem a mim na fonte do Paraíso*”.

O Alcorão como Documento da Profecia

O Alcorão se refere em várias passagens ao fato de que é a palavra de Deus, que provém de uma fonte divina, as próprias palavras que o Profeta recebeu e que mais tarde transmitiu. A natureza divina do Alcorão é afirmada em vários versículos.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الطور:
﴿أَمْ يَقُولُونَ تَقَوَّلَهُ بَلْ لَّا يُؤْمِنُونَ (٣٣)﴾
﴿فَلْيَأْتُوا بِحَدِيثٍ مِّثْلِهِ إِن كَانُوا صَادِقِينَ (٣٤)﴾

No capítulo 52, versículos 33 e 34 lemos: “*Dizem ainda: Porventura, ele (o Profeta) o tem forjado? Qual Não crêem! Que apresentem, pois, uma mensagem semelhante, se estiverem certos*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الإسراء آية ٨٨:
﴿قُلْ لِّئِنِ اجْتَمَعَتِ الْإِنْسُ وَالْجِنُّ عَلَىٰ أَن يَأْتُوا بِمِثْلِ هَٰذَا الْقُرْآنِ
لَا يَأْتُونَ بِمِثْلِهِ وَلَوْ كَانَ بَعْضُهُمْ لِبَعْضٍ ظَهِيرًا﴾

E também no capítulo 17, versículo, 88: “*Dize-lhes: Mesmo que os humanos e os gênios se reunissem para produzir coisa similar a este Alcorão, jamais teriam feito algo semelhante, ainda que se auxiliassem mutuamente*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة هود آية ١٣:
﴿أَمْ يَقُولُونَ افْتَرَاهُ قُلْ فَأْتُوا بِعَشْرِ سُوْرٍ مِّثْلِهِ مُفْتَرِيَاتٍ...﴾

E ainda, no capítulo 11, versículo 13: “*Ou dizem: Ele o forjou! Dize: Pois bem, apresentai dez suras forjadas semelhantes a que forjastes...*”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة يونس آية ٣٨:

﴿أَمْ يَقُولُونَ افْتَرَاهُ قُلْ فَأْتُوا بِسُورَةٍ مِّثْلِهِ...﴾

E no capítulo 10 versículo 38: “*Dizem: Ele as forjou! Dize: Componde então uma sura semelhante às dele*” e encontramos uma prova adicional.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البقرة آية ٢٣:

﴿وإن كنتم في ريب مما نزلنا على عبدنا فاتوا بسورة من مثله...﴾

O seguinte desafio é feito no capítulo 2 versículo 23: “*Se acaso estiverdes em dúvida sobre o que revelamos a Nosso servo, componde uma sura semelhante às dele...*”

Aqui, deve ser observado que o Alcorão está se dirigindo àqueles que haviam crescido junto ao profeta, o homem que sabiam ser iletrado e desconhecedor dos assuntos tratados no texto sagrado. Apesar de saberem disso, ainda estavam duvidando.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النساء آية ٨٢:

﴿أفلا يتدبرون القرآن ولو كان من عند غير الله لوجدوا فيه اختلافاً كثيراً﴾

Outro desafio é lançado (àqueles que desejassem encontrar contradições no Alcorão, embora, obviamente, não fossem capazes de fazê-lo): “*Não meditam acaso, no Alcorão? Se fosse de outra origem que não de Deus, haveria nele muitas discrepâncias*”. (C.4 – V.82)

Desde que tudo no mundo se encontra num estado de desenvolvimento e aperfeiçoamento, então o Alcorão careceria necessariamente de harmonia, já que seria revelado no decorrer de um período de vinte e três anos, faltando essa harmonia seria de se supor que fosse a obra de um homem e não de um profeta. O Alcorão, cujas mensagens anunciam e confirmam que se trata de uma obra de

Deus, também nos ensina que Mohammad é um mensageiro, enviado por Deus, e assim confirma a autenticidade do Profeta.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الرعد آية ٤٣ :
﴿... قُلْ كَفَى بِاللَّهِ شَهِيدًا بَيْنِي وَبَيْنَكُمْ...﴾

No capítulo 13, versículo 43, o próprio Deus fala, como em muitas ocasiões, confirmando que Ele é testemunha e presta o testemunho da profecia de Mohammad: “*Responde: Basta Deus por testemunha, entre vós e mim...*” O versículo se refere aos descrentes e desafia sua descrença.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النساء آية ١٦٦ :
﴿لَكِنَّ اللَّهَ يَشْهَدُ بِمَا أَنْزَلَ إِلَيْكَ أَنْزَلَهُ بِعِلْمِهِ
وَالْمَلَائِكَةُ يَشْهَدُونَ وَكَفَى بِاللَّهِ شَهِيدًا﴾

Em outro versículo, o testemunho dos anjos é acrescentado ao de Deus: “*Deus atesta o que te revelou, te revelou de Sua sabedoria, assim como os anjos também o atestam. E Deus é suficiente por testemunha.*” (C.4 – V.166)

O Propósito Universal do Alcorão

O Alcorão não é dirigido a nenhuma nação em particular, como os árabes, ou a uma seita dos muçulmanos, mas à nação muçulmana e também às sociedades não-islâmicas como um todo.

Existem numerosas referências aos não-crentes e aos idólatras, aos “povos do Livro” (nomeadamente, os judeus, ou a tribo de Israel, e os cristãos) exortando cada um deles ao empenho no sentido de um entendimento verdadeiro do Alcorão e do Islam.

O Alcorão convida cada grupo ao Islam fornecendo provas e nunca impõe como condição que sejam do rol dos árabes.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة التوبة آية ١١:

﴿فَإِنْ تَابُوا وَأَقَامُوا الصَّلَاةَ وَآتَوُا الزَّكَاةَ فَإِخْوَانُكُمْ فِي الدِّينِ...﴾

Ao referir-se aos idólatras, Deus diz: “*Se se arrependerem, observarem a oração e pagarem o zakat, então serão vossos irmãos na religião.*” (C.9 – V.11).

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة آل عمران آية ٦٤:

﴿قُلْ يَا أَهْلَ الْكِتَابِ تَعَالَوْا إِلَى كَلِمَةٍ سَوَاءٍ بَيْنَنَا وَبَيْنَكُمْ أَلَّا نَعْبُدَ إِلَّا اللَّهَ
وَالأَ تُشْرِكُ بِهِ شَيْئًا وَلَا يَتَّخِذَ بَعْضُنَا بَعْضًا أَرْبَابًا مِّنْ دُونِ اللَّهِ...﴾

De modo idêntico, Deus fala sobre os Povos do Livro (judeus, cristãos, e aqui incluímos os zoroastristas), sem se referir a eles como árabes: “*Dize: Ó adeptos do Livro vinde, para chegarmos a um termo comum, entre nós e vós: Comprometamo-nos formalmente, a não adorar senão a Deus, e a não lhe atribuir parceiros e não nos tomarmos uns ao outros por senhores, em vez de Deus...*” (C.3 – V.64)

É verdade que antes que o Islam se difundisse para além da península arábica, as injunções alcorânicas eram obviamente dirigidas à nação árabe. A partir do sexto ano após a *Hégira* (a migração do Profeta de Mecca a Medina), quando o *din* do Islam passou a ser propagado além da península, existem referências que demonstram que o Alcorão se dirige à humanidade em geral;

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأنعام آية ١٩ :
﴿قُلْ يَا أَهْلَ الْكِتَابِ تَعَالَوْا إِلَى كَلِمَةٍ سَوَاءٍ بَيْنَنَا وَبَيْنَكُمْ أَلَّا نَعْبُدَ إِلَّا اللَّهَ
وَلَا نُشْرِكَ بِهِ شَيْئًا وَلَا يَتَّخِذَ بَعْضُنَا بَعْضًا أَرْبَابًا مِّنْ دُونِ اللَّهِ...﴾

Por exemplo, no capítulo 6 versículo 19: “*Este Alcorão foi-me revelado para com ele admoestar a vós e àqueles que ele alcança*”,

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة القلم آية ٥٢ :

﴿وَمَا هُوَ إِلَّا ذِكْرٌ لِلْعَالَمِينَ﴾

E no capítulo 68 versículo 52, Deus diz: “*E este (Alcorão) não é mais do que uma mensagem para os mundos*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة المدثر :

﴿إِنَّهَا لَآحْدَى الْكُبْرِ (٣٥) نَذِيرًا لِلْبَشَرِ (٣٦)﴾

Lemos também no capítulo 74, versículos 35 e 36: “*Em verdade este é um dos maiores portentos, admoestação para o gênero humano*”.

A história demonstrou amplamente que o Islam foi aceito por um grande número de membros influentes de outras religiões, inclusive os idólatras de Mecca, os judeus, os cristãos e por pessoas de diversas comunidades, como Salman da Pérsia, Suhayb de Roma e Bilal da Etiópia.

A Perfeição do Alcorão

O Alcorão mostra ao homem o caminho da realização de sua meta na terra; descreve essa senda nos termos mais completos. Trata-se de um modo de ver corretamente a realidade das coisas; uma visão pessoal, social e cósmica baseada numa maneira correta de comportamento e um método preciso de interação humana.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأحقاف آية ٣٠:

﴿... يَهْدِي إِلَى الْحَقِّ وَإِلَى طَرِيقٍ مُسْتَقِيمٍ﴾

No capítulo 46 versículo 30 lemos, “*guia a verdade e conduz ao caminho reto*” significando o caminho da crença verídica e da ação correta.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة المائدة آية ٤٨:

﴿وَأَنْزَلْنَا إِلَيْكَ الْكِتَابَ بِالْحَقِّ مُصَدِّقًا لِّمَا بَيْنَ يَدَيْهِ مِنَ الْكِتَابِ وَمُهَيِّمًا...﴾

Em outra passagem, mencionando a Torá e o Evangelho, Deus diz, “*Em verdade, te revelamos o Livro corroborante e preservador dos anteriores...*” (C.5 – V.48)

O Alcorão, portanto, afirma a verdade dos caminhos de orientação ensinados pelos profetas antecessores.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الشورى آية ١٣:

﴿شَرَعَ لَكُمْ مِنَ الدِّينِ مَا وَصَّى بِهِ نُوحًا وَالَّذِي أَوْحَيْنَا إِلَيْكَ

وَمَا وَصَّيْنَا بِهِ إِبْرَاهِيمَ وَمُوسَى وَعِيسَى...﴾

No capítulo 42, versículo 13 menciona: “*Vos prescreveu a mesma religião que havia prescrito à Noé, a qual te revelamos, a qual havíamos recomendado a Abraão, a Moisés e a Jesus*”,

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النحل آية ٨٩ :
﴿... وَنَزَّلْنَا عَلَيْكَ الْكِتَابَ تَبْيَانًا لِّكُلِّ شَيْءٍ...﴾

E no capítulo 16 vers.89, “*Temos te revelado o Livro, que é uma explicação de tudo...*”

Assim, entendemos a partir desses versículos que o Alcorão não apenas abrange os significados e ensinamentos de todos os livros divinos revelados antes, mas também os completa. Tudo o que o homem precisa, em termos de sua vida espiritual e social, está contido e explicado no Alcorão.

A Qualidade Eterna do Alcorão

A perfeição e a totalidade do Alcorão provam que sua validade não está restrita a uma época ou lugar específico, já que qualquer coisa perfeita não necessita de nada para completá-la.

No capítulo 86, versículos 13 e 14, Deus confirma que o Alcorão é uma “*palavra conclusiva*” e não uma mera “*diversão*”.

Contém o mais puro dos ensinamentos com respeito à crença na vida após a morte e uma exposição das realidades da existência; ao mesmo tempo, abrange os fundamentos do correto comportamento humano. Uma vez que as leis que governam as relações humanas estão diretamente ligadas às suas crenças, um livro assim obviamente não pode ser anulado ou mudado com o passar do tempo.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الإسراء آية ١٠٥ :
﴿وَبِالْحَقِّ أَنْزَلْنَاهُ وَبِالْحَقِّ نَزَلَ...﴾

Como Ele (Deus) diz no capítulo 17 versículo 105: “*Revelamos o Alcorão com a verdade, e o (Livro) desceu com a Verdade*”. O que significa que as revelações e sua validade permanente são inseparáveis da Verdade.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة يونس آية ٣٢:
﴿... فَمَاذَا بَعْدَ الْحَقِّ إِلَّا الضَّلَالُ...﴾

Assim sendo, no capítulo 10 versículo 32 (diz): “*Fora da verdade o que há senão o erro?...*”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة فصلت:
﴿... وَإِنَّهُ لَكِتَابٌ عَزِيزٌ (٤١)
لَا يَأْتِيهِ الْبَاطِلُ مِنْ بَيْنِ يَدَيْهِ وَلَا مِنْ خَلْفِهِ (٤٢)...﴾

E no capítulo 41, versículos 41 e 42: “*Este é um Livro veraz por excelência. A falsidade não se aproxima dele, nem pela frente, nem por trás...*”

Em outras palavras, o Alcorão rejeita, com sua própria perfeição e totalidade, qualquer tentativa de alterá-lo; e nem na atualidade ou no futuro pode ser ab-rogado ou substituído. Muitos estudos foram realizados sobre a permanência da validade das leis apresentadas no Alcorão.

O leitor é aconselhado a consultá-los se julga necessário um conhecimento adicional do assunto; prosseguir no tópico aqui, (a posição do Alcorão na vida dos muçulmanos e a maneira em que isso é demonstrado) estará além do escopo desta obra.

O Alcorão é uma Prova Suficiente

O Alcorão, sendo composto de palavras e significados como qualquer outro livro, explica a si mesmo. Não permanece em silêncio quando a situação do texto exige provas. Além disso, não há razão para se acreditar que os termos alcorânicos signifiquem algo diferente dos que as palavras que são empregadas. O que quer dizer que todo ser humano, possuindo certo conhecimento do idioma árabe, pode claramente entender o sentido do Alcorão do mesmo modo que compreende quaisquer outras palavras escritas em árabe.

Existem muitos versículos que são dirigidos a um grupo específico, como a Tribo de Israel, ou aos crentes, aos descrentes e, às vezes, ao homem em geral (se dirigem com frases como “Ó vós que não credes”, “Ó povo do Livro” ou “Ó tribo de Israel” ou “Ó humanos”). O Alcorão discursa a eles, apresentando prova de sua veracidade ou desafiando-os a produzir um livro semelhante se duvidam que seja a palavra de Deus.

É evidente que não há nenhum sentido em se dirigir às pessoas em termos que elas não compreendam ou exigir que produzam algo similar àquilo que não tenha nenhum sentido para elas.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة محمد آية ٢٤:
﴿أَفَلَا يَتَذَكَّرُونَ الْقُرْآنَ أَمْ عَلَىٰ قُلُوبٍ أَقْفَالُهَا﴾

No capítulo 47, versículo 24, lemos: “*Porque não refletem sobre o Alcorão?*”, o que queria dizer que se o Livro fosse de outro que não Deus, encontrariam nele muitas contradições.

É claramente indicado no Alcorão que os versículos que possuem alguma sutileza ou particularidade de sentido exigem que o leitor reflita sobre eles para afastar quaisquer diferenças de interpretação ou incongruências que possam surgir à primeira vista. Também se conclui que se os mesmos versículos não possuíssem nenhum sentido aparente, não haveria nenhum ponto neles para que fossem considerados a fim de esclarecer algum problema aparente em sua

interpretação. Não existem indicações de outras fontes (tal como ocorre com as tradições proféticas) que exijam uma rejeição do aspecto manifesto do sentido do Alcorão.

Algumas pessoas argumentaram que se deve consultar somente os comentários do Profeta na elucidação dos sentidos do Alcorão. Esse argumento é inaceitável, uma vez que a base do comentário do Profeta e dos Imames dos Ahlul Bayt deve ser buscada no (próprio) Alcorão. É difícil imaginar que a validade do Alcorão seja dependente dos comentários do Profeta ou dos Imames de sua família. Antes, a confirmação da profecia e do imamato deve estar contida no Alcorão, que, por si só, é a prova autêntica e o documento da profecia.

Todavia, isso não contradiz o fato de que o Profeta e os Imames eram os responsáveis no que tange ao esclarecimento dos detalhes da *shariah* que não sejam aparentes a partir do texto alcorânico.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النحل آية ٤٤ :
﴿... وَأَنْزَلْنَا إِلَيْكَ الذِّكْرَ لِتُبَيِّنَ لِلنَّاسِ مَا نُزِّلَ إِلَيْهِمْ...﴾

Eles foram, da mesma maneira, encarregados do ensinamento do conhecimento contido no Livro, como se vê no seguinte versículo: “*E a ti revelamos a Mensagem para que esclareças os humanos, a respeito do que foi revelado...*” (C.16 – V.44)

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الحشر آية ٧ :
﴿... وَمَا آتَاكُمُ الرَّسُولُ فَخُذُوهُ وَمَا نَهَاكُمْ عَنْهُ فَانْتَهُوا...﴾

Uma reflexão semelhante ocorre no capítulo 59 versículo 7 onde, em referência ao código da prática e da lei trazido pelo Profeta à humanidade, o Alcorão afirma, “*Aceitai, pois, tudo o que o Mensageiro vos der, e abstende-vos de tudo quanto vos proíba*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النساء آية ٦٤ :
﴿وَمَا أَرْسَلْنَا مِنْ رَّسُولٍ إِلَّا لِيُطَاعَ بِإِذْنِ اللَّهِ...﴾

No capítulo 4 versículo 64 diz: “Jamais enviamos um mensageiro que não devesse ser obedecido com a anuência de Deus”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الجمعة آية ٢:
﴿هُوَ الَّذِي بَعَثَ فِي الْأُمِّيِّينَ رَسُولًا مِنْهُمْ يَتْلُو عَلَيْهِمْ آيَاتِهِ
وَيُزَكِّيهِمْ وَيُعَلِّمُهُمُ الْكِتَابَ وَالْحِكْمَةَ...﴾

E ainda, no capítulo 62 versículo 2, “Ele foi Quem escolheu, entre os iletrados, um Mensageiro de sua estirpe, para ditar-lhes os versículos, consagrá-los e ensinar-lhes o Livro e a Sabedoria...” De acordo com estes versículos, o Profeta é o explanador designado dos detalhes da *shariah* e também o mestre no que se refere ao Alcorão.

Ademais, de acordo com a tradição conhecida como *thaqalayn*, que foi confirmada por uma cadeia ininterrupta de narradores, o Profeta designou os Imames de sua família como seus sucessores. O que não nega que outros também, por meio de correta aplicação dos ensinamentos de mestres sinceros, possam compreender o sentido do Alcorão.

As Dimensões Interior e Exterior do Alcorão

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الجمعة آية ٢:
﴿وَاعْبُدُوا اللَّهَ وَلَا تُشْرِكُوا بِهِ شَيْئًا...﴾

No capítulo 4 versículo 36 Deus diz, “Adorai a Deus e não Lhe atribuais parceiros”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الحج آية ٣٠:
﴿... فَاجْتَنِبُوا الرِّجْسَ مِنَ الْأَوْثَانِ...﴾

O versículo proíbe os árabes pré-islâmicos a adorarem seus ídolos, assim como no capítulo 22 versículo 30 os conclama a: *“Afastai-vos da abominação da idolatria e evitai o perjúrio”*. Ao se refletir sobre isso fica claro que um ídolo pode existir em qualquer forma; portanto, a idolatria é proibida porque envolve submissão a uma entidade além de Deus.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة يس آية ٦٠:
﴿أَلَمْ أَعْهَدْ إِلَيْكُمْ يَا بَنِي آدَمَ أَنْ لَا تَعْبُدُوا الشَّيْطَانَ...﴾

No capítulo 36 versículo 60 Deus trata o demônio como um ídolo quando diz, *“Porventura não vos prescrevi, ó filhos de Adão, que não adorásseis Satã...”*

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الجاثية آية ٢٣:
﴿أَفَرَأَيْتَ مَنْ اتَّخَذَ إِلَهَهُ هَوَاهُ...﴾

Fica claro também que outra forma de idolatria é a submissão aos próprios desejos ou à vontade de outros, além da vontade de Deus, o que é indicado no capítulo 45 versículo 23 que se refere à *“Aquele que fez de seu desejo seu ídolo”*.

Portanto se faz evidente que uma pessoa não deve recorrer à ajuda de nenhum outro senão Deus e não esquecer Dele em nenhuma circunstância, pois se assim o fizer estará se distanciando de Deus. Submeter-se a outros é o mesmo que desprezar a Deus e isso é a própria essência da idolatria.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأعراف آية ١٧٩:
﴿وَلَقَدْ ذَرَأْنَا لِجَهَنَّمَ كَثِيرًا مِّنَ الْجِنِّ وَالإِنسِ...﴾

Assim, no capítulo 7 versículo 179 Deus diz daqueles que se recusam a adorá-lo: *“Temos criado para o inferno numerosos gênios e humanos... porque são os displicentes”*. O versículo, *“não lhe*

atribuais parceiros”, claramente proíbe a adoração dos ídolos, isto é, o homem não pode, sem a permissão de Deus, submeter-se a outros ou mesmo a seus próprios desejos, uma vez que tal submissão resultaria na negligência a Deus.

Desse modo, o simples, o texto aparente do versículo revela sentidos múltiplos e exemplifica uma característica que é encontrada por todo o Alcorão. Assim, o dizer do Profeta (relatado nos livros de hadith e comentários), fica evidente:

قال رسول الله ﷺ
﴿إن للقرآن ظهراً و بطناً، و لبطنه بطناً إلى سبعة أبطن﴾

“Em verdade, o Alcorão possui um interior e um exterior, e o interior possui sete dimensões”.

A Sabedoria Contida nos Dois Aspectos do Alcorão

A existência primária do homem, a vida temporária neste mundo, se assemelha a uma bolha no imenso oceano do universo material, e uma vez que todas as relações do homem dizem respeito à matéria, ele está, por toda sua vida, à mercê do movimento das ondas do oceano material. Todos seus sentidos estão ocupados com a matéria e seus pensamentos são influenciados pela informação sensorial. Comer, beber, erguer-se, falar, ouvir e todas as demais ações humanas, ocorrem na esfera da matéria e não na esfera do pensamento.

Além disso, ao refletir sobre conceitos como o amor, a inimizade, a ambição ou a nobreza, a pessoa chega a melhor compreendê-los traduzindo-os para a linguagem derivada dos sentidos ou dos objetos materiais, por exemplo, a atração magnética do amor, a chama da ambição ou que o ser humano seja uma “mina de sabedoria”.

A capacidade de entender o mundo dos significados, que é mais vasto do que o mundo material, varia de homem para homem. Para uma pessoa pode ser quase impossível imaginá-lo; outra pode percebê-lo somente nos termos mais superficiais, e outra, talvez consiga compreender com facilidade os mais profundos conceitos espirituais.

É possível dizer que tanto maior a capacidade do homem de compreender os significados, menos estará ele ligado ao mundo material e à sua atração, à sua aparência enganosa. Por sua própria natureza, cada pessoa possui um potencial para entender os significados espirituais e, contanto que não rejeite essa capacidade, ela poderá ser cultivada e desenvolvida.

Não é algo simples reduzir o significado de um nível de compreensão para outro sem que se perca seu sentido. O que é especialmente verdadeiro no que diz respeito aos significados que possuem grande sutileza, a qual não pode ser transmitida, sobretudo para as pessoas comuns, sem uma adequada explicação. Como exemplo, podemos mencionar o hinduísmo: alguém que reflita profundamente sobre as escrituras védicas e que estude os diferentes aspectos de sua mensagem perceberá por fim que sua meta fundamental é a adoração de um Deus único.

Infelizmente, essa meta é explicada de um modo tão complicado que o conceito de unicidade chega à mente das pessoas comuns na forma de idolatria e do reconhecimento de muitos deuses. Para evitar tais problemas, se faz necessário comunicar os significados ocultos além do mundo da matéria numa linguagem que esteja enraizada neste mesmo mundo da matéria e que seja prontamente compreensível.

De fato, algumas religiões privaram seus seguidores de direitos que a própria religião lhes havia conferido; as mulheres, por exemplo, no hinduísmo, no judaísmo e no cristianismo, a quem, em geral, é negado o acesso ao conhecimento de seus livros sagrados. O Islam não priva ninguém de seus direitos no *din*, e homem e mulher, sábio ou leigo, negro ou branco são iguais no que se refere ao acesso à religião.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة آل عمران آية ١٩٥:

﴿أَنْتِي لَا أُضِيعُ عَمَلَ عَامِلٍ مِّنْكُمْ مِّنْ ذَكَرٍ أَوْ أَنْتِي بَعْضُكُمْ مِّنْ بَعْضٍ...﴾

Deus afirma isso no capítulo 3 versículo 195: “*Nunca desmerecerei a obra de qualquer um de vós, seja homem ou mulher...*” E outra vez, no capítulo 49 versículo 13: “*Ó humanos, em verdade vos criamos de macho e fêmea e vos dividimos em povos e tribos, para reconhecerdes uns aos outros. Sabei que o mais honrado dentre vós, perante Deus, é o mais temente. Sabei que Deus é sapientíssimo e que está bem inteirado*”.

Assim, o Alcorão dirige seus ensinamentos à humanidade em geral e afirma que todo homem pode se desenvolver no conhecimento, e com isso, aperfeiçoar seu comportamento. Na verdade, o Alcorão dirige seus ensinamentos especificamente ao mundo do homem. Uma vez que, como mencionamos antes, cada homem possui uma capacidade diferente de entendimento; e desde que a explicação do conhecimento sutil não ocorre sem o risco do equívoco, o Alcorão dirige seus ensinamentos primeiramente ao nível do homem comum.

Desse modo, o mais sutil dos significados pode ser explicado e idéias e sentidos múltiplos podem ser expressos às pessoas simples, estabelecendo-se correlações entre tais conceitos e os sentidos sensoriais concretos; o significado, portanto, é sempre inerente ao literal das palavras. O Alcorão se revela de um modo apropriado para os diferentes níveis de compreensão de maneira que cada um se beneficia de acordo com sua própria capacidade.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الزخرف:

﴿إِنَّا جَعَلْنَاهُ قُرْآنًا عَرَبِيًّا لَعَلَّكُمْ تَعْقِلُونَ (٣)

وَإِنَّهُ فِي أُمَّ الْكِتَابِ لَدَيْنَا لَعَلِّي حَكِيمٌ (٤)﴾

No capítulo 43 versículos 3 e 4 Deus enfatiza essa idéia: “*Nós o fizemos um Alcorão árabe, a fim de que o compreendêsseis.*”

E em verdade, encontra-se na mãe dos Livros, em Nossa presença, e é altíssimo, prudente”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الرعد آية ١٧ :
﴿أَنْزَلَ مِنَ السَّمَاءِ مَاءً فَسَالَتْ أَوْدِيَةٌ بِقَدَرِهَا ...﴾

Deus descreve a diferença de capacidade de compreensão dos homens na seguinte metáfora no capítulo 13 versículo 17: *“Ele faz descer a água do céu, que corre pelos vales, de modo mesurado...”*

قال الرسول الأكرم ﷺ :
﴿أنا معاشر الأنبياء نكلم الناس على قدر عقولهم﴾

E o Profeta, numa famosa tradição diz: *“Nós, os profetas, falamos às pessoas de acordo com a capacidade de seu intelecto”.*

Outro resultado da multiplicidade de significados dentro do Alcorão é que os versículos carregam um sentido além de seu texto exposto. Certos versículos contêm metáforas que indicam a gnose divina muito além da compreensão humana, mas que, ainda assim, se tornam compreensíveis por meio de sua forma metafórica.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الإسراء آية ٨٩ :
﴿وَلَقَدْ صَرَّفْنَا لِلنَّاسِ فِي هَذَا الْقُرْآنِ مِنْ كُلِّ مَثَلٍ فَأَبَى أَكْثَرُ النَّاسِ إِلَّا كُفُورًا﴾

Deus diz no capítulo 17 versículo 89: *“Temos exposto neste Alcorão toda sorte de exemplos, para os humanos, porém, a maioria o nega”.*

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة العنكبوت آية ٤٣ :
﴿وَتِلْكَ الْأَمْثَالُ نَضْرِبُهَا لِلنَّاسِ وَمَا يَعْقِلُهَا إِلَّا الْعَالِمُونَ﴾

E ainda no capítulo 29 versículo 43 Deus fala da metáfora como um meio de expressão: “*E estas parábolas, citamo-las aos humanos, porém, só os sensatos as compreendem*”.

Por conseguinte, devemos concluir que todos os ensinamentos alcorânicos que tratam do conhecimento profundo e sutil estão na forma de similitudes.

Os Dois Tipos de Versículos Alcorânicos: O Explícito e o Implícito

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة هود آية ١:

﴿... كِتَابٌ أُحْكِمَتْ آيَاتُهُ...﴾

No capítulo 11 versículo 1 Deus diz do Alcorão: “*Eis o Livro com os versículos fundamentais*”. E com isso concluímos o sentido de “*cujos significados são perfeitos, bem detalhados, estabelecidos e seguros*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الزمر آية ٢٣:

﴿اللَّهُ نَزَّلَ أَحْسَنَ الْحَدِيثِ كِتَابًا مُتَشَابِهًا مَثَانِيَ تَقْشَعِرُّ مِنْهُ جُلُودُ الَّذِينَ يَخْشَوْنَ رَبَّهُمْ...﴾

No capítulo 39 versículo 23, se lê: “*Deus revelou a mais bela mensagem: um Livro homogêneo e reiterativo. Por ele, arrepiam-se as peles daqueles que temem a seu Senhor...*”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة آل عمران آية ٧:

﴿هُوَ الَّذِي أَنْزَلَ عَلَيْكَ الْكِتَابَ مِنْهُ آيَاتٌ مُحْكَمَاتٌ هُنَّ أُمُّ الْكِتَابِ وَأُخْرُ مُتَشَابِهَاتٌ فَأَمَّا الَّذِينَ فِي قُلُوبِهِمْ زَيْغٌ فَيَتَّبِعُونَ مَا تَشَابَهَ مِنْهُ ابْتِغَاءَ الْفِتْنَةِ وَابْتِغَاءَ تَأْوِيلِهِ وَمَا يَعْلَمُ تَأْوِيلَهُ إِلَّا اللَّهُ وَالرَّاسِخُونَ فِي الْعِلْمِ يَقُولُونَ آمَنَّا بِهِ كُلٌّ مِّنْ عِنْدِ رَبِّنَا...﴾

No capítulo 3 versículo 7, Ele diz: “*Ele foi quem te revelou o Livro; nele há versículos explícitos, que são a base do Livro, havendo outros alegóricos. Aqueles, cujos corações abrigam a dúvida, seguem os alegóricos, a fim de causarem dissensões, interpretando-os capciosamente, Porém, ninguém, senão Deus, conhece a sua verdadeira interpretação. Os sábios dizem: Cremos nele (o Alcorão), tudo emana de nosso Senhor...*”

O primeiro dos versículos descreve as seções do Alcorão cujo sentido é explícito, claro, livre de contradições e isento de (possíveis) interpretações errôneas. O segundo se refere a todos os versículos cujo sentido é implícito, e que são considerados alegóricos. A seguir, indica que os dois tipos partilham de características comuns: beleza, elegância de linguagem e um poder miraculoso de expressão, que estão presentes em todo o Alcorão. O terceiro versículo em análise divide o Alcorão em duas partes: a explícita e a implícita, a clara e a alegórica, ou em termos alcorânicos, o “*muhkam*” e o “*mutashabih*”.

O “*muhkam*” e os versículos que são explícitos, claros e diretos em sua mensagem, e que, portanto, não podem ser mal entendidos, (por outro lado) os versículos “*mutashabih*” não são dessa natureza. É obrigação de todo crente ter fé e agir de acordo com os versículos “*muhkam*”. É igualmente sua obrigação crer nos versículos “*mutashabih*”, porém, ele deve se abster de agir de acordo com eles; essa injunção se baseia na premissa de que somente aqueles cujo coração esteja corrompido ou que cuja crença seja falsa seguem o implícito (*mutashabih*), forjando interpretações, e, com isso, fraudando as pessoas comuns.

Os Significados dos Versículos Explícitos e Implícitos, segundo os Comentadores e Eruditos.

Há muita diferença de opinião entre os eruditos islâmicos com respeito ao significado dos versículos explícitos e implícitos, chegando a quase vinte diferentes pontos de vista sobre a matéria. Nós podemos, contudo, concluir a partir das opiniões dos comentadores, desde o tempo do Profeta até nossos dias, que os versículos explícitos são claros e livres de contradição, e que uma pessoa tem o dever de acreditar e agir de acordo com esses versículos.

Os versículos implícitos, por outro lado, são aqueles cujo aspecto aparente parece expressar um sentido, mas que contêm um sentido mais verdadeiro adicional cuja interpretação somente é conhecida por Deus; o homem não tem acesso a ele. Entretanto, ele tem o dever de crer nesses versículos, porém, não deve agir de acordo com eles.

Essa opinião é confirmada entre os sábios sunitas. É também sustentada pelos sábios xiitas, com exceção daqueles que crêem que o Profeta e os Imames de sua família também compreendiam os sentidos ocultos. Eles também sustentam que o homem comum deve buscar o conhecimento dos versículos implícitos a partir dos ensinamentos de Deus, do Profeta e dos Imames.

Essa opinião, embora sustentada pela maior parte dos comentadores, não está, em vários aspectos, de acordo com o texto do início do versículo, *“Ele foi quem revelou o Livro; nele há versículos explícitos, que são a fonte (base) do Livro...”*

O Método de Orientação e Explicação Empregado no Resto do Alcorão

Isto podemos atribuir, primeiramente, ao fato de que não há nenhum versículo cujo sentido seja totalmente obscuro uma vez que o Alcorão descreve a si próprio como uma luz, uma orientação e uma explicação. Assim, não é correto que existam versículos que não revelem seu sentido, ou que não se esclareça o Alcorão como um todo.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النساء آية ٨٢:
﴿أَفَلَا يَتَذَكَّرُونَ الْقُرْآنَ وَلَوْ كَانَ مِنْ عِنْدِ غَيْرِ اللَّهِ لَوَجَدُوا فِيهِ اخْتِلَافًا كَثِيرًا﴾

Devemos examinar novamente o versículo, “*Não meditam acaso, no Alcorão? Se fosse de outra origem, que não de Deus, haveria nele muitas discrepâncias*”. (C.4 – V.82)

Portanto, a reflexão sobre o Alcorão removerá todo tipo de aparentes incompatibilidades tornando inaceitável que se diga, como faz a maior parte dos sábios, que os versículos implícitos não podem ser totalmente entendidos e que as aparentes contradições não podem ser resolvidas.

Outros eruditos dizem que o que se quer dizer com “versículos implícitos” são as letras encontradas no início de algumas *suras*¹.

Contudo, devemos lembrar que os versículos implícitos são assim chamados quando lidos em relação com os explícitos. O que indica que acompanhando o sentido oculto do versículo implícito, há um sentido superficial (ou literal) e desse modo, os sentidos real e aparente estão juntos numa intrincada relação.

1. Que são conhecidas como letras “*muqatta’ah*”, tais como Alif, Lam, Mim, Alif, Lam, Ra, Ha Mim, cujo sentido real é desconhecido.

Deve ser entendido que as letras de abertura de certas *suras* (capítulos) não possuem nenhum sentido literal. Ao que parece, um grupo de extraviados usaram os versículos implícitos para desviar as pessoas, porém, jamais se ouviu no Islam sobre alguém que tenha usado as letras “*muqatta’ah*” para fazer isso.

Alguns comentadores dizem que o significado da palavra “*mutashabih*”, (no versículo), se refere à famosa história dos judeus que desejavam encontrar uma indicação da duração do Islam na ordem das letras, porém, o Profeta costumava recitá-las uma a uma e assim, confundia seus cálculos. Essa opinião também é infundada já que, mesmo se a história for verdadeira, não é de suficiente impacto, nem de convicção, para ser considerada uma interpretação para o sentido dos versículos implícitos. Qualquer coisa que os judeus falassem, não conteria qualquer intenção maligna, pois, mesmo se a religião, o *din*, do Islam, fosse de um período limitado (e assim, sujeito à ab-rogação) suas observações não seriam de modo alguma uma crítica para a pureza e a realidade do Islam, considerando que todas as religiões reveladas por Deus anteriores ao Islam foram limitadas a certo período e passíveis de ab-rogação.

Em segundo lugar, essa opinião implica que a palavra “*ta’wil*” (que pode ser traduzida por “interpretação”) no versículo se refira a um sentido diverso ao do sentido literal e aparente e que seja empregado apenas como uma referência aos versículos implícitos. Tal suposição é incorreta, como veremos num capítulo posterior que trata da exegese “*ta’wil*” e da revelação “*tanzil*” (do texto, letra ou versículo). Como a exegese na terminologia alcorânica não se refere a um sentido, mas a vários, abrange termos como realização, cumprimento, interpretação e explicação.

Também discutiremos como todos os versículos alcorânicos possuem uma interpretação específica, e não apenas suas definições explícitas e implícitas. Ao se examinar (o versículo), as palavras versículos explícitos (*ayat muhkamat*) se encontram para descrever a frase “*Elas são a fonte (a base) do Livro*”, significando que os versículos explícitos incluem os assuntos mais importantes do Livro, e que o tema do resto dos versículos é secundário e que depende dos primeiros.

O que dá a entender que o ponto real tencionado a ser transmitido pelos versículos implícitos se refere aos versículos explícitos. Assim, os significados do implícito são esclarecidos por meio da consulta a fonte dos versículos explícitos. Portanto, não nos restam quaisquer versículos que não possuam uma óbvia indicação no que tange a seu verdadeiro sentido; ou são absolutamente claros, por serem versículos explícitos ou, no caso dos versículos implícitos, se esclarecem por meio de outros versículos. Quanto às letras no início das *suras* (capítulos), não possuem qualquer sentido aparente já que não são vocábulos no sentido normal e não detêm nenhum sentido compreensível ao ser humano; assim, estão fora da classificação de explícitos ou implícitos. E ainda, sugerimos ao leitor um exame do seguinte versículo a fim de enfatizar a veracidade de nossa opinião: *“E por que não meditam acerca do Alcorão? Acaso há cadeados em seus corações?”*

E também, o versículo, *“Não meditam acaso, no Alcorão? Se fosse de outra origem, que não de Deus, haveria nele muitas discrepâncias”*.

O Comentário dos Imames da Família do Profeta com respeito aos Versículos Implícitos e Explícitos

O que fica claro de diferentes comentários dos Imames é que sempre há um meio de descobrir o verdadeiro sentido e o propósito dos versículos implícitos. Cada versículo, ainda que seu sentido não seja aparente, pode ser explicado com a consulta de outros. Portanto, o verdadeiro sentido dos versículos implícitos pode ser descoberto na relação deles com os versículos explícitos.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة طه آية ٥ :

﴿الرَّحْمَنُ عَلَى الْعَرْشِ اسْتَوَى﴾

Por exemplo, o versículo “*Do Clemente, Que assumiu o Trono*”. (C.20 – V.5),

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الفجر آية ٢٢:

﴿وَجَاءَ رَبُّكَ...﴾

E também o versículo, “*E aparecer o teu Senhor...*” (C.89 – V.22)

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الشورى آية ١١:

﴿... لَيْسَ كَمِثْلِهِ شَيْءٌ...﴾

Parecem atribuir características físicas à Deus, porém, quando comparados com o versículo, “*Nada se assemelha a Ele...*” (C.42 – V.11) fica evidente que o ato de “assumir o trono” ou o de “aparecer” têm um sentido diferente do ato físico.

قال رسول الله ﷺ:

﴿و ان القرآن لم ينزل ليكذب بعضه بعضا،

ولكن نزل يصدق بعضه بعضا،

فما عرفتم فاعملوا به وما تشابه عليكم فآمنوا به﴾

O Profeta, descrevendo o Alcorão, diz, “*Em verdade, o Alcorão não foi revelado de modo a que uma parte contradiga a outra, mas para que uma parte confirme a outra. De maneira que, deveis agir de acordo com o que compreendais dele e quanto aquilo que não esteja claro para vós, simplesmente credes (em sua Fonte divina)*”.

قال أمير المؤمنين علي ابن أبي طالب ؑ:

﴿يشهد بعضه على بعض وينطق بعضه ببعض﴾

O Comandante dos Fiéis, Ali, disse que uma parte do Alcorão presta testemunho de outra e uma parte esclarece a outra. O sexto Imam disse que o versículo explícito é aquele que uma pessoa age de acordo com ele, e o implícito é o que é obscuro apenas para aquele que ignora o seu verdadeiro sentido.

A partir dessas narrativas, podemos concluir que a questão do explícito e do implícito é relativa, é possível que um versículo pareça explícito para uma pessoa e implícito para outra.

قال الإمام الرضا عليه السلام:

﴿من رد متشابه القرآن إلى محكمه هدي إلى صراط مستقيم﴾

Diz-se do oitavo Imam que ele considerava a pessoa “*que consultasse os versos implícitos do Alcorão consultando os versículos explícitos correspondentes*” como a que tinha “encontrado a orientação na senda reta”.

وقال أيضاً عليه السلام:

﴿ان في اخبارنا تشابها كمتشابه القرآن﴾

﴿فردوا متشابهها إلى محكمها ولا تتبعوا متشابهها فتضلوا﴾

Também se relatou dele que tenha dito: “*Em verdade, em nossas tradições estão registrados os versículos implícitos como semelhantes aos explícitos do Alcorão, portanto, consultem o implícito em seu versículo explícito correspondente, e não sigam o implícito nem se desviem*”.

Assim sendo, fica claro a partir dessas tradições, e, sobretudo, da última delas, que o versículo implícito é um versículo que não possui um sentido evidente sem a referência do versículo explícito, e não que não haja um meio de compreendê-lo.

O Alcorão Possui Revelação e Exegese

Discutiremos a palavra exegese, “*ta’wil*”, em relação a três versículos do Alcorão.

Primeiramente, nos versículos que dizem respeito ao implícito e ao explícito:

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة آل عمران آية ٧:
﴿... فَأَمَّا الَّذِينَ فِي قُلُوبِهِمْ زَيْغٌ فَيَتَّبِعُونَ مَا تَشَابَهَ مِنْهُ ابْتِغَاءَ الْفِتْنَةِ
وَابْتِغَاءَ تَأْوِيلِهِ وَمَا يَعْلَمُ تَأْوِيلَهُ إِلَّا اللَّهُ...﴾

“Aqueles cujos corações abrigam a dúvida, seguem os alegóricos, a fim de causarem dissensões, interpretando-os capciosamente. Porém, ninguém, senão Deus conhece sua verdadeira interpretação”.
(C.3 – V.7)

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأعراف:
﴿وَلَقَدْ جِئْنَاهُمْ بِكِتَابٍ فَصَّلْنَاهُ عَلَىٰ عِلْمٍ هُدًى وَرَحْمَةً لِّقَوْمٍ يُؤْمِنُونَ (٥٢)
هَلْ يَنْظُرُونَ إِلَّا تَأْوِيلَهُ يَوْمَ يَأْتِي تَأْوِيلَهُ يَقُولُ الَّذِينَ نَسُوهُ مِنْ قَبْلُ قَدْ جَاءَتْ
رُسُلٌ رَبِّنَا بِالْحَقِّ (٥٣)﴾

Em segundo lugar, os versículos:

“Não obstante lhes termos apresentado um Livro, o qual lhes elucidamos sabiamente, e é orientação e misericórdia para os crentes. Esperam, acaso, algo além da comprovação?” (aqui a palavra *ta’wil* é empregada indicando o surgimento ou o esclarecimento do sentido).

“O Dia em que esta chegar àqueles que tiverem desdenhado, dirão: Os mensageiros de nosso Senhor nos apresentaram a verdade”.
(C.7 – V.52 e 53)

Em terceiro lugar, os versículos:

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة يونس:

﴿وَمَا كَانَ هَذَا الْقُرْآنُ أَنْ يُفْتَرَىٰ مِنْ دُونِ اللَّهِ وَلَكِنْ تَصْدِيقَ الَّذِي بَيْنَ يَدَيْهِ وَتَفْصِيلَ الْكِتَابِ لَا رَيْبَ فِيهِ مِنْ رَبِّ الْعَالَمِينَ (٣٧) أَمْ يَقُولُونَ افْتَرَاهُ قُلْ فَأْتُوا بِسُورَةٍ مِثْلِهِ وَادْعُوا مَنْ اسْتَطَعْتُمْ مِّنْ دُونِ اللَّهِ إِنْ كُنْتُمْ صَادِقِينَ (٣٨) بَلْ كَذَّبُوا بِمَا لَمْ يُحِيطُوا بِعَلْمِهِ وَلَمَّا يَأْتِهِمْ تَأْوِيلُهُ كَذَلِكَ كَذَّبَ الَّذِينَ مِن قَبْلِهِمْ فَانظُرْ كَيْفَ كَانَ عَاقِبَةُ الظَّالِمِينَ (٣٩)﴾

“É impossível que este Alcorão tenha sido elaborado por outro que não Deus (...) Porém, desmentiram o que não lograram conhecer, mesmo quando sua interpretação não lhes havia chegado. Do mesmo modo que seus antepassados desmentiram. Repara, pois, qual foi o destino dos iníquos”. (C.10 – V.37 e 39)

Concluindo, devemos observar que a palavra exegese (*ta'wil*) provém da palavra “*awl*”, que significa retorno. Como tal, *ta'wil* significa o sentido específico para o qual o versículo se refere. O significado da revelação “*tanzi*”, ao contrário de “*ta'wil*”, é claro ou de acordo com o sentido óbvio das palavras como foram reveladas.

O Significado de Exegese, segundo os Comentadores e Eruditos

Há um considerável desacordo no que se refere ao significado de exegese, e é possível contar mais de uma dezena de opiniões diferentes. Existem, todavia, duas opiniões que adquiriram aceitação geral. A primeira é a da primeira geração de eruditos que utilizava o termo exegese como sinônimo para comentário, ou “*tafsir*”.

De acordo com essa opinião, todos os versículos alcorânicos estão abertos ao “*ta'wil*”, embora de acordo com o versículo, “*ninguém, senão Deus conhece sua verdadeira interpretação*”, são os versículos

implícitos cuja interpretação somente é conhecida por Deus. Por isso, muitos dos primeiros eruditos disseram que os versículos implícitos eram as letras do início das *suras*, uma vez que eram os únicos versículos cujo sentido não era conhecido por ninguém.

Essa interpretação foi demonstrada na seção anterior como sendo correta, uma opinião que é partilhada por alguns dos sábios posteriores. Eles argumentaram que desde que há um meio de descobrir o sentido de qualquer versículo, e, sobretudo já que as letras *muqatta'ah* não estão, obviamente, na mesma classificação dos versículos implícitos, então a distinção entre ambos é evidente.

A segunda, a opinião dos eruditos posteriores é que a exegese se refere ao significado de um versículo além de seu sentido literal, e que nem todos os versículos possuem exegese, somente os implícitos, cujo sentido último é conhecido apenas por Deus. Os versículos em questão aqui são aqueles que se referem às características humanas de ir, vir, sentar, ou de satisfação, ira e tristeza, aparentemente atribuídas a Deus; e também, aqueles versículos que aparentemente atribuem erros aos mensageiros e profetas de Deus (quando, na realidade, eram infalíveis).

A opinião de que o termo exegese se refere a um sentido diverso do aparente se tornou plenamente aceito. Ademais, na divergência de opiniões entre os eruditos, exegese passou a significar “transferir” o sentido aparente de um versículo para um sentido diferente por meio de uma prova chamada “*ta'wil*”; esse método não é livre de evidentes incompatibilidades.

Muito embora essa opinião tenha adquirido considerável aceitação, é incorreta e não pode ser aplicada aos versículos alcorânicos pelas seguintes razões:

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأعراف آية ٥٣:

﴿هَلْ يَنْظُرُونَ إِلَّا تَأْوِيلَهُ...﴾

Primeira, os versículos “*Esperam eles, algo além da comprovação?*” (C.7 – V.53)

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة يونس آية ٣٩:
 ﴿بَلْ كَذَّبُوا بِمَا لَمْ يُحِيطُوا بِعِلْمِهِ وَلَمَّا يَأْتِهِمْ تَأْوِيلُهُ...﴾

E, “*Porém, desmentiram o que não lograram conhecer, mesmo quando a sua interpretação não lhes havia chegado*” (C.10 V.39) indicam que todo o Alcorão possui exegese, e não apenas os versículos implícitos, como afirmou esse grupo de eruditos.

Segunda, o que se deduz dessa opinião é que há versículos alcorânicos cujo sentido verdadeiro é confuso e está oculto às pessoas, somente Deus o conhece. Entretanto, um livro que se declara como um desafio e dotado de excelência em sua brilhante linguagem dificilmente seria considerado eloqüente se não transmitisse o sentido de suas próprias palavras.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النساء آية ٨٢:
 ﴿أَفَلَا يَتَذَكَّرُونَ الْقُرْآنَ وَلَوْ كَانَ مِنْ عِنْدِ غَيْرِ اللَّهِ لَوَجَدُوا فِيهِ اخْتِلَافًا كَثِيرًا﴾

Terceira, se aceitássemos essa opinião, então a validade do Alcorão seria passível de questionamento, já que, de acordo com o versículo, “*Por que não refletem sobre o Alcorão, se fosse de outra fonte que não Deus encontrariam nele muitas discrepâncias*” (C. 4 - V. 82)

Uma das provas de que o Alcorão não é palavra humana é que, a despeito de ter sido revelado em circunstâncias amplamente variadas e difíceis, não há contradição nele, nem em seu sentido literal tampouco em seu sentido interior, e qualquer contradição inicial desaparece com a reflexão.

Caso se creia que um grupo de versículos implícitos esteja em desacordo com o “*muhkam*” ou os versículos explícitos, esse desacordo pode ser resolvido explicando-se que o que é tencionado transmitir não é o sentido literal, mas outro sentido conhecido somente

por Deus. Contudo, essa explicação nunca provará que o Alcorão “não seja palavra humana”. Se pela exegese mudamos alguma contradição nos versículos explícitos ou “*muhkam*”, para outro sentido além do literal, é evidente que podemos também fazer isso com o texto escrito ou falado de origem humana.

Quarta, não há prova de que exegese indique um sentido diferente do literal e que, nos versículos alcorânicos que mencionam o termo exegese, o sentido literal não seja o propósito expresso.

Em três ocasiões na história de José, a interpretação de seu sonho é chamada de “*ta’wil*”. É evidente que a interpretação de um sonho não é fundamentalmente diferente da aparência do sonho; é a interpretação do que é retratado numa forma particular no sonho. Assim, José viu seu pai, sua mãe e seus irmãos no chão na forma do sol, da lua e das estrelas. De modo semelhante, o Faraó viu os sete anos de seca na forma de sete vacas magras que comiam sete vacas gordas e também, as sete espigas verdes e as sete espigas secas. E da mesma maneira, os sonhos dos dois companheiros de José na prisão; um viu a si mesmo servindo vinho ao Faraó (na forma de estar espremendo uvas), enquanto o segundo viu a si mesmo crucificado (na forma de se ver levando uma cesta de pães na cabeça, que era picada por pássaros). O sonho do Faraó é relatado na mesma *sura*, no versículo 43, e sua interpretação é anunciada por José, nos versículos 47 a 49 quando ele diz,

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة يوسف:

﴿قَالَ تَزْرَعُونَ سَبْعَ سِنِينَ دَأْبًا فَمَا حَصَدْتُمْ فَذَرُوهُ فِي سُنْبُلِهِ إِلَّا قَلِيلًا مِّمَّا تَأْكُلُونَ

(٤٧) ثُمَّ يَأْتِي مِنْ بَعْدِ ذَلِكَ سَبْعٌ شِدَادٌ يَأْكُلْنَ مَا قَدَّمْتُمْ لَهُنَّ إِلَّا قَلِيلًا مِّمَّا

تُحْصِنُونَ (٤٨) ثُمَّ يَأْتِي مِنْ بَعْدِ ذَلِكَ عَامٌ فِيهِ يُغَاثُ النَّاسُ وَفِيهِ يَعْرِضُونَ (٤٩)﴾

“Semearis durante sete anos, segundo o costume, e do que colherdes deixai ficar tudo em suas espigas, exceto o pouco que haveis de consumir, Então virão, depois disso, sete (anos) estereis, que consumirão o que tiverdes colhido para isso, menos o pouco

que tiverdes poupado. Depois disso virá um ano, no qual as pessoas serão favorecidas com chuvas, em que espremerão (os frutos)” (C. 12 - V. 47 a 49)

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة يوسف آية ٣٦:

﴿... إِنِّي أَرَانِي أَعْطِلُ فَوْقَ رَأْسِي خُبْزًا تَأْكُلُ الطَّيْرُ مِنْهُ...﴾

Os sonhos dos companheiros de José na prisão são citados no versículo 36 da mesma *sura*. Um dos jovens diz a José, “*Sonhei que carregava uma cesta de pães sobre minha cabeça, que era picada por pássaros*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة يوسف آية ٤١:

﴿يَا صَاحِبِي السِّجْنِ أَمَّا أَحَدُكُمْ فَيَسْقِي رَبَّهُ خَمْرًا
وَأَمَّا الْآخَرُ فَيُصَلِّبُ فَتَأْكُلُ الطَّيْرُ مِنْ رَأْسِهِ...﴾

A interpretação do sonho é relatada por José no versículo 41, “*Ó meus companheiros de prisão, um de vós servirá vinho a seu rei e o outro será crucificado, e os pássaros picar-lhe-ão a cabeça...*”.

Numa forma semelhante, Deus relata a história de Moisés e de Khidr² no capítulo 18 (al Kahf) versículos 71 a 82. Khidr faz um buraco no casco dos barcos; em seguida, assassina um jovem e, finalmente, restaura um muro arruinado. Após cada evento, Moisés protestava e Khidr explicava o sentido e a realidade de cada ato executado seguindo ordens de Deus, a isso ele chamou de “*ta’wil*”.

Portanto, fica evidente que a realidade do evento e da imagem do sonho que retratava o evento era basicamente a mesma: o “*ta’wil*” ou interpretação, não possuindo um sentido diferente do aparente.

2. A quem o Alcorão descreve como um servo justo de Deus, possuidor de uma grande sabedoria e conhecimento místico.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الإسراء آية ٣٥:

﴿وَأَوْفُوا الْكَيْلَ إِذَا كِلْتُمْ وَزِنُوا بِالْقِسْطَاسِ الْمُسْتَقِيمِ ذَلِكَ خَيْرٌ وَأَحْسَنُ تَأْوِيلًا﴾

Deus também diz, mencionando os pesos e medidas, “*E quando instituídes a medida fazei-o corretamente, pesai na balança justa, porque isto é mais vantajoso e de melhor consequência*”. (Isto é, mais conveniente na determinação final do Dia do Acerto de Contas) (C.17 – V.35)

É óbvio que o termo *ta'wil* empregado aqui a respeito da medida e do peso se refere ao trato justo nas práticas comerciais. Assim, o *ta'wil* empregado desse modo não é diferente do sentido literal das palavras “*medida*” e “*peso*”, somente aprofunda e expande o significado mundano para incluir a dimensão espiritual. Essa dimensão espiritual possui significado para o crente que tem em mente o ajuste de contas no dia final em conjunto com o seu ajuste de contas cotidiano nos assuntos comerciais.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النساء آية ٥٩:

﴿... فَإِن تَنَازَعْتُمْ فِي شَيْءٍ فَرُدُّوهُ إِلَى اللَّهِ وَالرَّسُولِ ...
ذَلِكَ خَيْرٌ وَأَحْسَنُ تَأْوِيلًا﴾

Em outro versículo Deus novamente emprega o termo *ta'wil*, “*Se disputardes sobre qualquer questão, recorrei a Deus e Seu Mensageiro... porque isso vos será preferível e de melhor resultado*”. (C.4 – V.59)

Está evidente que o sentido de *ta'wil* e a referência da disputa a Deus e a Seu Mensageiro é para estabelecer a unidade na sociedade e para demonstrar como cada ação ou evento numa comunidade possui um significado espiritual. Assim, o *ta'wil* se refere a uma realidade ordinária tangível e não está em oposição ao texto nos versículos que se referem à disputa.

Ao todo, existem seis ocasiões no Alcorão em que o termo *ta'wil* é empregado, porém, em nenhuma ocasião possui um sentido diferente ao do texto literal. Podemos dizer, que o termo *ta'wil* é utilizado para ampliar a idéia expressa até incluir um sentido adicional que, (como ficará claro na próxima seção) ainda está de acordo com a palavra “*ta'wil*” que ocorre no versículo.

Portanto, considerando esses exemplos, não há razão alguma para que entendamos o termo *ta'wil* no versículo sobre o sentido explícito (*muhkam*), implícito ou “*mutashabih*” com o propósito de indicar um sentido basicamente diverso do aparente.

O Significado de Exegese na Tradição das Ciências Alcorânicas

O que é evidente dos versículos em que o termo *ta'wil* ocorre é que não indica um sentido literal. Está claro que as palavras expressas do sonho descrito no capítulo 12 (José), não contém em si mesmas a interpretação literal do sonho; o sentido do sonho se torna claro a partir da interpretação.

E, da mesma maneira, na história de Moisés e de Khidr, as palavras expressas não são a mesma interpretação dada por Khidr a Moisés. Além disso, no versículo, “*Se disputardes sobre qualquer questão, recorrei a Deus e Seu Mensageiro*” não há qualquer indicação literal imediata de que o que se pretenda dizer seja a unidade do Islam.

Assim, embora as palavras indiquem algo que não é essencialmente diferente de seu sentido literal, há, entretanto, em todos os versículos a mesma mudança de perspectiva, isto é, das palavras expressas para o sentido que se pretende transmitir.

Ademais, todos os significados se baseiam numa situação real, num evento psíquico real. No caso do sonho, a interpretação possui uma realidade exterior que aparece antes de sua real ocorrência numa

forma específica para o sonhador. De modo idêntico, na história de Moisés e Khidr, a interpretação que o segundo dá é, de fato, uma realidade que ocorrerá como resultado de sua ação.

Portanto, a interpretação do evento está arraigada no (próprio) evento. No versículo que ordena a negociação e a medição honesta ao homem, o aspecto do versículo é uma realidade que surge como um benefício social. Assim, a ordem está conectada ao efeito e supõe a prosperidade da sociedade e, particularmente, do comércio. No versículo que diz respeito ao ato de recorrer a Deus e a Seu Mensageiro, no caso de disputa, o sentido novamente se encontra ligado à realidade, isto é, à espiritualização da vida comunitária.

Para concluir, podemos dizer que a interpretação de cada versículo surge de uma realidade, a interpretação anseia de um modo sutil, que surja a realidade (a situação concreta) para que haja a abordagem. Portanto, seu significado contém e ao mesmo tempo se origina de um evento futuro ou ulterior. Da mesma maneira que o intérprete a torna expressiva, também sua manifestação já é uma realidade para ele.

A idéia também está presente na forma do Alcorão, uma vez que esse Livro Sagrado tem como sua fonte as realidades e significados diferentes das realidades e significados materiais ou físicos, e podemos dizer, além do nível sensorial. Portanto, expressa significados que são mais amplos do que os contidos nas palavras e frases empregadas pelo homem no mundo material. Ainda que essas realidades e significados não estejam contidos na explicação literal humana, o Alcorão usa a mesma linguagem para informar o homem do invisível e para produzir a crença correta e a boa ação.

Assim sendo, por meio da crença no invisível, no último dia e no encontro com Deus, o homem adota um sistema de princípios morais e uma qualidade de caráter que lhe permite alcançar a felicidade e o bem estar. Desse modo, o Alcorão produz um efeito espiritual que, por sua vez, gera uma mudança física na sociedade, cuja importância se tornará clara no Dia da Ressurreição e do encontro com Deus.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الزخرف:

﴿وَالْكِتَابِ الْمُبِينِ (٢) إِنَّا جَعَلْنَاهُ قُرْآنًا عَرَبِيًّا لَعَلَّكُمْ تَعْقِلُونَ (٣)
وَإِنَّهُ فِي أُمِّ الْكِتَابِ لَدَيْنَا لَعَلِيَّ حَكِيمٌ (٤)﴾

Há uma referência adicional a esse mesmo tema quando Deus diz no capítulo 43 versículos 2 e 4: “*Pelo Livro lúcido, nós o fizemos um Alcorão árabe, quiçá o compreendereis. E, em verdade, encontra-se na Mãe dos Livros, em Nossa presença, e é sublime, prudente*”.

É sublime, no que o entendimento elementar não é capaz de apreender completamente, e prudente (decisivo) já que não pode estar errado. A relação da última parte do versículo com o sentido de exegese *ta'wil* (como discutimos acima) está evidente. Diz, especificamente, que “*quiçá o compreendereis*”, implicando que uma pessoa pode ou não compreendê-lo; o que não quer dizer que alguém o compreenderá inteiramente, ao estudá-lo.

Como vimos no versículo que diz respeito ao *muhkam* e ao *mutashabih*, o conhecimento da exegese é algo exclusivo de Deus, ademais, quando nesse mesmo versículo homens corruptos são acusados de seguirem o implícito (*mutashabih*) com a intenção de semear a dissensão e conflito ao procurarem uma exegese, ou interpretação particular, não afirmando que eles necessariamente a encontrem.

A exegese do Alcorão é uma realidade, ou várias realidades, que se encontram no Livro Matriz, o Livro dos decretos divinos; o Livro-Matriz é parte do invisível e está longe do alcance dos corruptos.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الواقعة:

﴿فَلَا أَقْسِمُ بِمَوَاقِعِ النُّجُومِ (٧٥) وَإِنَّهُ لَقَسَمٌ لَّو تَعْلَمُونَ عَظِيمٌ
(٧٦) إِنَّهُ لَقُرْآنٌ كَرِيمٌ (٧٧) فِي كِتَابٍ مَّكْنُونٍ (٧٨)
لَّا يَمَسُّهُ إِلَّا الْمُطَهَّرُونَ (٧٩) تَنْزِيلٌ مِّن رَّبِّ الْعَالَمِينَ (٨٠)﴾

A mesma idéia é tratada no capítulo 56 versículos 75 a 80, quando Deus diz: *“Juro, pois, pela posição dos astros, porque é um magnífico juramento - se soubésseis! Este é um Alcorão honorabilíssimo, num Livro bem guardado, que não tocam senão os purificados. É uma revelação do Senhor do Universo”*.

Está evidente que esses versículos estabelecem dois aspectos para o Alcorão a posição do livro oculto intocável e o aspecto da revelação que é incompreensível para os humanos. O que é de particular interesse para nós nesse versículo é a frase de exceção, *“senão os purificados”*. De acordo com esta frase podemos chegar a um entendimento da realidade da exegese do Alcorão.

Essa visão positiva da capacidade humana de compreender o Alcorão não está em conflito com a negação do versículo, *“e ninguém conhece sua interpretação senão Deus”*. Uma vez que a comparação dos dois versículos produz uma totalidade que é independente e harmoniosa. Portanto, compreendemos que Deus é o único que compreende essas realidades, embora uma pessoa possa conhecer essas verdades com Sua permissão e instrução. O conhecimento do invisível é, de acordo com muitos versículos, um domínio específico de Deus, mas no capítulo 72 versículos 26 e 27 aqueles que são dignos de serem excetuados disso são citados: *“Ele é o conhecedor do invisível e Ele não revela os Seus mistérios a quem quer que seja. Salvo a um mensageiro que tenha escolhido”*. Novamente concluímos que o conhecimento do invisível é algo exclusivo de Deus e que não compete a ninguém, exceto a Ele e àqueles que Ele tenha autorizado.

Assim sendo, os purificados dentre os humanos tomam o versículo respeitante aos “purificados” como permissão para entrar em contato com a realidade do Alcorão. De modo similar, lemos no capítulo 33 versículo 33: *“Deus deseja afastar de vós a abominação, ó membros da Casa, bem como purificar-vos integralmente”*. Este versículo foi revelado, (de acordo com uma tradição fidedigna de uma cadeia de transmissão ininterrupta) especificamente acerca da família do Profeta.

Versículos Ab-rogadores e Versículos Ab-rogados

Entre os versículos do Alcorão que contêm ordens e leis, há os versículos que ab-rogam outros anteriormente revelados. Esses versículos de ab-rogação são chamados “*nasikh*” e aqueles cuja validade tenha expirado “*mansukh*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البقرة آية ١٠٩ :
﴿... فَأَعْفُوا وَاصْفَحُوا حَتَّى يَأْتِيَ اللَّهُ بِأَمْرِهِ...﴾

Por exemplo, no início da missão do Profeta, os muçulmanos receberam a ordem de cultivarem a paz e a amizade com os povos do Livro: “*Tolerai e perdoai, até que Deus faça cumprir Seus desígnios*” (C.2 – V.109).

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة التوبة آية ٢٩ :
﴿قَاتِلُوا الَّذِينَ لَا يُؤْمِنُونَ بِاللَّهِ وَلَا بِالْيَوْمِ الْآخِرِ وَلَا يُحَرِّمُونَ مَا حَرَّمَ اللَّهُ وَرَسُولُهُ وَلَا يَدِينُونَ دِينَ الْحَقِّ مِنَ الَّذِينَ أُوتُوا الْكِتَابَ...﴾

Algum tempo mais tarde, a luta foi permitida e a ordem de se estabelecer a paz foi ab-rogada: “*Combatei aqueles que não crêem em Deus e no Dia do Juízo, nem se abstêm do que Deus e Seu Mensageiro proibiram, tampouco professam a verdadeira religião daqueles que receberam o Livro...*” (C.9 – V.29)

A noção comum de ab-rogação, isto é, o cancelamento de uma lei ou código por outra (o), se baseia na idéia de que uma nova lei é necessária por causa de um equívoco ou deficiência presente na anterior. É, obviamente, inapropriado atribuir um erro de legislação a Deus, que é Perfeito, e cuja criação não possui falhas. Todavia, no Alcorão, os versículos de ab-rogação marcam o fim da validade dos versículos ab-rogados em razão de seu efeito ser de natureza limitada ou temporária. Então, a nova lei surge e anuncia o fim da validade

da lei anterior. Considerando que o Alcorão foi revelado no decorrer de um período de vinte e três anos em circunstâncias constantemente mutáveis, não é difícil imaginar a necessidade de tais leis.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النحل:
﴿وَإِذَا بَدَلْنَا آيَةً مَّكَانَ آيَةٍ وَاللَّهُ أَعْلَمُ بِمَا يُنَزِّلُ قَالُوا إِنَّمَا أَنْتَ مُفْتَرٍ
بَلْ أَكْثَرُهُمْ لَا يَعْلَمُونَ (١٠١) قُلْ نَزَّلَهُ رُوحُ الْقُدُسِ مِنْ رَبِّكَ
بِالْحَقِّ لِيُثَبِّتَ الَّذِينَ آمَنُوا وَهُدًى وَبُشْرَى لِلْمُسْلِمِينَ (١٠٢)﴾

É levando isso em consideração que devemos avaliar a sabedoria da ab-rogação no Alcorão: *“E quando ab-rogamos um versículo por outro, e Deus bem sabe o que revela, dizem a ti: Só tu és dele o forjador! Porém, a maioria deles é insipiente. Dize que, em verdade, o Espírito da Santidade tem-no revelado, de teu Senhor, para firmar os fiéis e servir de orientação e boa nova aos muçulmanos”*. (C.16 – V.101 e 102)

Aplicabilidade e Validade do Alcorão

Tendo em mente que o Alcorão é válido para todas as épocas, os versículos revelados em circunstâncias especiais informando os muçulmanos sobre obrigações específicas são igualmente válidos para aqueles que, no futuro, se deparem com as mesmas circunstâncias. De modo análogo, os versículos que elogiam ou reprovam certas características, e que prometem recompensa ou ameaçam com a punição, são aplicáveis a todas as épocas e lugares. Assim, o significado dos versículos não é limitado às circunstâncias ou à época de sua revelação.

Um versículo revelado deve ser seguido nas circunstâncias similares que surjam posteriormente; essa noção é conhecida na ciência alcorânica como *“jary”* ou aplicabilidade. O quinto Imam, Mohammad ibn Ali, disse:

قال الإمام الباقر عليه السلام :

﴿ما في القرآن آية إلا و لها ظهر و بطن و ما فيها حرف إلا و له حد و لكل حد مطلق. ما يعني بقوله: ظهر و بطن؟ قال عليه السلام: ظهره تنزيله و بطنه تأويله، منه ما مضى و منه ما لم يكن بعد، يجري كما يجري الشمس و القمر كلما جاء منه شيء وقع﴾

“Se um versículo após sua revelação se extinguisse como se extinguem as pessoas, então nada restaria do Alcorão”. Enquanto os céus e a terra existirem, existirão versículos para todas as pessoas, onde quer que estejam, que elas possam ler e pôr em prática para seu benefício, ou rejeitá-los para sua ruína.

Comentário Alcorânico: Seu Advento e Desenvolvimento

O comentário sobre as palavras e expressões empregadas no Alcorão começou na época da primeira revelação. O próprio Profeta levou a cabo o ensino do Alcorão e a explicação de seus significados e propósito.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النحل:

﴿... وَأَنْزَلْنَا إِلَيْكَ الذِّكْرَ لِتُبَيِّنَ لِلنَّاسِ مَا نُزِّلَ إِلَيْهِمْ...﴾

Portanto, no capítulo 16 versículo 44 Deus diz: “E a ti revelamos a Mensagem, para que elucides os humanos a respeito do que foi revelado...”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الجمعة آية ٢:

﴿هُوَ الَّذِي بَعَثَ فِي الْأُمِّيِّينَ رَسُولًا مِنْهُمْ يَتْلُو عَلَيْهِمْ آيَاتِهِ وَيُزَكِّيهِمْ وَيُعَلِّمُهُمُ الْكِتَابَ وَالْحِكْمَةَ...﴾

E Ele disse no capítulo 62 versículo 2: *“Ele foi Quem escolheu, entre os iletrados, um Mensageiro de sua estirpe, para ditar-lhes os Seus versículos, consagrá-los e ensinar-lhes o Livro e a sabedoria”*.

Na época do Profeta um grupo, sob suas ordens, foi instruído a recitar, registrar e memorizar o Alcorão. Quando os companheiros do Profeta faleceram, outros muçulmanos assumiram a responsabilidade do aprendizado e do ensino do Alcorão; e desse modo o processo continuou até nossos dias.

A Ciência do Comentário Alcorânico e os Diferentes Grupos de Comentadores

Após o falecimento do Profeta um grupo de companheiros, que incluía Ubayy Ibn Ka’b, ‘Abd Allah Ibn Mas’ud, Jabir Ibn Abd Allah Al Ansari, Abu Sa’id Al Khudri, ‘Abd Allah Ibn Al Zubayr, ‘Abd Allah Ibn Umar, Anas, Abu Hurayrah, Abu Musa, e, sobretudo, o famoso ‘Abd Allah Ibn Abbas, ocupou-se da ciência do comentário. Da mesma maneira que tinham ouvido o Profeta explicando os significados dos versículos, transmitiram esse ensinamento oralmente às pessoas de confiança.

As tradições que dizem respeito especificamente ao assunto dos versículos alcorânicos chegam a mais de duzentas e quarenta; muitas foram transmitidas por intermédio de cadeias de transmissão fracas e o texto de algumas delas não é aceito por ser considerado incorreto ou sem autenticidade.

Às vezes, a transmissão incluía comentários baseados em julgamentos pessoais em vez da narrativa dos dizeres verídicos do Profeta. Os comentadores sunitas tardios consideraram esse tipo de comentário parte do conjunto de dizeres do Profeta, uma vez que os companheiros eram instruídos na ciência do comentário

alcorânico. Argumentaram que esses companheiros tinham adquirido seu conhecimento dessa ciência diretamente do Profeta e que seria improvável que dissessem algo que eles próprios tivessem inventado.

Todavia, não há prova absoluta alguma para esse raciocínio. Uma grande proporção desses dizeres ou tradições sobre as razões e circunstâncias históricas da revelação dos versículos não possui uma cadeia de transmissão aceitável. Deve ser observado que muitos dos narradores, como Ka'b Al Akhbar, foram companheiros instruídos que haviam pertencido à outras formas de fé antes de abraçarem o Islam.

Ademais, não devemos desconsiderar que Ibn Abbas tinham o costume de expressar os significados dos versículos na forma de poesia. Em uma de suas narrativas mais de duzentas questões de Nafi' Ibn Al Azraq são respondidas desta forma; Al Suyuti em sua obra, al Itqán, relatou cento e noventa dessas questões.

Portanto, é evidente que muitas narrativas dos comentadores entre os companheiros não podem ser contadas como narrativas reais do próprio Profeta; assim, esse material adicional relatado pelos companheiros não deve ser aceito.

O segundo grupo de comentadores foi formado pelos seguidores dos companheiros (*tabi'in*), seus discípulos. Dentre eles encontramos Mujáhid, Sa'id Ibn Jubayr, Ikrimah e Dahhak. Também eram desse grupo Hassan Al Basri, 'Ata Ibn Abi Rabah, 'Ata Ibn Abi Muslim, Abu al Aliyah, Muhammad Ibn Ka'b, Al Qurazi, Qatadah, 'Atiyah, Zayd Ibn Aslam e Ta'us Al Yamani.

O terceiro grupo de comentadores se compunha dos discípulos do segundo grupo, nomeadamente, Rabi Ibn Anas, Abd Al Rahman Ibn Zayd Ibn Aslam, Abu Salib Al Kalbi e outros.

Os *tabi'in* às vezes narravam o comentário sobre um versículo como uma tradição do Profeta ou de seus companheiros e, usualmente, explicavam seu significado sem atribuir um narrador para a fonte, faziam isso, sobretudo, quando havia alguma dúvida sobre a identidade

do narrador. Os comentaristas posteriores trataram essas narrativas como tradições do Profeta, porém, as contavam como “*mawquf*” em sua ciência de níveis de *hadith* (isto é, como uma tradição cuja cadeia de narração não remonta ao Profeta).

O quarto grupo era composto dos primeiros compiladores de comentários, como Sufyan Ibn Uyaynah, Waki Ibn Al Jarrah, Shu’bah Al Hajjaj e Abd Ibn Humayd; o grupo também incluía Ibn Jarir Al Tabari, o autor do famoso “*Comentário Alcorânico*”. Esse grupo registrou os dizeres dos companheiros e de seus seguidores com uma cadeia de narradores em suas obras de comentário; se abstiveram de expressar opiniões pessoais exceto, talvez, Ibn Jarir Al Tabari que às vezes expressava suas opiniões indicando sua preferência quando discutia duas tradições semelhantes. A base da obra dos grupos posteriores pode ser identificada nesse grupo.

O quinto grupo omitiu a cadeia de narradores em seus escritos e se contentou com uma simples relação do texto das tradições. Alguns sábios consideraram esses comentários como sendo a fonte de várias opiniões nos comentários ao ligar muitas tradições a um companheiro ou seguidor sem verificar sua validade ou mencionar sua cadeia de narração. Por conseguinte, a confusão surgiu permitindo que muitas narrativas falsas fossem introduzidas no conjunto das tradições, minando assim a reputação dessa seção da literatura de *hadith*.

Um exame cuidadoso das cadeias de transmissão dessas tradições não deixa dúvida sobre a extensão das adições fraudulentas e dos falsos testemunhos. Muitas tradições contraditórias podem ser identificadas em sua origem a um companheiro ou seguidor, e muitas outras, que são meras invenções, podem ser encontradas nesse conjunto de narrativas.

Assim, as razões para a revelação de um determinado versículo, incluindo os versículos de ab-rogação ou os ab-rogados, não parece corresponder à verdadeira ordem dos versículos. Não mais do que uma ou duas das tradições (sobre o tema), quando submetidas a tal exame, são aceitáveis.

É por essa razão que Imam Ahmad Ibn Hambal, que nasceu antes dessa geração de narradores, disse: “*Três coisas não possuem qualquer base confiável: as virtudes militares, as batalhas sangrentas e as tradições pertinentes ao comentário sobre o Alcorão*”. O Imam Al Shafi’i relata que apenas algo em torno de cem tradições de Ibn Abbas foram confirmadas como fiéis.

O sexto grupo formava-se daqueles comentadores que surgiram após o desabrochar e o desenvolvimento das ciências islâmicas, e cada um deles levou a cabo o estudo do comentário alcorânico segundo sua própria especialização: Al Zajjaj estudou o assunto do ponto de vista gramatical; al Wahidi e Abu Hayyan pesquisaram os versículos pelo estudo da inflexão dos verbos, as vogais e a pontuação diacrítica. Há também o comentário sobre a retórica e a eloquência dos versículos de Al Zamakhshari em sua obra intitulada “*al Kashshaf*”. Há uma discussão teológica no “*Grande Comentário*” de Fakhr Al Din Al Razi. A gnose de Ibn Al Arabi e Abd al Razzaq Al Kashani foi tratada em seus comentários. Outros narradores, como al Tha’labi, registraram a história da transmissão das tradições. Alguns comentadores, entre eles Al Qurtubi, se concentraram nos aspectos do *fiqh* (jurisprudência).

Existem vários comentários compostos de muitas dessas ciências, tais como “*Ruh al Bayan*” do Shaykh Isma’il Haqqi, “*Ruh Al Ma’ani*” de Shihab Al din Mahmud Al Alusi Al Baghdadi, “*Ghara’ib Al Quran*” de Nizam Al Din Al Nisaburi. Esse grupo prestou um grande serviço à ciência do comentário alcorânico ao tirá-la de um estado de estagnação (característica do grupo precedente) e desenvolvê-la para um ramo do conhecimento de teoria e investigação precisa. Entretanto, ao se examinar atentamente a precisão da pesquisa desse grupo, se vê que muito de seu comentário alcorânico busca impor sua teoria ao Alcorão em vez de permitir que o conteúdo dos versículos fale por si mesmo.

Os Métodos Empregados pelos Comentadores Xiitas e Seus Diferentes Grupos

Todos os grupos mencionados acima foram de comentadores sunitas. Seu método, usado nos comentários iniciais desse período, se baseava no *ijtihad*, ou seja, os relatos dos companheiros e dos seguidores dos companheiros eram examinados de acordo com certas regras a fim de se chegar a uma compreensão aceitável do texto. Esse método resultou em variadas opiniões entre os que exerciam o *ijtihad* e provocou confusão, contradições e até mesmo fraude, que foi introduzida no conjunto das tradições. Porém, o método empregado pelos comentadores xiitas foi diferente, o que resultou num padrão diferente de grupos.

Os comentadores xiitas em seu estudo de um versículo do Alcorão viam a explicação dada pelo Profeta como prova do significado do versículo; não aceitavam um dizer dos companheiros ou de seus seguidores como prova indiscutível de que a tradição fosse oriunda do Profeta.

Os comentadores xiitas reconheciam apenas a validade de uma cadeia contínua de narrativa, oriunda do Profeta e que tivesse chegado mediante os membros de sua Família. Por conseguinte, na utilização ou transmissão do que dissesse respeito ao comentário alcorânico, se limitavam ao uso das tradições transmitidas pelo Profeta e por intermédio dos Imames da Família do Profeta. Esse método deu origem aos seguintes grupos:

O primeiro grupo se compunha daqueles que tinham aprendido as tradições do Profeta por intermédio dos Imames de sua Família, estudando e registrando-as de acordo com seu próprio método, porém, não numa ordem específica. Entre eles, podemos mencionar sábios como Zararah, Mohammad Ibn Muslim, Ma'ruf e Jarir que foram companheiros do quinto e do sexto Imames.

O segundo grupo se compunha dos primeiros compiladores dos comentários, como Furat Ibn Ibrahim Al Kufi, Abu Hamzah Al Thumali, Mohammad Al Ayyashi, Ali Ibn Ibrahim Al Qummi e Nu'mani que viveram entre o segundo e o quarto séculos da Hégira. O método desse

grupo foi semelhante ao do quarto grupo dos comentaristas sunitas. Evitou qualquer tipo de *ijtihad* ou expressão de opinião pessoal. Devemos lembrar que os Imames da Família do Profeta viveram entre os muçulmanos e estiveram disponíveis para os questionamentos (sobre os assuntos do comentário, por exemplo) por um período de quase trezentos anos. Assim, os primeiros grupos não se dividiram cronologicamente, mas de acordo com seu relacionamento com os Imames.

Existiram muito poucas pessoas que registraram a tradição sem uma cadeia de transmissão. Como exemplo, devemos mencionar um dos discípulos de Al Ayyashi que omitia o registro das cadeias de transmissão. Foi seu trabalho, em vez do original de Al Ayyashi que se tornou popular.

O terceiro grupo compreendia os mestres de várias ciências, como Al Sharif Al Radi, que produziu um comentário concernente à linguagem alcorânica e Shaykh Al Tusi que escreveu um comentário e uma análise sobre questões metafísicas. Inclui-se a obra filosófica de Sadr Al Din Al Shirazi, o comentário gnóstico de Al Maybudi Al Kunabadi e o comentário de Ali Al Huwayzi “*Nur Al Thaqaalayn*”. Hashim Bahrani compôs o comentário “*Al Burhan*” e Al Fayd al Kashani compilou a obra conhecida como “*Al Safi*”.

Existem outros que reuniram temas diferentes em seus comentários, como Shaykh Al Tabarsi que em seu “*Majam al Bayan*” pesquisa diferentes campos da linguagem, da gramática, da recitação alcorânica, gnose da morte, da vida no além e do Paraíso, e do conhecimento das tradições.

Como o Alcorão se Presta à Interpretação?

A resposta a esta questão está contida na seção anterior em que discutimos a validade eterna do Alcorão: o Livro fala, instrui e orienta o homem hoje como fez no passado. Como vimos, o texto inteiro do Alcorão é um desafio à humanidade, e particularmente, aos inimigos do Islam; sendo ele mesmo prova de seu próprio

argumento; anuncia-se como uma luz, um esclarecimento e uma explicação para todas as coisas.

Um documento que declara e demonstra que é auto-evidente, não precisará que outros o esclareçam. Como prova de que não é palavra humana, o Alcorão diz que é um discurso harmonioso, sem a menor contradição e que qualquer (aparente) contradição pode ser eliminada por meio da reflexão sobre o próprio Alcorão. Se não fosse a palavra de Deus, o Alcorão não seria tão claro como é.

Ademais, se o texto necessitasse de algo ou alguém mais para explicar seu sentido ou propósito, não seria prova tampouco autoridade absoluta, o que evidentemente, o é. Essa clareza é total, mesmo se uma passagem aparentemente contraditória se torne objeto de discussão, será entendida pela consulta ao texto do Alcorão.

Por exemplo, na época do Profeta, tais questões podiam ser consultadas com ele, já que seu conhecimento do Alcorão era perfeito e ele não precisava consultar outros versículos para ter esclarecimento. Aqueles que insistiam na discordância, ou que não acreditavam na infalibilidade do Profeta, não ficavam satisfeitos. Portanto, os comentários que resolvem problemas de interpretação por meio da citação dos comentários do Profeta, sem apresentar provas encontradas em outros versículos alcorânicos, são úteis apenas para aqueles que crêem na Profecia e na infalibilidade do Profeta.

As pessoas (que não crêem) não são omitidas no Alcorão; nós as conhecemos com o seguinte versículo, *“se fosse de outra fonte que não Deus encontrariam nele muitas discrepâncias”*.

Eis um claro argumento contra os que procuram contradições no Alcorão e que criticam o Profeta. O próprio Alcorão declara que o comentário ou a explicação do Profeta é válido enquanto o próprio Profeta confirmou a validade do comentário alcorânico dos Imames. Podemos resumir isso dizendo que no Alcorão alguns versículos podem ser explicados pela comparação com outros, e alguns pelo emprego das instruções e ensinamentos do Profeta e dos Imames. O segundo (método) não é diferente da explicação que seja produzida pela comparação e a análise de outros versículos.

Conclusão

Existem três caminhos abertos a nós quando formamos um comentário sobre o Alcorão. O primeiro, pela utilização do conhecimento que já possuímos. O segundo, com o auxílio dos dizeres do Profeta ou dos Imames. O terceiro, pelo uso de uma combinação dos métodos: por meio da reflexão e da análise, ou deixando que um versículo esclareça outro comparando-os, ou ainda, pelo uso dos dizeres do Profeta e dos Imames, sempre que seja possível. O terceiro caminho é o que resumimos na última seção e é a via que o Profeta e os Imames de sua Família indicaram em seus ensinamentos.

قال رسول الله ﷺ:

﴿وانما نزل ليصدق بعضه بعضا﴾

Como vimos, o Profeta disse que, “*Os versículos foram revelados confirmando outros*”

و قال الإمام علي عليه السلام:

﴿ينطق بعضه ببعض ويشهد بعضه على بعض﴾

E o Imam Ali disse, “*Uma parte do Alcorão explica outra e uma parte testifica outra*”.

ورد في حديث عن رسول الله ﷺ:

﴿من فسر القرآن برأيه فليتبوأ مقعده من النار﴾

Além disso, é óbvio que esse método de comentário difere do método sobre o qual o Profeta alertou, quando disse: “*Aquele que tece um comentário sobre o Alcorão de acordo com sua própria opinião prepara um lugar no inferno para si mesmo*”. Esse método utiliza o texto alcorânico para explicar o próprio texto e não se baseia numa explicação derivada de capricho ou desejo pessoal.

O primeiro método é inaceitável e exemplifica o comentário baseado em opinião pessoal, exceto nos casos em que esteja de acordo com o terceiro método. O segundo é o que foi usado pelos primeiros eruditos e por muitos séculos seguintes ainda em uso entre eruditos da tradição sunita e xiita. Trata-se de um método limitado, considerando-se a vasta natureza do assunto e o incontável número de questões (gerais e específicas) surgidas sobre mais de seiscentos versículos.

Onde, alguém, pode perguntar, está a resposta para tais questões? Onde está a solução para tantas questões intrincadas e embaraçosas? Ou deveríamos recorrer ao conjunto das tradições sobre os versículos? Não nos esqueçamos que o número total de tradições do Profeta (sobre a matéria) aceitas e transmitidas pelos eruditos sunitas não é mais do que duzentas e cinquenta; devemos lembrar também que muitas delas são fracas e algumas, inteiramente inaceitáveis. É verdade que as tradições do Profeta e dos Imames transmitidas pelos eruditos xiitas chegam a mil e que entre elas encontramos um número considerável de tradições fidedignas.

Contudo, a avaliação dessas tradições não é suficiente, dado o número incontável de questões que surgem e os muitos versículos alcorânicos que não são sequer mencionados no conjunto dessas tradições. Devemos então recorrer em tais questões aos versículos apropriados?

Como explicamos antes, isso não é aceitável de acordo com o método em exame aqui. Devemos então simplesmente evitar a investigação e supor que a necessidade de conhecimento não exista?

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النحل آية ٨٩ :
﴿... وَنَزَّلْنَا عَلَيْكَ الْكِتَابَ تِبْيَانًا لِّكُلِّ شَيْءٍ...﴾

Nesse caso, o que se deve entender com o versículo, “*Temos revelado o Livro a ti, que é uma explicação de tudo...*” (C.16 – V.89). O qual é uma prova evidente de que o Alcorão não é um mistério, mas que ele explica, entre outras coisas, a si mesmo, com sua própria luz.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النساء آية ٨٢:

﴿أَفَلَا يَتَدَبَّرُونَ الْقُرْآنَ...﴾

A sura 4 versículo 82 contém a injunção: “*Não meditam, acaso, no Alcorão?*”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة ص آية ٢٩:

﴿كِتَابٌ أَنْزَلْنَاهُ إِلَيْكَ مُبَارَكٌ لِيَدَّبَّرُوا آيَاتِهِ وَلِيَتَذَكَّرَ أُولُو الْأَلْبَابِ﴾

De modo semelhante, nas suras 38 versículo 29: “*(Eis) um Livro abençoado, que te revelamos, para que os sensatos recordem seus versículos e neles meditem*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة المؤمنون آية ٦٨:

﴿أَفَلَمْ يَدَّبَّرُوا الْقَوْلَ أَمْ جَاءَهُمْ مَا لَمْ يَأْتِ آبَاءَهُمُ الْأَوَّلِينَ﴾

E no capítulo 23 versículo 68: “*Porventura, não refletem sobre as palavras, ou lhes chegou algo que não havia chegado a seus antepassados?*”

O que esperamos compreender com esses versículos? Como agiremos ao considerar as tradições fidedignas do Profeta e dos Imames que nos aconselham a recorrer ao próprio Alcorão no caso de problemas de interpretação e discordância de opinião? Segundo muitas tradições famosas do Profeta, transmitidas mediante cadeias ininterruptas, uma pessoa tem a obrigação de consultar as tradições com o Livro de Deus; se a tradição estiver de acordo com o Livro, então deve ser aceita e usada no comentário, e se estiver em desacordo, deve ser rejeitada.

É evidente que o sentido dessas tradições é aplicável quando descobrimos por meio da Ciência do Comentário que o significado interior de um versículo esteja contrariando o que outro versículo

contém. Nesse caso, a pessoa deve rejeitar o que verificou mediante o estudo dos comentários.

Tais tradições formam a melhor prova de que o Alcorão, como discurso ou texto, possui sentido e sempre possuirá, mesmo quando estudado à parte das tradições. Assim, é dever dos comentadores levar em consideração e refletir sobre as tradições do Profeta e dos Imames respeitantes aos versículos alcorânicos, e somente utilizar as tradições que estejam de acordo com o versículo em exame.

Um Exemplo do Comentário Sobre o Alcorão com o Auxílio do Próprio Alcorão

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الزمر آية ٦٢ :

﴿اللَّهُ خَالِقُ كُلِّ شَيْءٍ...﴾

Em quatro ocasiões no Alcorão Deus diz: “*Allah é o criador de todas as coisas*” (C.39 - 62). O sentido é claro em cada ocasião; Deus está declarando que todas as coisas que o homem puder imaginar no universo foram criadas por Ele e são mantidas por Ele. Não devemos ignorar o fato de que em centenas de versículos o Alcorão afirma a existência da causa, do efeito e dos atributos da ação de cada agente com a imediata causa.

Assim, o efeito da combustão do fogo é um resultado direto do próprio fogo, o crescimento das plantas, a ação dos vegetais, a queda da chuva causada pelas condições atmosféricas; as ações que o homem escolhe para levar a cabo são, de acordo com o Alcorão, o resultado (e a conseqüente responsabilidade) do homem. Podemos também dizer que o agente de qualquer ação é responsável pela mesma, porém, Deus é o que confere existência, o Criador (efetivo) das ações e seu Senhor.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة السجدة آية ٧:

﴿الَّذِي أَحْسَنَ كُلَّ شَيْءٍ خَلَقَهُ...﴾

Tendo em mente essa relação geral entre o Criador e Sua criação, podemos ler no capítulo 32 versículo 7: “*Que aperfeiçoou tudo o que criou...*” e quando juntamos este ao versículo anterior, vemos que beleza e bondade acompanham necessariamente Sua criação e portanto, qualquer coisa que possua existência no cosmos também é boa e bela.

Não devemos esquecer, entretanto, que em muitos versículos, o Alcorão afirma a existência do bem e de seu oposto, o mal, das coisas úteis e das coisas prejudiciais, da beleza e da fealdade; e enumera muitas más ações, malfeitores e eventos maléficos. Contudo, todos esses são aspectos negativos do caráter humano e são mencionados como uma medida do homem; são relativos e não provas de que a criação do homem seja basicamente maligna. Por exemplo, a serpente é perigosa, mas, somente para o homem e os animais que sofram o efeito de sua picada; para as pedras e o solo ela é inofensiva. O sabor amargo e o mau cheiro são desagradáveis, mas somente para o paladar e o olfato humano, não para todos os animais. Determinado comportamento pode parecer errado, mas com frequência tal julgamento resulta da observação do comportamento humano em relação a uma sociedade específica; em outra sociedade ou circunstância pode não parecer errado.

Com efeito, se deixarmos de lado por um momento os aspectos negativos do caráter humano, que são secundários ou relativos, para atentarmos ao milagre e perfeição de Sua criação, testemunharemos apenas a bela simetria e proporção do cosmos em sua totalidade, e a magnífica bondade do Criador. As palavras são incapazes de descrever essa beleza, já que elas próprias fazem parte deste mundo de beleza.

Na verdade, os versículos mencionados acima despertam o homem para a consciência da natureza relativa da beleza e da fealdade; o convidam a uma compreensão da beleza absoluta e o preparam para o entendimento da criação como um todo. De fato, existem versículos alcorânicos que explicam ou comentam diferentes aspectos da criação no universo, ou por exemplos isolados, em grupos ou classes. Cada criação, quer seja uma única manifestação ou em conjunto como parte de uma estrutura ou padrão mais amplo, é um sinal, uma indicação de Deus. Em qualquer direção que observemos a criação ela indica a existência de Deus.

Esse modo de compreender ou enxergar o universo e seus sinais, leva à apreciação da estupenda beleza que rodeia o mundo inteiro, e nos permite perceber que é Sua beleza, que emana do domínio de Seu poder e se faz visível nos sinais dos céus e da terra. Cada aspecto do cosmos empresta beleza e dimensão a tudo o que rodeia, ainda que, ao mesmo tempo, seja insignificante em relação ao todo.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة غافر آية ٦٥:

﴿هُوَ الْحَيُّ لَا إِلَهَ إِلَّا هُوَ...﴾

O Alcorão afirma em outros versículos que a perfeição e a beleza se manifestam a partir do domínio de Seu poder. Assim sendo, Ele diz no capítulo 40 versículo 65: “*Ele é o Vivente! Não há outro Deus senão Ele*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البقرة آية ١٦٥:

﴿... أَنْ الْقُوَّةَ لِلَّهِ جَمِيعًا...﴾

E no capítulo 2 versículo 165: “... *o poder pertence a Deus...*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النساء آية ١٣٩:

﴿... فَإِنَّ الْعِزَّةَ لِلَّهِ جَمِيعًا﴾

E no capítulo 4 versículo 139: “*Sabei que a glória pertence integralmente a Deus, e Ele é o Conhecedor, o Onipotente*”. Em outra passagem lemos: “*e Ele é o que tudo ouve, o que tudo vê*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة طه آية ٨:
﴿اللَّهُ لَا إِلَهَ إِلَّا هُوَ لَهُ الْأَسْمَاءُ الْحُسْنَى﴾

E no capítulo 20 versículo 8: “*Allah! Não há outro Deus além Dele. Seus são os atributos mais sublimes*”.

Percebemos a partir desses versículos que a beleza que se manifesta no mundo visível tem sua realidade no domínio do poder e da grandiosidade divina. Todas as demais manifestações da beleza e do poder são ilusórias, ou metáforas do Poder de Deus. Na afirmação dessa explicação, o Alcorão declara que a beleza e a perfeição criadas pelo homem são formas limitadas e temporais, mas a beleza e a perfeição de Deus são ilimitadas e eternas. Deus enfatiza que toda criação provém Dele e está sob Seu poder.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة القمر آية ٤٩:
﴿إِنَّا كُلَّ شَيْءٍ خَلَقْنَاهُ بِقَدَرٍ﴾

No capítulo 54 versículo 49 (diz): “*Em verdade, criamos todas as coisas na devida medida*”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الحجر آية ٢١:
﴿وَإِنْ مِنْ شَيْءٍ إِلَّا عِنْدَنَا خَزَائِنُهُ وَمَا نُنزِّلُهُ إِلَّا بِقَدَرٍ مَعْلُومٍ﴾

E no capítulo 15 versículo 21, “*E não existe coisa alguma cujos tesouros não estejam em Nosso poder. E não enviamos a vós, senão proporcionalmente*”.

A observação cuidadosa revela que o próprio Livro declara sua perfeição e beleza, e que esta abrange todos os aspectos da criação e do Criador, não havendo falha ou deficiência nela. Tal é a perfeição do Alcorão, que é, ele próprio, um dos sinais de Deus, que faz o leitor esquecer-se de si mesmo em extática apreciação de sua beleza.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البقرة آية ٢١:

﴿... وَالَّذِينَ آمَنُوا أَشَدُّ حُبًّا لِلَّهِ...﴾

É o que lemos no capítulo 2 versículo 165: “... os fiéis amam fervorosamente a Deus”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة آل عمران آية ٦٨:

﴿... وَاللَّهُ وَلِيُّ الْمُؤْمِنِينَ﴾

Amor, por sua própria natureza, exige o íntimo e a entrega do ego a Deus. Exige a entrega dos assuntos pessoais inteiramente a Ele, consentindo que seja seu Senhor: “Deus é o protetor dos fiéis”. (C.3 - V.68)

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البقرة آية ٢٥٧:

﴿اللَّهُ وَلِيُّ الَّذِينَ آمَنُوا يُخْرِجُهُم مِّنَ الظُّلُمَاتِ إِلَى النُّورِ...﴾

Essa noção também está contida no capítulo 2 versículo 257, que declara: “Deus é o protetor dos fiéis. Quem os retira das trevas e os transporta para a luz”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأنعام آية ١٢٢:

﴿أَوْ مَن كَانَ مَيِّتًا فَأَحْيَيْنَاهُ وَجَعَلْنَا لَهُ نُورًا يَمْشِي بِهِ فِي النَّاسِ...﴾

E também no capítulo 6 versículo 122: “aquele que estava morto e o revivemos, guiando-o para a luz, para conduzir-se entre as pessoas...”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة المجادلة آية ٢٢:
﴿... أَوْلَيْكَ كَتَبَ فِي قُلُوبِهِمُ الْإِيمَانَ وَأَيَّدَهُم بِرُوحٍ مِّنْهُ...﴾

E também lemos no capítulo 58 versículo 22: “*Para aqueles, Deus lhes firmou a fé no coração e os fortaleceu com o Seu Espírito...*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الحديد آية ٢٨:
﴿يَا أَيُّهَا الَّذِينَ آمَنُوا اتَّقُوا اللَّهَ وَآمِنُوا بِرَسُولِهِ يُؤْتِكُمْ كِفْلَيْنِ مِن رَّحْمَتِهِ وَيَجْعَلْ لَكُمْ نُورًا تَمْشُونَ بِهِ...﴾

Este espírito, essa nova vida e luz, são dados por Deus ao homem que percebe a realidade e a verdade, que compreende a senda da felicidade e do bem estar na sociedade. Em outro versículo, no capítulo 57 versículo 28, Ele explica o efeito dessa luz: “*Ó fiéis! Temei a Deus e crede em Seu Mensageiro. Ele vos concederá dupla porção de Sua misericórdia, dar-vos-á uma luz, com a qual vos encaminhará...*”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة آل عمران آية ٣١:
﴿قُلْ إِنْ كُنْتُمْ تُحِبُّونَ اللَّهَ فَاتَّبِعُونِي يُحْبِبْكُمُ اللَّهُ...﴾

E ainda, em outro versículo, Ele faz um comentário sobre “a fé no Profeta” explicando-a como submissão e obediência a Ele (Deus); sura 3 versículo 31: “*Dize: Se verdadeiramente amais a Deus, segui-me; e Deus vos amará...*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأعراف آية ١٥٧:
﴿الَّذِينَ يَتَّبِعُونَ الرَّسُولَ النَّبِيَّ الْأُمِّيَّ الَّذِي يَجِدُونَهُ مَكْتُوبًا عِنْدَهُمْ فِي التَّوْرَةِ وَالْإِنْجِيلِ يَأْمُرُهُمْ بِالْمَعْرُوفِ وَيَنْهَاهُمْ عَنِ الْمُنْكَرِ وَيُحِلُّ لَهُمُ الطَّيِّبَاتِ وَيُحَرِّمُ عَلَيْهِمُ الْخَبَائِثَ وَيَضَعُ عَنْهُمْ إِصْرَهُمْ وَالْأَغْلَالَ الَّتِي كَانَتْ عَلَيْهِمْ...﴾

A natureza dessa senda é explicada no capítulo 7 versículo 157: *“São aqueles que seguem o Mensageiro, o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Torá e no Evangelho, que lhes recomenda o bem e proíbe o ilícito, prescreve-lhes todo o bem e veda-lhes o impuro, alivia-os de seus fardos e livra-os dos grilhões que os oprimem...”*

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الروم آية ٣٠:

﴿فَأَقِمْ وَجْهَكَ لِلدِّينِ حَنِيفًا فِطْرَةَ اللَّهِ الَّتِي فَطَرَ النَّاسَ عَلَيْهَا
لَا تَبْدِيلَ لِخَلْقِ اللَّهِ ذَلِكَ الدِّينُ الْقِيمُ...﴾

E ainda mais vivamente, a senda é explicada em outro versículo que é também um comentário sobre o versículo anterior, (C.30 - V.30): *“Volta o teu rosto para a religião monoteísta. É a obra de Deus, sob cuja qualidade inata Deus criou a humanidade. A criação de Deus é imutável. Esta é a verdadeira religião, porém a maioria dos humanos o ignora”*.

O caminho correto da vida, ou o din se refere à senda reta para a sociedade seguir em direção a sua felicidade e bem estar. De acordo com esse versículo, o caminho do Islam também é o caminho desejado pelo Criador do homem. Em outras palavras, o modelo legislativo apresentado ao homem por Deus é o mesmo modelo que é apropriado à criatura humana. Essa Lei Divina está em completa harmonia com a natureza do homem, para que viva uma vida de piedade e obediência.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الشمس:

﴿وَنَفْسٍ وَمَا سَوَّاهَا (٧) فَأَلْهَمَهَا فُجُورَهَا وَتَقْوَاهَا (٨)﴾

Deus diz em outros versículos, *sura 91* versículos 7 e 8: *“Pela alma e por quem a aperfeiçoou. E lhe imprimiu o discernimento entre o certo e o errado”*. O Alcorão é a única escritura revelada que compara a felicidade e o bem estar do homem com um puro e sincero

modo de vida. Além disso, diferente de outras crenças, o Islam não separa a adoração a Deus do programa prático de vida; estabelece a palavra din para que reflita não apenas o propósito da religião, mas também a vida de modo geral, o cotidiano real do homem, no nível pessoal e social.

O Alcorão estabelece um programa de vida que está de acordo com a funcionalidade e a realidade do cosmos, e menciona muitos benefícios e virtudes que são esperados dos homens de Deus e dos amantes da verdade, incluindo a certeza da fé e a tranquilidade do coração.

A Validade do Comentário do Profeta e dos Imames

A partir de uma indicação do próprio Alcorão, o comentário do Profeta e dos Imames (como discutimos nas seções anteriores) é afirmado como absolutamente fiel.

A comprovação dos dizeres do Profeta e dos Imames é estabelecida pela existência de cadeias de transmissão confiáveis. Contudo, uma tradição pode não ser reconhecida como inteiramente aceitável se tiver sido transmitida por uma única cadeia de narração.

A validade das tradições é debatida entre os eruditos do comentário; entre os sunitas uma tradição transmitida por uma única cadeia, se classificada em seus termos como *sahih* (correta), deve ser acatada e seguida; entre os eruditos xiitas uma tradição com uma única cadeia de transmissão indiscutível também é acatada como prova. Porém, nas leis da *shariah* não é válida e deve ser examinada antes de ser usada como prova.

Nota do Autor: A seção anterior abordou especificamente o uso do comentário ou explicação a fim de se chegar ao verdadeiro sentido de um versículo. O que inclui o estudo dos significados literais e dos significados ocultos na forma de metáfora. Não inclui uma explicação ou discussão dos aspectos lingüísticos e literais ou da ciência da recitação do Alcorão, uma vez que estes não influenciam o sentido.

As Crenças Gerais dos Muçulmanos Sobre a Revelação do Alcorão

Mais do que qualquer outro livro revelado, especialmente a Torá e o Evangelho, o Alcorão descreve os detalhes da revelação, o processo de transmissão e até mesmo registra a experiência da revelação. A crença geral dos muçulmanos com respeito à revelação, baseada no Alcorão, é que o texto alcorânico é efetivamente a palavra de Deus transmitida ao Profeta por um de Seus anjos escolhidos.

O nome desse anjo, ou ser celestial, é Gabriel ou o Espírito Fiel. Ele transmitiu a palavra de Deus num período de vinte e três anos ao Profeta. Trazia as instruções divinas ao Profeta, que as relatava fielmente ao povo empregando as mesmas palavras na forma de versículos.

O Profeta então utilizava o sentido dos versículos para conclamar as pessoas à compreensão da fé, dos aspectos da crença, das leis sociais e obrigações individuais. Essas instruções de Deus ao Seu Mensageiro são conhecidas como “a Profecia” ou “a Mensagem”; o Profeta transmitia essa mensagem sem qualquer adição ou distorção.

A Opinião dos Autores Não-Muçulmanos Contemporâneos sobre a Revelação e a Profecia

A maioria dos escritores contemporâneos que se interessam sobre as diferentes religiões e ideologias adotam o seguinte ponto de vista acerca do Alcorão: dizem que o profeta foi um gênio social que surgiu para salvar a sociedade das convulsões da decadência de uma situação de barbárie e para emancipá-la à condição de berço da

civilização e da liberdade. Afirmam também que ele convocou os homens às suas próprias idéias de comportamento sincero e puro, dando-lhes uma forma religiosa abrangente e uma ordem. Alegam que ele possuía uma alma pura e imensa ambição; que viveu numa época de particular obscurantismo e ignorância; em que apenas se via a lei da força, o simplório recitar de versos, o caos social e o egoísmo, o roubo, o saque e a selvageria.

Descrevem como ele se sentia atormentado por testemunhar essas coisas, e que, às vezes, quando dominado pelo sofrimento de presenciar tudo isso, se retirava do meio social e passava dias na solidão da caverna nas montanhas Tihamah; (que ali) se maravilhava ao ver o firmamento e seus astros brilhantes, o mar, o deserto e todos os meios preciosos deixados pelo Criador a disposição do homem. Ele ficava angustiado com o mau comportamento e a ignorância dos que o rodeava, que abandonavam uma vida de bem estar e felicidade por uma tormentosa sucessão de hábitos bestiais.

Tais sentimentos sempre acompanhavam o Profeta; ele suportou essa dor e esse aborrecimento até chegar a seus quarenta anos quando, de acordo com os autores não-muçulmanos contemporâneos, arquitetou um plano para salvar os seus do lamentável estado de nomadismo, libertinagem, egoísmo e caos social. Esse plano, que se chamou “religião do Islam” foi o mais adequado para a época. O Profeta, sendo de caráter puro e sincero, percebeu que suas idéias sublimes eram a palavra de Deus e a Revelação Divina que foram infundidas nele por meio de sua natureza virtuosa. Sua boa vontade e seu espírito benevolente, dos quais seus pensamentos se originavam, e a paz estabelecida em seu coração, foram denominados de Espírito Fiel ou Gabriel, o anjo da revelação.

Além disso, segundo essa opinião contemporânea sobre Mohammad, ele percebia as forças da bondade e da felicidade na natureza como Anjos e todas as forças da maldade como demônios e os gênios. Chamou então sua própria tarefa, a qual tinha realizado de acordo com sua própria consciência, de Profecia, e intitulou-se “o comunicador da mensagem divina”.

Contudo, essa explicação provém daqueles escritores que afirmam a existência de Deus ou ao menos de algum tipo de força natural, e que dão alguma importância à Religião do Islam, muito embora apenas em nome da justiça e da afirmação livre de preconceitos. Quanto àqueles que negam peremptoriamente a existência de um Criador, vêem a Profecia, a revelação, os deveres religiosos, a recompensa e a punição, o fogo infernal e os jardins paradisíacos como mera política religiosa, um meio de, em nome da religião, se alcançar os próprios fins. Estes, dizem que os profetas foram reformadores que produziram mudança social em nome da religião. Argumentam que, uma vez que os homens das eras passadas se encontravam afundados na ignorância e na adoração supersticiosa, os profetas mantiveram a ordem religiosa dentro de um modelo de credências sobre a origem da Criação e do dia final a fim de alcançar seu propósito de reforma.

O Que o Alcorão diz Sobre Esse Assunto

Os eruditos que explicam o poder da revelação e da profecia empregando a argumentação acima dão grande importância à ciência natural e ao mundo visível, e afirmam que tudo no mundo age de acordo com as leis da natureza. Enxergam os eventos históricos, até a atualidade, como um processo de desenvolvimento que constantemente muda a face da natureza.

Da mesma maneira, julgam todas as religiões reveladas como sendo manifestações sociais. Assim, concordam que, se um dos gênios da história, como Ciro, Dario ou Alexandre, tivesse anunciado a si mesmo como alguém escolhido por Deus, nomeado para ser o executor das ordens divinas, a explicação deles não seria diferente da que foi apresentada acima.

Não pretendemos aqui estabelecer a existência do invisível, de um mundo além do mundo visível e natural; não diremos a outros sábios ou cientistas que qualquer ciência possa ser discutida

somente dentro dos limites dessa ciência em particular. Não estamos insinuando que as ciências modernas, as quais pesquisam as propriedades e efeitos do mundo material, (estejam ou não, positiva ou negativamente inclinadas à criação), não tenham o direito de realizar uma investigação metafísica.

O que estamos dizendo é que qualquer explicação que se proponham fazer deve estar de acordo com a explicação da sociedade, da existência, da natureza e do cosmos apresentada pelo Alcorão. O Alcorão é um documento autêntico da profecia e é a base de toda discussão social, metafísica ou científica; a explicação do Alcorão contém provas contra os argumentos deles, e podemos enumerar e refletir sobre elas. Essas provas estão ligadas a diferentes versículos alcorânicos discutidos a seguir.

A Revelação Divina

De acordo com a explicação dos eruditos modernos não-muçulmanos e dos ateístas, a natureza do Profeta era pura e por meio disso chegou a ele a palavra de Deus, querendo dizer que o sistema divino do raciocínio estava vivo em suas próprias idéias; a noção de que a divindade se manifestou em suas idéias porque ele era puro e santo. Era (segundo o pensamento deles) natural que os profetas atribuissem tais idéias a Deus, pois, desse modo, enobreciam e exaltavam sua própria missão.

Entretanto, o Alcorão nega peremptoriamente e de modo convincente que seja a palavra ou as idéias do profeta ou, mesmo, de qualquer outro homem. No capítulo 10 versículo 38 e no capítulo 11 versículo 13 o Alcorão declara que se fosse a palavra do homem então os detratores do Islam deveriam produzir palavras similares sobre cada assunto tratado nele, nomeadamente, sobre a crença na vida após a morte, os princípios morais, as leis, as narrativas sobre as gerações passadas e os outros profetas, a sabedoria e o aconselhamento.

O Alcorão os convoca a buscar ajuda em qualquer lugar se não percebem que se trata da palavra de Deus e não humana, porém, acrescenta que mesmo se os gênios e os homens juntassem forças não seriam capazes de produzir um texto como o Alcorão.

No capítulo 2 versículo 23 desafia aqueles que o consideram a palavra de Mohammad a produzirem um livro semelhante ou mesmo um único capítulo. A força desse desafio se evidencia quando percebemos que é anunciado por uma pessoa com uma vida como a de Mohammad, um órfão, sem qualquer educação no sentido formal, iletrado e que foi criado na obscura era da *jahiliyyah*¹, anterior ao Islam.

No capítulo 4 versículo 82 o Alcorão pergunta a razão de não haver contradições ou alterações nos versículos, considerando que nem a redação tampouco o sentido dos versículos foram alterados a despeito da revelação ter ocorrido no decorrer de vinte e três anos. Caso fosse a palavra do homem e não de Deus, teria certamente sido influenciada pela mudança como todas as outras coisas no mundo temporal da natureza e da matéria.

É óbvio que esse desafio e essas explicações não são meras palavras de exultação, ao contrário, apresentam o Alcorão pelo o que ele é, a palavra de Deus.

O Alcorão estabelece sua própria natureza miraculosa em centenas de versículos. Esse milagre é ainda inexplicável pelos padrões literários normais utilizados para “apreender” um texto. Com efeito, os sucessivos profetas estabeleceram sua profecia por meio de versículos semelhantes revelados por Deus. Se a profecia fosse meramente um chamado de uma consciência individual ou a inspiração de uma alma pura e sincera, então não haveria sentido algum na reivindicação disso como sendo prova divina ou buscar ajuda em sua natureza miraculosa como o Profeta, de fato, fez.

1. Era da Ignorância.

Alguns autores interpretam os muitos milagres do Alcorão com termos de indisfarçável escárnio. Quando examinamos o objeto de seu escárnio inevitavelmente descobrimos que o Alcorão quer dizer algo diferente daquilo que eles entenderam. Não é nossa intenção tentar provar a natureza miraculosa do Alcorão nem demonstrar a fidelidade ou a autenticidade de sua narrativa; queremos sim destacar que o Alcorão descreve claramente os milagres dos profetas do passado, como Saleh, Abraão, Moisés e Jesus. As histórias relatadas no Alcorão podem somente ser compreendidas e interpretadas à luz da orientação miraculosa.

Por que, perguntamos, se os profetas foram apenas homens, inspirados por uma pureza de caráter, seria necessário estabelecer a existência dessa orientação miraculosa?

O Anjo Gabriel

De acordo com a explicação dos autores mencionados acima, o profeta se referiu à sua própria alma como “O Espírito fiel” ou o comunicador da revelação. O Alcorão, porém, não apóia essa opinião e cita nomeadamente Gabriel como o comunicador dos versículos.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البقرة آية ٩٧:

﴿قُلْ مَنْ كَانَ عَدُوًّا لِلْجِبْرِيلَ فَإِنَّهُ نَزَّلَهُ عَلَى قَلْبِكَ بِإِذْنِ اللَّهِ...﴾

Deus diz no capítulo 2 versículo 97: “*Dize (ó Mohammad): Quem for inimigo de Gabriel, saiba que ele, com o beneplácito de Deus, impregnou-te (o Alcorão) no coração*”. Este versículo se dirige aos judeus que queriam saber quem tinha revelado o Alcorão ao Profeta. Ele respondeu que tinha sido Gabriel. Então disseram, “somos inimigos de Gabriel já que ele foi quem nos entregou as leis e as punições legais. E como somos seus inimigos, não

acreditamos no livro que ele trouxe”. Portanto, Deus responde a eles no versículo que Gabriel revelou o Alcorão ao Profeta com a permissão de Deus. E diz ainda que se deve acreditar no Alcorão, e que não é palavra de Gabriel. É importante notar que o Alcorão, nas palavras do versículo acima, foi revelado “ao coração” do Profeta Mohammad por Gabriel.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الشعراء آية ١٩٣:

﴿نَزَلَ بِهِ الرُّوحُ الْأَمِينُ﴾

Em outro versículo (C.26 - V.193) lemos que o Livro foi transmitido pelo Espírito Fiel: “*Com ele desceu o Espírito Fiel, para o teu coração*”. Ao se examinar esses versículos fica evidente que é o Anjo Gabriel que se quer dizer com os termos, “Espírito Fiel”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في التكوير:

﴿إِنَّهُ لَقَوْلُ رَسُولٍ كَرِيمٍ (١٩) ذِي قُوَّةٍ عِنْدَ ذِي الْعَرْشِ مَكِينٍ (٢٠) مُطَاعٍ
ثُمَّ آمِينَ (٢١) وَمَا صَاحِبُكُمْ بِمَجْنُونٍ (٢٢) وَلَقَدْ رَآهُ بِالْأُفُقِ الْمُبِينِ (٢٣)﴾

No capítulo 81, versículos 19 a 23, Deus descreve a transmissão da revelação: “*Que (este Alcorão) é a palavra de um honorável mensageiro. Forte, digníssimo, ante o Senhor do Trono. Que deve ser obedecido e no qual se deve confiar. E o vosso companheiro não é um energúmeno! Ele o viu (Gabriel) no claro horizonte*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة غافر آية ٧:

﴿الَّذِينَ يَحْمِلُونَ الْعَرْشَ وَمَنْ حَوْلَهُ يُسَبِّحُونَ بِحَمْدِ رَبِّهِمْ
وَيُؤْمِنُونَ بِهِ وَيَسْتَغْفِرُونَ لِلَّذِينَ آمَنُوا...﴾

Os versículos demonstram que Gabriel é um dos mais próximos de Deus, possuindo grande poder e merecedor de confiança. E ainda, no capítulo 40 versículo 7, lemos: “*Os (anjos)*

que carregam o Trono de Deus e aqueles que o circundam, celebram os louvores de seu Senhor; crêem Nele e imploram o perdão para os fiéis...”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النساء:

﴿لَنْ يَسْتَنْكِفَ الْمَسِيحُ أَنْ يَكُونَ عَبْدًا لِلَّهِ وَلَا الْمَلَائِكَةُ الْمُقَرَّبُونَ وَمَنْ يَسْتَنْكِفْ عَنْ عِبَادَتِهِ وَيَسْتَكْبِرْ فَسَيَحْشُرُهُمْ إِلَيْهِ جَمِيعًا (١٧٢) فَأَمَّا الَّذِينَ آمَنُوا وَعَمِلُوا الصَّالِحَاتِ فَيُوَفِّيهِمْ أُجُورَهُمْ وَيَزِيدُهُمْ مِنْ فَضْلِهِ وَأَمَّا الَّذِينَ اسْتَنْكَفُوا وَاسْتَكْبَرُوا فَيُعَذِّبُهُمْ عَذَابًا أَلِيمًا وَلَا يَجِدُونَ لَهُمْ مِنْ دُونِ اللَّهِ وَلِيًّا وَلَا نَصِيرًا (١٧٣)﴾

Características como a crença em Deus e o sentimento de busca do perdão de Deus se esperam somente de criaturas sensíveis e distintas. No capítulo 4 versículos 172 e 173, lemos: *“O Messias não desdenha ser um servo de Deus, assim como também os anjos próximos (de Deus). Mas, aqueles que desdenharem a Sua adoração e se encherem de soberba, Ele congregará a todos ante Si”*.

É óbvio que, embora o Messias Jesus e os anjos favorecidos não desobedeçam às ordens de Deus, são alertados de uma punição dolorosa no dia do acerto de contas caso venham a pecar. A possibilidade de negligenciarem a seus deveres ou de cometerem uma má ação é necessariamente dependente de sua condição sensível, possuidores de livre-arbítrio e encarregados da transmissão da Revelação Divina.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة عبس:

﴿كَلَّا إِنَّهَا تَذْكِرَةٌ (١١) فَمَنْ شَاءَ ذَكَرْهُ (١٢) فِي صُحُفٍ مُكَرَّمَةٍ (١٣) مَرْفُوعَةٍ مُطَهَّرَةٍ (١٤) بِأَيْدِي سَفَرَةٍ (١٥) كِرَامٍ بَرَرَةٍ (١٦)﴾

Portanto, aprendemos com o Alcorão que Gabriel é o Espírito Fiel: ele é digno de confiança e deve ser obedecido, pois é obedecido pelos anjos em sua tarefa. Uma indicação desses anjos obedientes

surge nos seguintes versículos: “*Qual! Em verdade (o Alcorão) é uma mensagem de advertência. quem quiser, pois, que fique atento. (Está registrado) em páginas honoráveis, exaltadas, purificadas, por mãos de escribas nobres e retos*”. (C.80 - V.11 a 16)

Os Anjos e os Demônios

Segundo a explicação dos autores não-muçulmanos contemporâneos, anjo é o nome dado às forças naturais que representam a bondade e a felicidade; e os demônios são forças naturais que representam o mal e a infelicidade. Porém, o que entendemos a partir do que diz o Alcorão é que se tratam de seres reais, que estão além do nosso alcance sensorial, e que possuem sentimentos e livre-arbítrio. Aos versículos citados acima, podemos acrescentar muitos outros que confirmam essas mesmas características.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة ص:

﴿قَالَ فَبِعِزَّتِكَ لَأُغْوِيَنَّهُمْ أَجْمَعِينَ (٨٢) إِلَّا عِبَادَكَ مِنْهُمُ الْمُخْلِصِينَ (٨٣)﴾

A recusa de Satanás a se prostrar diante de Adão e o diálogo entre ele e Deus surge várias vezes no texto alcorânico. Satanás, depois de ter sido expulso da proximidade de Deus, diz no capítulo 38 versículos 82 e 83: “*Por teu poder, que os seduzirei a todos. Exceto entre eles, os teus servos sinceros*”. E Deus responde: “*Certamente que encherei o inferno contigo e com todos que, dentre eles, te seguirem*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة سبأ:

﴿قَالَ فَبِعِزَّتِكَ لَأُغْوِيَنَّهُمْ أَجْمَعِينَ (٨٢) إِلَّا عِبَادَكَ مِنْهُمُ الْمُخْلِصِينَ (٨٣)﴾

É óbvio que a punição só pode ocorrer se o punido compreender a razão de ser punido. Deus, no capítulo 34 versículo 20,

diz confirmando o aviso de Satanás ao homem: “O próprio Iblis (Satanás ou Lúcifer) confirmou que havia pensado certo a respeito deles - eles o seguiram, exceto uma parte dos fiéis”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة ابراهيم:
﴿وَقَالَ الشَّيْطَانُ لَمَّا قُضِيَ الْأَمْرُ إِنَّ اللَّهَ وَعَدَكُمْ وَعَدَ الْحَقُّ
وَوَعَدْتُكُمْ فَأَخْلَفْتُكُمْ وَمَا كَانَ لِي عَلَيْكُمْ مِنْ سُلْطَانٍ إِلَّا أَنْ
دَعَوْتُكُمْ فَاسْتَجَبْتُمْ لِي فَلَا تَلُومُونِي وَوُؤُوا أَنْفُسَكُمْ...﴾

E também lemos no capítulo 14 versículo 22: “E quando a questão for decidida, Satanás lhes dirá: Deus vos fez uma verdadeira promessa, assim, eu também vos prometi; porém, faltei à minha, pois não tive autoridade alguma sobre vós, a não ser convocar-vos, e vós me atendestes. Não me reproveis, reproveis a vós mesmos...”

A reprovação é uma questão que somente pode ser associada àqueles que possuam a capacidade da razão e do livre-arbítrio. Citamos esses versículos para demonstrar que Satanás, como o resto dos anjos, é um ser pensante e independente, e não uma força da natureza.

Da mesma maneira que há no Alcorão versículos sobre os anjos e os demônios, também há os versículos que descrevem de modo claro os gênios (espíritos elementais ou seres invisíveis, maléficos ou benfazejos).

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأحقاف آية ١٨:
﴿أُولَئِكَ الَّذِينَ حَقَّ عَلَيْهِمُ الْقَوْلُ فِي أُمَمٍ قَدْ خَلَتْ
مِنْ قَبْلِهِمْ مِنَ الْجِنَّ وَالْإِنْسِ إِنَّهُمْ كَانُوا خَاسِرِينَ﴾

No capítulo 46 versículo 18 uma referência é feita àqueles que, chamados à fé do Islam, a rejeitam tomando a promessa divina como se fizesse parte das fábulas ou superstições dos antigos:

“Tais são aqueles que mereceram a sentença, juntamente com os seus antepassados, gerações de gênios e humanos, porque foram desventurados”.

Podemos entender com este versículo que os gênios, as entidades invisíveis, como o gênero humano, vivem em diferentes nações, permanecem um período em suas diferentes sociedades e por fim, morrem.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأحقاف:

﴿وَإِذْ صَرَفْنَا إِلَيْكَ نَفَرًا مِّنَ الْجِنِّ يَسْتَمِعُونَ الْقُرْآنَ فَلَمَّا حَضَرُوهُ قَالُوا أَنصِتُوا فَلَمَّا قُضِيَ وَلَّوْا إِلَىٰ قَوْمِهِمْ مُنْذِرِينَ (٢٩) قَالُوا يَا قَوْمَنَا إِنَّا سَمِعْنَا كِتَابًا أُنزِلَ مِن بَعْدِ مُوسَىٰ مُصَدِّقًا لِّمَا بَيْنَ يَدَيْهِ يَهْدِي إِلَى الْحَقِّ وَإِلَىٰ طَرِيقٍ مُّسْتَقِيمٍ (٣٠) يَا قَوْمَنَا أَجِيبُوا دَاعِيَ اللَّهِ وَآمِنُوا بِهِ يَعْفِرْ لَكُمْ مِّنْ ذُنُوبِكُمْ وَيُجِرْكُمْ مِّنْ عَذَابِ أَلِيمٍ (٣١) وَمَنْ لَّا يُجِبْ دَاعِيَ اللَّهِ فَلَيْسَ بِمُعْجِزٍ فِي الْأَرْضِ وَلَيْسَ لَهُ مِن دُونِهِ أَوْلِيَاءُ أُولَٰئِكَ فِي ضَلَالٍ مُّبِينٍ (٣٢)﴾

Na mesma *sura*, nos versículos 29 a 32 lemos: “*Recorda-te de quando te enviamos um grupo de gênios, para escutar o Alcorão. E quando assistiam à recitação disseram: Escutai em silêncio! E quando terminaste a recitação, voltaram a seu povo para admoestá-lo. Disseram: Ó povo nosso, em verdade escutamos a leitura de um Livro, que foi revelado depois do de Moisés, corroborante dos anteriores e que conduz o homem à verdade e ao caminho reto. Ó povo nosso, obedeei ao predicator de Deus e crede nele, pois (Deus) vos absolverá as faltas e vos livrará de um doloroso castigo. Quanto aqueles que não atenderem ao predicator de Deus, saibam que na terra não poderão frustrar (os desígnios de Deus) nem encontrarão protetores, em vez Dele. Estes estão num erro evidente*”.

Estes versículos confirmam claramente que os gênios, como os homens, vivem em grupos, são indivíduos pensantes que possuem livre-arbítrio e têm obrigações a cumprir. Ademais, existem outros versículos que tratam sobre o Dia do Juízo e afirmam as mesmas características atribuídas aos gênios.

O Chamado da Consciência

Segundo a explicação de alguns autores modernos, a profecia é o processo de surgimento de um homem dentre os demais de seu povo para a execução de uma reforma social de acordo com o chamado de sua consciência. Todavia, o Alcorão apresenta um sentido diferente à profecia.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الشمس:
﴿وَنَفْسٍ وَمَا سَوَّاهَا (٧) فَأَلْهَمَهَا فُجُورَهَا وَتَقْوَاهَا (٨)﴾

No capítulo 91 versículos 7 e 8 lemos: “*Pela alma e por Quem a aperfeiçoou, e lhe imprimiu o discernimento entre o certo e o errado*”.

Nestes versículos Deus mostra que cada indivíduo percebe, a partir de sua própria consciência e da natureza recebida, a diferença entre a má e a boa ação; e, que o potencial para a reforma e o melhoramento íntimo se encontra dentro de cada um; alguns ouvem sua consciência e agem corretamente enquanto outros não dão qualquer atenção a ela e, portanto, agem injustamente.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الشمس:
﴿قَدْ أَفْلَحَ مَنْ زَكَّاهَا (٩) وَقَدْ خَابَ مَنْ دَسَّاهَا (١٠)﴾

Assim, nos versículos seguintes da mesma *sura* Deus diz: “*Que será venturoso quem a purificar, e desventurado quem a corromper*”. Se a profecia se manifestasse por si mesma como resultado da consciência, a qual todos possuem, então cada pessoa teoricamente poderia se tornar um profeta. Contudo, Deus reservou esse encargo apenas para certos homens.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الإنعام آية ١٢٤ :
﴿وَإِذَا جَاءَهُمْ آيَةٌ قَالُوا لَنْ نُؤْمِنَ حَتَّى نُؤْتَىٰ مِثْلَ مَا أُوتِيَ رُسُلَ اللَّهِ
اللَّهُ أَعْلَمُ حَيْثُ يَجْعَلُ رِسَالَتَهُ...﴾

Portanto, Ele diz no capítulo 6 versículo 124: “*Quando lhes é apresentado um versículo, dizem: Nunca creremos, até que nos seja apresentado algo semelhante ao que foi concedido aos mensageiros de Deus! Deus sabe melhor do que ninguém a quem deve encomendar sua missão*”.

A Realidade da Missão Profética

Devemos repetir neste ponto que não pretendemos provar a verdade do Islam ou a validade da convocação do Profeta ao Islam. Simplesmente queremos afirmar que as explicações dos autores modernos não-islâmicos não estão de acordo com a explicação apresentada no Alcorão.

Segundo o que dizem, o profeta conseguiu convencer o povo a crer num conjunto de superstições modeladas numa estrutura político-religiosa; ele foi auxiliado nisso, como dizem, pelo fato de seu próprio povo ser tribal, não possuindo uma cultura avançada. Em nome do bem público e do bem estar da sociedade punições severas foram prometidas àqueles que não obedecessem às leis religiosas; o Profeta instilou um temor ao Dia do Acerto de Contas e prometeu recompensas aos que obedecessem. Assim, o fervor pelo paraíso prometido e o temor ao Dia do Juízo criou uma sociedade baseada na crença religiosa.

A história da vida dos outros profetas foi, na maior parte, perdida com o tempo, porém, a vida do Profeta Mohammad está bem documentada. A qualquer um que a pesquise não restará dúvida de que ele possuía uma fé íntegra e certeza interior de sua missão. Se as crenças religiosas fossem meras superstições ou um meio para unificar e dominar a sociedade, então todas as provas expostas no Alcorão com respeito ao além, a existência de um criador, a Unidade Divina, Seus Atributos, a crença na profecia e o ajuste de contas das ações humanas após a morte não teriam nenhum sentido.

O Que o Alcorão diz Sobre o Significado da Revelação e da Profecia

O Alcorão afirma claramente que é um livro revelado ao Profeta e que a revelação é um gênero de expressão verbal divina além da compreensão ou da comunicação do mundo material, a revelação é imperceptível ao sentido ou ao intelecto, embora seja apreendida por outras faculdades que, pela vontade de Deus, estão presentes em alguns indivíduos. Por intermédio da revelação instruções provenientes do invisível são recebidas, e à sua recepção e implementação denomina-se profecia. Para esclarecer esse assunto podemos abordar os seguintes pontos.

A Natureza Humana Intrínseca

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة طه آية ٥٠:
﴿... رَبُّنَا الَّذِي أَعْطَى كُلَّ شَيْءٍ خَلْقَهُ ثُمَّ هَدَى﴾

No início deste livro explicamos que cada ser criado, quer seja mineral, vegetal ou animal, é dotado de uma força inerente que

o habilita a se desenvolver de acordo com seu desígnio inato ou natureza. Assim, lemos no capítulo 20 versículo 50: “*Nosso Senhor foi Quem deu a cada coisa sua natureza, e a seguir, encaminhou-a com retidão*”,

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأعلى:

﴿الَّذِي خَلَقَ فَسَوَّى (٢) وَالَّذِي قَدَّرَ فَهَدَى (٣)﴾

E ainda no capítulo 87 versículo 2 e 3: “*Que criou e aperfeiçoou tudo; Que tudo destinou e encaminhou*”.

Também sabemos que o homem não está excluído dessa lei geral, isto é, ele tem um direcionamento e uma meta para a qual se desenvolve, tendo sido dotado de faculdades que lhe permitem cumprir seu objetivo. Toda sua felicidade se encontra na realização desse objetivo; sua tristeza, angústia e infortúnio resultam do fracasso que possa ter nessa tarefa. Ele é guiado por seu Criador para esse propósito especial.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الإنسان آية ٣:

﴿إِنَّا خَلَقْنَا الْإِنْسَانَ مِنْ نُطْفَةٍ أَمْشَاجٍ نَبْتَلِيهِ فَجَعَلْنَاهُ سَمِيعًا بَصِيرًا﴾

De maneira que Deus diz no capítulo 76 versículo 3: “*Em verdade, assinalamos-lhe uma senda, quer fosse agradecido ou ingrato*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة عبس:

﴿مِنْ نُطْفَةٍ خَلَقَهُ فَقَدَرَهُ (١٩) ثُمَّ السَّبِيلَ يَسْرَهُ (٢٠)﴾

E também lemos no capítulo 80 versículos 19 e 20: “*De uma gota de sêmen, Ele o criou e o modelou e então, suavizou-lhe o caminho*”.

A Senda do Homem na Travessia do Caminho da Vida

A diferença entre os reinos animal ou vegetal e o homem é que os primeiros reagem segundo seus instintos ou conhecimento inerente, enquanto que o homem, que também possui um conhecimento inerente, possui, além disso, um intelecto ou a capacidade para utilizar ou reconhecer a sabedoria. Mesmo se o homem for incapaz de executar determinada ação, ele avalia o bem ou o mal, o benefício ou o prejuízo contido naquela ação e a leva a cabo somente se estima que o benefício supera o prejuízo.

Assim sendo, ele segue a instrução de seu intelecto em toda ação; o intelecto dita a necessidade de uma ação. Faz o indivíduo abandonar uma ação se esta, com alguma probabilidade, trará a ele um grau inaceitável de incômodo ou sofrimento, não somente o instrui sobre a praticabilidade de um ato, mas também leva em conta os ditames dos sentimentos. Com efeito, a percepção do sentimento com respeito ao bem ou ao mal relativo em questão é muitíssimo ligada à decisão do intelecto quanto ao que considerar sobre aquilo.

O Homem como um Ser Social

Ninguém negará que os homens são seres sociais que cooperam mutuamente para a melhor satisfação de suas necessidades diárias. Surprenderia-nos, entretanto, se os homens desejassem essa cooperação a partir de seus sentimentos naturais, são acaso naturalmente inclinados a executar uma ação com outros e a partilhar um interesse em algo como um projeto social?

Em certo nível, as necessidades, os desejos e sentimentos do homem o fazem agir para seu próprio benefício e sem considerar as necessidades e desejos alheios. O homem emprega todos os meios para satisfazer suas necessidades pessoais: usa todo tipo de transporte

para chegar a seu destino; utiliza as folhas, o caule e o fruto das plantas e das árvores; se sustenta com a carne dos animais e de seus produtos, e aproveita de uma grande quantidade de outras coisas para complementar suas próprias deficiências em certos aspectos. Pode se esperar que o homem, cujo estado é tal que utiliza de tudo que encontra para seus próprios fins, respeite a outro ser humano? É ele capaz de estender sua mão a outro em cooperação e desconsiderar seu próprio desejo em nome do benefício mútuo?

Inicialmente a resposta deve ser não. É em razão de suas incontáveis necessidades, às quais nunca pode satisfazer sozinho, que ele reconhece a possibilidade de satisfazê-las por meio da ajuda e da colaboração dos outros. De modo semelhante, ele entende seus esforços, desejos e aspirações são também partilhados pelos demais, e que da mesma maneira que defende seus interesses, os outros também defendem os seus.

Assim, por necessidade, ele coopera com a conexão social e cede certa medida de seus esforços para satisfazer as necessidades alheias; em troca se beneficia dos esforços dos outros na satisfação de suas necessidades. Na realidade, ele ingressa num mercado de bem social, sempre aberto para os negociantes e oferecendo todos os benefícios obtidos pelo trabalho coletivo da sociedade. Todos esses fatores são reunidos nesse mercado de recursos humanos combinados, e cada pessoa, de acordo com a importância que a sociedade dá a seu trabalho, tem uma parcela desses benefícios.

Portanto, a primeira natureza do homem o estimula a buscar a satisfação de suas necessidades usando a outros no processo e se aproveitando de seu trabalho para seus próprios fins. É apenas nos casos de necessidades ou ausência de recursos que ele se presta a cooperar com a sociedade.

Essa questão é evidente quando observamos a natureza das crianças: qualquer coisa que uma criança deseja ela a exige de modo veemente; enfatiza sua exigência com o choro. À medida que amadurece, e passa a ser parte do tecido social, gradualmente põe fim às suas exigências excessivas. Mais evidências para a verdade desse assunto podem ser vistas quando uma pessoa acumula um poder que excede o dos demais e rejeita o espírito de cooperação e suas restrições

sociais; como é o caso de um indivíduo que se utiliza das pessoas e do fruto de seu trabalho sem dar nada em troca.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الزخرف آية ٣٢:

﴿... فَسَمْنَا بَيْنَهُمْ مَعِيشَتَهُمْ فِي الْحَيَاةِ الدُّنْيَا
وَرَفَعْنَا بَعْضَهُمْ فَوْقَ بَعْضٍ دَرَجَاتٍ لِيَتَّخِذَ بَعْضُهُمْ بَعْضًا سُخْرِيًّا...﴾

Deus se refere ao espírito necessário de cooperação natural na sociedade no capítulo 43 versículo 32: “*Nós distribuimos entre eles seu sustento na vida terrena, e exaltamos uns sobre os outros, em graus, para que uns submetam os outros...*”. Esse versículo diz respeito à realidade da situação social em que cada indivíduo possui uma capacidade diferente e um talento diverso: aqueles que são superiores numa determinada área contratam a cooperação ou empregam a outros para o benefício mútuo.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة إبراهيم آية ٣٤:

﴿... إِنَّ الْإِنْسَانَ لَظَلُومٌ كَفَّارٌ﴾

Portanto, todos os membros da sociedade estão ligados nas vias e necessidades do tecido de uma única unidade social. Os que não percebem a necessidade óbvia da cooperação mútua são censurados por Deus no capítulo 14 versículo 34: “*Sabei que o homem é iníquo*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأحزاب آية ٧٢:

﴿... إِنَّهُ كَانَ ظَلُومًا جَهُولًا﴾

E no capítulo 33 versículo 72: “*Ele (o homem) provou ser injusto e ignorante*”.

Estes versículos se referem ao instinto natural do homem que, a menos que seja refreado, o impele a se aproveitar de seus semelhantes, e ao fazer isso se torna um transgressor no que diz respeito aos direitos alheios.

A Manifestação das Diferenças Sociais e a Necessidade da Lei

O homem, em sua relação com seus semelhantes, está obrigado a aceitar a vida social baseada na cooperação; ao fazer isso efetivamente abre mão de alguma liberdade que possui na sua própria esfera de ação. Apenas tomar parte numa sociedade baseada na injustiça e lucrar com as diferenças sociais não basta para satisfazer as necessidades fundamentais do homem médio. Em semelhante sociedade, aproveitar dos esforços alheios leva à corrupção e à perda do propósito original de eliminar as imensas diferenças entre os homens e promover o melhoramento de suas vidas.

É óbvio que um arcabouço de leis, entendido e respeitado por todos, deve governar os diferentes membros da sociedade. Se não existirem leis claras que governem mesmo a mais elementar das transações (como a de compra e venda), todas as transações deixarão de funcionar corretamente. As leis são necessárias para preservar os direitos dos indivíduos. O poder e a sabedoria do Criador, Que orientou o homem para o bem estar e a felicidade, também garantiu o sucesso e a felicidade da sociedade.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة عبس:

﴿مِنْ نُطْفَةٍ خَلَقَهُ فَقَدَرَهُ (١٩) ثُمَّ السَّبِيلَ يَسَّرَهُ (٢٠)﴾

A orientação na forma de lei social é mencionada por Deus no capítulo 80 versículos 19 e 20: “*De uma gota de sêmen; Ele o criou e o modelou, e então lhe facilitou o caminho*”. Este ato de facilitar a vida (suavizar o caminho) é uma indicação da orientação social que foi dada ao homem na forma de leis e preceitos.

O Intelecto não é Suficiente na Orientação do Homem para o Respeito à Lei

A orientação que tratamos aqui é a que emana da sabedoria do Criador; esta sabedoria criou o homem, entregou a ele sua meta de bem estar e designou uma senda e uma finalidade para toda a criação. Essa meta de felicidade e bem estar é a senda da auto-realização baseada no comportamento correto num ambiente social.

É claro que, necessariamente, não pode haver contradições ou deficiências na obra do Criador. Se, às vezes, um indivíduo não é capaz de discernir a finalidade (de Deus) ou esta pareça estar oculta da percepção normal, tal não ocorre em virtude da ausência de razão ou causalidade da parte de Deus, mas porque a causa está ligada a outras, o que a obscurece. Se não houver impedimentos a uma percepção clara da cadeia causal dos eventos, duas ações nunca parecerão incompatíveis ou contraditórias à harmonia da criação. Tampouco a obra do Criador parecerá contraditória ou imperfeita (como às vezes parece àqueles cuja percepção está impedida pela complexidade da cadeia causal dos eventos).

A orientação para a lei, cuja função é eliminar as diferenças e o conflito entre os indivíduos na sociedade, não é um assunto para o intelecto, já que este próprio intelecto provoca a disputa entre os indivíduos. É o intelecto que induz o homem a lucrar à custa dos outros e a preservar, primeiro e, sobretudo, seu próprio interesse, aceitando a justiça somente quando não há alternativa.

As duas forças opositoras, uma provocando dificuldades e outra as eliminando, são características do homem, que, obviamente, não existem no Criador: as incontáveis e cotidianas transgressões e violações da lei, com efeito, resultam dos que utilizam seu intelecto incorretamente, são eles mesmos as fontes de suas dificuldades.

Se o intelecto fosse realmente um meio para a eliminação da má ação na sociedade e fosse um orientador confiável para o bem estar humano, reconheceria a validade da lei e do impedimento

à violação. A recusa do intelecto a aceitar de bom grado o que foi concedido para o bem estar do homem é confirmada quando verificamos que a aceitação de uma sociedade fundamentada em leis justas somente ocorre pela necessidade. Sem esta obrigatoriedade o intelecto nunca reconheceria a lei.

Os transgressores da lei assim agem por muitas razões: alguns se opõem a ela sem temor, pois seu poder excede o poder da lei, outros, porque vivem fora de seu alcance, em razão da fraude ou negligência das autoridades; outros ainda são capazes de inventar razões que fazem seus atos incorretos parecerem lícitos e aceitáveis; alguns se utilizam do desamparo daqueles que vitimam com a injustiça. Porém, nenhum desses encontra obstáculo em seus objetivos incorretos; e mesmo se um obstáculo surgir, seu intelecto, em vez de guiá-los à aceitação da lei, torna o obstáculo algo correto e sem efeito.

Com esses exemplos não temos dúvida que o intelecto, longe de controlar, restringir ou orientar o homem, somente usa sua influência para alcançar seu propósito. Concluimos então que, o intelecto não é capaz de orientar o homem para uma lei social que assegure os direitos, a liberdade e o bem estar de todos os membros da sociedade.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة العلق:

﴿كَلَّا إِنَّ الْإِنْسَانَ لِرَبِّهِ لَكَنِطَّعٍ (٦) أَنْ رَأَاهُ اسْتَعْتَى (٧)﴾

Deus diz no capítulo 96 versículos 6 e 7: “*Em verdade, o homem se excede quando se vê auto-suficiente*”. A auto-suficiência aqui se refere a independência daqueles que imaginam fazer valer seus direitos por uma via diferente da via da legalidade.

O Único Meio de Orientação é o da Revelação

O homem, como o resto da criação, por natureza busca o bem estar e a felicidade enquanto vive. Uma vez que, por seu próprio feitio, ele possui uma variedade de necessidades naturais, não tem alternativa senão viver em sociedade a fim de satisfazer essas necessidades; seu bem estar e a busca de satisfação de seu caráter natural se realizam num âmbito mais amplo de bem estar da sociedade.

Assim sendo, o único modelo aceitável de existência, regulado por uma abrangente lei comum a todas as pessoas, é o que assegura o bem estar da sociedade e do indivíduo numa forma justa e equilibrada. Também é evidente que o homem, como o resto da criação, deve se esforçar para alcançar seu bem estar e levar a cabo tudo o que seja necessário para realizar isso, permitindo-se ser orientado por seu Criador.

É, pois, um passo próximo e lógico em nossa análise dizer que qualquer orientação proveniente do Criador deve ser na direção dessa lei abrangente, comum a todos e, ao mesmo tempo, em harmonia com o bem estar do indivíduo. O intelecto não é suficiente para orientar o homem à lei já que nem sempre decide a favor da cooperação coletiva tampouco a favor do bem comum. A senda, a via, que se ajusta perfeitamente às exigências do homem é a senda ensinada pelos profetas e mensageiros de Deus. É a via apresentada a eles por Deus por intermédio da revelação e que foi estabelecida como verdade inegável e absolutamente válida, pelo exemplo de suas próprias vidas e pelo íntimo conhecimento e contato com Deus.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البقرة آية ٢١٣:

﴿كَانَ النَّاسُ أُمَّةً وَاحِدَةً فَبَعَثَ اللَّهُ النَّبِيِّينَ مُبَشِّرِينَ وَمُنذِرِينَ وَأَنْزَلَ مَعَهُمُ

الْكِتَابَ بِالْحَقِّ لِيَحْكُمَ بَيْنَ النَّاسِ فِي مَا اخْتَلَفُوا فِيهِ ...﴾

No capítulo 2 versículo 213, Deus diz: *“No princípio, os povos constituíam uma só comunidade. Então, Deus enviou os profetas como anunciadores e admoestadores e enviou, por eles, o Livro,*

com a verdade, para dirimir as divergências entre os homens...”. Aqui entendemos “comunidade” com o sentido de uma sociedade em paz, seus membros vivendo sem disputa ou diferenças. Após um período, os homens se envolveram em divergências mútuas e por isso, Deus enviou os profetas.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النساء:

﴿إِنَّا أَوْحَيْنَا إِلَيْكَ كَمَا أَوْحَيْنَا إِلَى نُوحٍ وَالنَّبِيِّينَ مِنْ بَعْدِهِ ... (١٦٣) ... (١٦٤)﴾
﴿رُسُلًا مُبَشِّرِينَ وَمُنذِرِينَ لِئَلَّا يَكُونَ لِلنَّاسِ عَلَى اللَّهِ حُجَّةٌ بَعْدَ الرُّسُلِ ... (١٦٥)﴾

E Ele ainda diz no capítulo 4 versículos 163 a 165: “*Te inspiramos assim como inspiramos Noé e os profetas... Foram mensageiros anunciadores e admoestadores para que os humanos não tivessem argumento algum diante de Deus, depois do envio deles...*”. Somente o intelecto não faz o homem capacitado de responder a Deus, e é por essa razão que ele deve ser desperto para a realidade de sua condição interior por outros meios.

O primeiro dos versículos citados acima reconhece a via da revelação e da profecia como o único meio de eliminar as diferenças entre os homens. O segundo demonstra que a revelação e a profecia são provas completas e absolutas da verdade da mensagem divina para a humanidade.

Algumas Questões Respondidas

Pergunta: Utilizando a premissa de que o intelecto não é capaz de impedir a violação da lei e a má ação do homem em geral, se declara a necessidade da imposição de uma lei ou, como foi dito, “a orientação” para o bem estar humano, isto é, se ordena que depositemos nossa confiança na revelação e na profecia e não no intelecto. Porém, a verdade é que as leis e as instruções da revelação são também ineficazes já que

não podem impedir a violação da lei, da *shariah* ou código divino; de fato, a aceitação humana desse código é ainda menor do que a aceitação do código civil. O que se pode responder a isso?

Resposta: Apontar o caminho é uma coisa e segui-lo é outra. O Criador assumiu para Si a responsabilidade de orientar a humanidade a uma lei sob a qual o homem possa alcançar o bem estar; o Criador não assumiu a incumbência de impedir que a humanidade infringisse a lei, nem de obrigar os homens a seguirem a lei. Examinamos acima o problema da transgressão humana da lei, não para provar que o intelecto seja deficiente ou incapaz de impedir a má ação, mas para demonstrar que, comumente, o intelecto não decide em favor da lei ou da cooperação coletiva.

Como destacamos, o intelecto apenas segue a lei pela necessidade; se perceber que a obediência à lei e a restrição da liberdade pessoal trazem menos benefício do que a desobediência, então não seguirá a lei nem impedirá a transgressão. E, no entanto, a adoção da via da revelação, trará sempre consigo a obediência à lei.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة يوسف آية ٤٠:

﴿... إِنَّ الْحُكْمَ إِلَّا لِلَّهِ...﴾

Ao aceitar o código de comportamento revelado aos profetas, o indivíduo confia seu julgamento a Deus que, com seu ilimitado poder e conhecimento observa constantemente o homem; somente Ele pode recompensar as boas ações ou punir as más numa forma absolutamente justa e imparcial, Deus diz no capítulo 12 versículo 40: “*O juízo somente pertence a Deus...*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الزلزال:

﴿فَمَنْ يَعْمَلْ مِثْقَالَ ذَرَّةٍ خَيْرًا يَرَهُ (٧) وَمَنْ يَعْمَلْ مِثْقَالَ ذَرَّةٍ شَرًّا يَرَهُ (٨)﴾

E no capítulo 99 versículos 7 e 8: “*Quem tiver feito o bem, quer seja do peso de um átomo vê-lo-á. E quem tiver feito o mal, quer seja do peso de um átomo vê-lo-á*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الحج آية ١٧:
﴿... إِنَّ اللَّهَ يَفْصِلُ بَيْنَهُمْ يَوْمَ الْقِيَامَةِ إِنَّ اللَّهَ عَلَىٰ كُلِّ شَيْءٍ شَهِيدٌ﴾

E também, Ele diz no capítulo 22 versículo 17: “*Certamente Deus julgará a todos no Dia da Ressurreição, porque Deus é testemunha de todas as coisas*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البقرة آية ٧٧:
﴿أَوَلَا يَعْلَمُونَ أَنَّ اللَّهَ يَعْلَمُ مَا يُسِرُّونَ وَمَا يُعْلِنُونَ﴾

E no capítulo 2 versículo 77: “*Ignoram acaso, que Deus sabe tudo o que ocultam, e o que manifestam?*”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأحزاب آية ٥٢:
﴿... وَكَانَ اللَّهُ عَلَىٰ كُلِّ شَيْءٍ﴾

No capítulo 33 versículo 52 lemos: “*...e Deus é Observador de tudo*”.

Com estes versículos, está evidente que o *din* divino do Islam, que foi entregue ao homem por meio da revelação, não está mais apto a impedir a transgressão da lei do que o código de lei civil composto pelos homens. O aparato da legislação civil nomeia agentes e funcionários para controlarem e inspecionarem a ação do homem e também impõe um sistema de punição às transgressões; esse método somente funciona quando a lei é vigorosa e o delito é descoberto. O *din* divino é superior às leis criadas pelo homem ou às ordens sociais, nele o controle sobre o indivíduo é executado de uma maneira específica, ou seja, mediante a vigília dos anjos. Ademais, o *din* divino impõe como dever a todo homem ou mulher a ordem do que é correto e a proibição do que errado. Todos, sem exceção, são instruídos a observarem a ação de seu semelhante e a serem guardiões da lei. É somente a crença numa ordem divina, que contém e define as ações fora dos limites do bem e do mal, inserida na realidade do Dia do Ajuste de Contas que virá. E mais importante, que o Senhor do mundo e de todos os mundos invisíveis está ciente das ações do homem e o acompanha em todo lugar a todo o momento.

Como os códigos civis compostos pelo homem, há também no código divino um sistema correspondente de punição para cada pecado, neste mundo e no dia do acerto de contas após a morte. Entretanto, de modo diverso ao código civil, a lei divina assegura que nenhum homem escapará do julgamento ou da punição, se esta se justificar.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأنعام آية ٥٩:
﴿أَطِيعُوا اللَّهَ وَأَطِيعُوا الرَّسُولَ وَأُولِي الْأَمْرِ مِنْكُمْ...﴾

Como prova se sugere que o leitor leia o que está escrito no capítulo 4 versículo 59: “*Ó fiéis, obedecei a Deus, a Seu Mensageiro e às autoridades fundamentais entre vós...*”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة التوبة آية ٧١:
﴿وَالْمُؤْمِنُونَ وَالْمُؤْمِنَاتُ بَعْضُهُمْ أَوْلِيَاءُ بَعْضٍ يَأْمُرُونَ بِالْمَعْرُوفِ وَيَنْهَوْنَ عَنِ الْمُنْكَرِ...﴾

E no capítulo 9 versículo 71: “*Os fiéis e as fiéis são protetores uns dos outros; recomendam o bem e proíbem o ilícito...*”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الأحزاب آية ٥٢:
﴿... وَكَانَ اللَّهُ عَلَىٰ كُلِّ شَيْءٍ﴾

E também, lemos no capítulo 82 versículos 10 a 12, onde Deus diz: “*Certamente, sobre vós há anjos da guarda, generosos e anotadores, que sabem (tudo) o que fazeis*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة السبا آية ٢١:
﴿... وَرَبُّكَ عَلَىٰ كُلِّ شَيْءٍ حَفِيظٌ﴾

E ainda, no capítulo 34 versículo 21: “*Em verdade teu Senhor é guardião de todas as coisas*”.

Uma Segunda Questão: Se argumentou que o intelecto nem sempre decide a favor do respeito à lei. Esse argumento não contradiz o que está contido no dizer dos Imames que afirma que Deus deu duas provas aos seus servos, a exterior e evidente que é de Seu Profeta, e a interior e oculta que é o intelecto humano? Como podemos entender essa afirmação considerando como o intelecto foi descrito (anteriormente)?

Resposta: Sem exceção, o intelecto humano se concentra na aquisição do benefício e no afastamento do prejuízo. Sempre que aceita cooperar e participar nas atividades sociais está, como verificamos acima, em busca de seu próprio benefício. Essa necessidade frequentemente é sentida por aqueles que desejam se aproveitar dos outros ou que estão com a intenção de dominá-los por meio de seu poder econômico. Para tais pessoas não há nada que os impeça de seguir em seu procedimento ilegal; seu intelecto não decidirá em favor da lei tampouco proibirá a transgressão. Contudo, se a compulsão (como é entendida à luz da revelação divina) tiver sua fonte em Deus, então o efeito sobre o homem será inteiramente diferente. A vigilância de Deus sobre a ação do homem, Sua punição ou recompensa das más ou boas ações, não admite negligência, ignorância ou incapacidade. O intelecto, que reconheça a existência de Deus, não pode refutar a lei. Sempre decidirá em favor daquilo que a revelação exige do homem.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الرعد آية ٣٣:
﴿أَفَمَنْ هُوَ قَاتِمٌ عَلَىٰ كُلِّ نَفْسٍ بِمَا كَسَبَتْ...﴾

Assim, o intelecto de um crente reconhecerá a importância da revelação sobre qualquer questão pessoal. Deus diz no capítulo 13 versículo 33: “*Quem é o observador de tudo o que faz toda alma?*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الطارق آية ٤:
﴿إِنَّ كُلَّ نَفْسٍ لَّمَّا عَلَيْهَا حَافِظٌ﴾

E no capítulo 86 versículo 4: “Cada alma tem sobre si um guardião.”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة المدثر آية ٣٨:

﴿كُلُّ نَفْسٍ بِمَا كَسَبَتْ رَهِينَةٌ﴾

E no capítulo 74 versículo 38: “Toda alma é depositária de suas ações”.

A Senda da Revelação é Protegida Contra os Erros

A senda da revelação é parte do projeto do Criador. Ele nunca comete erros, nem em Sua criação tampouco no sistema de crença e nas leis divinas, que são delineadas para o homem por meio da revelação.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الجن:

﴿عَالِمُ الْغَيْبِ فَلَا يُظْهِرُ عَلَى غَيْبِهِ أَحَدًا (٢٦) إِلَّا مَنِ ارْتَضَىٰ مِنْ رَسُولٍ فَإِنَّهُ يَسْلُكُ مِنْ بَيْنِ يَدَيْهِ وَمِنْ خَلْفِهِ رَصَدًا (٢٧) لِيَعْلَمَ أَنْ قَدْ أَبْلَغُوا رَسُولَاتٍ رَبِّهِمْ وَأَحَاطَ بِمَا لَدَيْهِمْ وَأَحْصَىٰ كُلَّ شَيْءٍ عَدَدًا (٢٨)﴾

Deus diz no capítulo 72 versículos 26 a 28: “Ele é Conhecedor do invisível e não revela Seus mistérios a quem quer que seja. Salvo a um mensageiro que tenha escolhido, e faz um grupo de guardiões marcharem, na frente e por trás dele, para certificar-se de que transmitiu as mensagens de seu Senhor; o Qual abrange tudo o que os humanos possuem, e que toma conta de tudo”.

A partir disso compreendemos que os profetas e mensageiros de Deus devem ser infalíveis tanto na recepção da revelação quando na preservação desta, contra a alteração e a ação de seus inimigos.

Eles (os profetas e mensageiros) são instrumentos à disposição da sabedoria do Criador. Se cometessem um erro ao receber ou ensinar a mensagem da revelação ou caso se extraviassem em virtude das palavras das pessoas más, ou se eles próprios cometessem equívocos ou deliberadamente alterassem a mensagem que tinham que comunicar, então a sabedoria de Deus seria incapaz de aperfeiçoar seu projeto de orientação.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النحل آية ٩ :

﴿وَعَلَى اللَّهِ قَصْدُ السَّبِيلِ وَمِنْهَا جَاذِبٌ...﴾

Deus confirma no capítulo 16 versículo 9 que Ele possui o controle absoluto da orientação humana por meio de seu mensageiro: “*A Deus incumbe indicar a verdadeira senda, da qual tantos se desviam...*”.

A Realidade Oculta da Revelação

A realidade da revelação é oculta para nós. O que é evidente é que o objetivo do projeto da vida, delineado para o homem pelo Criador, não pode ser totalmente compreendido pelo intelecto; deve haver outro meio de compreensão, de percepção (que não seja mediante a reflexão e o raciocínio), pelo qual o homem venha a conhecer os deveres incumbidos a ele e seus semelhantes. Essa compreensão só pode ser englobada pela senda da revelação.

Contudo, existe um número limitado de homens que possuem esse tipo de compreensão, uma vez que a recepção da revelação requer uma capacidade de entendimento baseada na pureza, sinceridade e liberdade no que se refere a toda corrupção e maus pensamentos. Exige inalterabilidade das qualidades espirituais, que tais homens sejam equilibrados psicologicamente em seus julgamentos e que possuam profundidade de compreensão. Devemos admitir que essas características são raras entre os humanos.

Os profetas e mensageiros mencionados no Alcorão foram homens verdadeiramente dotados dessas qualidades. O Alcorão não menciona seu número, apenas nomeia alguns (Adão, Noé, Hud, Salih, Abraão, Lot, Ismael, Elisha, Dhu-al Kifl (Ezequiel), Elias, Yunus (Jonas), Idris (Enoch), Isaac, Jacó, Yusef (José), Shu'ayb, Moisés, Arão, Davi, Salomão, Jó, Zakarias, Yahia (João), Isma'il Sadiq Al Wa'd, Isa (Jesus) e Mohammad, outros são indicados mas não citados nominalmente).

Nós, como homens comuns, não partilhamos dessas características e, portanto não somos capazes de experimentar da realidade de sua percepção. A Profecia, como uma experiência, permanece desconhecida para nós. Além disso, pouco das revelações do passado chegou até nós e temos somente uma visão limitada da realidade que envolve a revelação e a profecia. É possível que o que chegou até nós na forma de livros revelados seja exatamente igual à revelação que conhecemos, que é o Alcorão. Entretanto, há também a possibilidade de que as outras revelações contivessem informações e instruções que não conhecemos.

Como o Alcorão Foi Revelado

A revelação alcorânica, de acordo com o próprio Alcorão, é a expressão verbal de Deus comunicada a Seu Profeta; o Profeta recebeu a palavra de Deus com todo o seu ser, não somente por meio do raciocínio.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الشورى:

﴿وَمَا كَانَ لِنَبِيٍّ أَنْ يَكَلِّمَهُ اللَّهُ إِلَّا وَحْيًا أَوْ مِنْ وَرَاءِ حِجَابٍ أَوْ يُرْسِلَ رَسُولًا فَيُوحِيَ بآيَاتِهِ مَا يَشَاءُ إِنَّهُ عَلِيمٌ حَكِيمٌ (٥١) وَكَذَلِكَ أَوْحَيْنَا إِلَيْكَ رُوحًا مِنْ أَمْرِنَا مَا كُنْتَ تَدْرِي مَا الْكِتَابُ وَلَا الْإِيمَانُ وَلَكِنْ جَعَلْنَاهُ نُورًا نَهْدِي بِهِ مَنْ نَشَاءُ مِنْ عِبَادِنَا وَإِنَّكَ لَتَهْدِي إِلَى صِرَاطٍ مُسْتَقِيمٍ (٥٢)﴾

No capítulo 42, versículos 51 e 52, Deus diz: *“É inconcebível que Deus fale diretamente ao homem, a não ser por revelações, ou veladamente, ou por meio de um mensageiro, mediante o qual revela, com o seu beneplácito, o que lhe apraz; sabeis que Ele é Prudente, Altíssimo. E também te inspiramos com um Espírito, por ordem Nossa, antes do que não conhecias o que era o Livro, nem a fé; porém, fizemos dele uma luz, mediante a qual guiamos quem Nos apraz dentre os Nossos servos. E tu certamente te orientas para uma senda reta”*.

Ao compararmos estes dois versículos descobrimos três meios diferentes da expressão divina. O primeiro, em que Deus fala sem que haja um véu entre Ele e o homem. O segundo, em que Deus fala estando oculto por um véu; como a árvore no monte Tur, quando Moisés ouviu a voz Divina. A terceira, em que a palavra de Deus é comunicada ao homem por um anjo que tenha ouvido a revelação Dele.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الشعراء:

﴿وَأَنَّهُ لَتَنْزِيلُ رَبِّ الْعَالَمِينَ (١٩٢) نَزَلَ بِهِ الرُّوحُ الْأَمِينُ (١٩٣) عَلَى قَلْبِكَ لِتَكُونَ مِنَ الْمُنذِرِينَ (١٩٤) بِلِسَانٍ عَرَبِيٍّ مُبِينٍ (١٩٥)﴾

O segundo versículo demonstra que o Alcorão nos chegou por meio da terceira via. E ainda, Deus diz no capítulo 26 versículos 192 a 195: *“Certamente este (Alcorão) é uma revelação do Senhor do Universo. Com ele desceu o Espírito Fiel, para o teu coração, para que seja um dos admoestadores, em elucidativa língua árabe...”*.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البقرة آية ٩٧:

﴿... مَنْ كَانَ عَدُوًّا لِجِبْرِيلَ فَإِنَّهُ نَزَّلَهُ عَلَى قَلْبِكَ ...﴾

E no capítulo 2 versículo 97: *“Quem for inimigo de Gabriel, saiba que ele, com o beneplácito de Deus, impregnou-te (o Alcorão) no coração...”*

Com estes versículos entendemos que o Alcorão foi transmitido por meio de um anjo chamado Gabriel ou o “Espírito Fiel”, e que o Profeta recebeu a revelação dele com todo seu ser, toda sua percepção e não somente pela audição. O versículo diz “*em teu coração*” o que em termos alcorânicos quer dizer percepção ou consciência.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة النجم:

﴿فَأَوْحَىٰ إِلَيَّ عَبْدِي مَا أَوْحَىٰ (١٠) مَا كَذَبَ الْفُؤَادُ مَا رَأَىٰ (١١)﴾

No capítulo 53, versículos 10 e 11, lemos: “*E revelou a Seu servo o que Ele havia revelado. O coração (do mensageiro) não mentiu acerca do que viu*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة البينة:

﴿رَسُولٌ مِّنَ اللَّهِ يَتْلُو صُحُفًا مُّطَهَّرَةً﴾

E no capítulo 98 versículo 2 a recepção da revelação é indicada como a recitação de páginas purificadas pelo mensageiro de Deus.

A Exaltação do Conhecimento e o Estímulo ao Desejo de Estudar

Nenhuma outra escritura revelada elogia e encoraja a ciência e o conhecimento como faz o Alcorão e é por essa razão que o Alcorão denomina a época dos árabes do deserto e de suas culturas pagãs como a “era da ignorância”. Por cerca de cem versículos se faz referência à ciência e ao conhecimento de várias maneiras; e muitos desses versículos exaltam o valor do conhecimento científico.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة العلق آية ٥ :

﴿عَلَّمَ الْإِنْسَانَ مَا لَمْ يَعْلَمْ﴾

No capítulo 96 versículo 5 Deus indica o favor que concedeu ao homem tirando-o de seu estado de ignorância, “*ensinou ao homem o que este não sabia*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة المجادلة آية ١١ :

﴿... يَرْفَعُ اللَّهُ الَّذِينَ آمَنُوا مِنْكُمْ وَالَّذِينَ أُوتُوا الْعِلْمَ دَرَجَاتٍ...﴾

E também, lemos no capítulo 58 versículo 11: “*Deus dignificará os fiéis, dentre vós, assim como os sábios...*”

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الزمر آية ٩ :

﴿... هَلْ يَسْتَوِي الَّذِينَ يَعْلَمُونَ وَالَّذِينَ لَا يَعْلَمُونَ...﴾

E no capítulo 39 versículo 9 Deus diz: “*Poderão acaso, se equiparar os sábios com os ignorantes?*” Além de muitos outros versículos serem concernentes ao conhecimento, existem também incontáveis tradições do Profeta e dos Imames sobre o assunto, as quais só perdem em importância para o Alcorão.

As Ciências que o Alcorão Incentiva o Homem a Estudar

Em versículos tão numerosos para que possamos mencionar, o Alcorão convida o indivíduo a refletir sobre os sinais da criação: os céus, as estrelas e seus impressionantes movimentos, a ordem cósmica que domina todos os astros. De modo semelhante, o Alcorão incentiva o indivíduo a refletir sobre a criação da terra, dos mares, das montanhas, dos desertos, e das maravilhas contidas abaixo da superfície terrestre, a diferença entre o dia e a noite e o ciclo das estações. Conclama a humanidade a meditar sobre a criação extraordinária dos vegetais, a ordem e a simetria que governam seu crescimento, como também a multiplicidade do reino animal.

O Alcorão convida o indivíduo a testemunhar a interdependência dos seres e como tudo vive em harmonia com a natureza. Chama a atenção para o homem também, para que medite acerca de sua forma, dos segredos da criação que são ocultos para ele, em sua alma, na profundidade de sua percepção, e seu relacionamento com o mundo do espírito.

O Alcorão ordena o homem a (se necessário) atravessar o mundo a fim de testemunhar outras culturas e a examinar os modelos de organização social, a história e a filosofia dos povos do passado. Assim, convoca o homem ao estudo das ciências naturais, da matemática, da filosofia, das artes e de todo conhecimento científico disponível, para que as estude pelo benefício do indivíduo e o bem estar da sociedade.

O Alcorão recomenda o estudo dessas ciências com a condição de que isso conduza à verdade, que produza uma visão correta do mundo fundamentada na compreensão de Deus. O conhecimento que apenas mantenha o homem ocupado ou que o afaste da consciência sobre a realidade de sua própria existência, se equipara à ignorância.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الروم آية ٧:

﴿يَعْلَمُونَ ظَاهِرًا مِّنَ الْحَيَاةِ الدُّنْيَا وَهُمْ عَنِ الْآخِرَةِ هُمْ غَافِلُونَ﴾

Deus diz no capítulo 30 versículo 7: “*Distinguem tão somente o aparente da vida terrena; porém, estão alheios quanto à outra vida*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الجاثية آية ٢٣:
﴿أَفَرَأَيْتَ مَنْ اتَّخَذَ إِلَهَهُ هَوَاهُ وَأَضَلَّهُ اللَّهُ عَلَىٰ عِلْمٍ وَخَتَمَ عَلَىٰ
سَمْعِهِ وَقَلْبِهِ وَجَعَلَ عَلَىٰ بَصَرِهِ غِشَاوَةً فَمَنْ يَهْدِيهِ مِنْ بَعْدِ اللَّهِ...﴾

Em no capítulo 45 versículo 23: “*Não tens reparado naquele que idolatrou sua concupiscência! Deus extraviou-o com conhecimento, sigilando seus ouvidos e o seu coração, e cobriu sua visão. Quem o iluminará depois de Deus (tê-lo desencaminhado)?*”

O Alcorão não apenas estimula o desejo pelo estudo, mas também o é, ele próprio, um sistema completo de conhecimento divino; e fornece, também, um modelo para o comportamento e o pensamento do homem. Este modo de vida completo é chamado Islam, o Caminho da Submissão (a Deus).

As Ciências Específicas do Estudo do Alcorão

Existem muitas ciências dedicadas ao estudo do Alcorão. O desenvolvimento dessas ciências data do primeiro dia das revelações alcorânicas, e com o decorrer do tempo foram unificadas e aperfeiçoadas. Hoje, inúmeras obras estão disponíveis sobre esses ramos do conhecimento, fruto do trabalho de diferentes pesquisadores durante séculos.

Algumas dessas ciências examinam a linguagem e o vocabulário do Alcorão, e outras, seus significados. As que concernem à linguagem são as ciências da correta pronúncia alcorânica e da recitação. Explicam as simples alterações que certas letras sofrem quando surgem em conjunção com outras, a substituição de letras e os pontos prescritos

para as pausas na recitação, e outras questões semelhantes. Também estudam as diferentes maneiras em que o Alcorão foi transcrito e os variados modos de sua recitação que são tradicionalmente aceitos, os três estilos menos conhecidos ou os modos mais raros de recitação.

Outras obras tratam da enumeração das *suras* e versículos, enquanto outras relacionam esses números com o texto integral. Discutem a tradição da caligrafia alcorânica e como esta difere da escrita arábica normal. Pesquisam ainda os significados do Alcorão e a divisão geral dos assuntos, como as circunstâncias e razões da revelação, a interpretação de determinados versículos, os sentidos ocultos e aparentes, o *muhkam* (evidente) e o *mutashabih* (ambíguo), e os versículos de ab-rogação e os ab-rogados.

Outras ciências estudam os versículos que contêm as leis (o que constitui parte do que é conhecido como o *fiqh*).

Há ainda as que se especializam no comentário dos significados (que já abordamos numa seção anterior).

Os especialistas em cada uma das diferentes ciências publicaram numerosas obras sobre tais assuntos.

As Ciências que se Desenvolveram por Causa do Alcorão

As ciências do *din* surgiram no começo da missão do Profeta e da revelação do Alcorão, incluindo as leis que governam o comportamento e as relações entre os muçulmanos. O estudo dessas ciências se desenvolveu no primeiro século da Hégira ainda que, inicialmente, não de um modo formal. Uma vez que os Califas haviam proibido a transcrição das tradições¹, estas foram comunicadas oralmente pelos companheiros aos seus seguidores.

1. Essa restrição foi imposta pelo Califa Omíada Umar Ibn Abd al Aziz.

Um pequeno número de eruditos escreveu sobre a jurisprudência e a ciência do *ahadith* (tradições) no início do segundo século quando a proibição foi cancelada e se permitiu que os sábios registrassem as tradições.

Foi nessa época que várias disciplinas surgiram, inclusive a ciência dos *ahadith* e a ciência do estabelecimento da autoridade e da veracidade dos que a transmitiram; a ciência da análise do texto das tradições; a ciência dos fundamentos da jurisprudência e a da própria jurisprudência; a ciência da crença no julgamento após a morte e da vida no além. Mesmo a filosofia, que entrou na arena islâmica por intermédio de textos gregos, e que permaneceu por algum tempo em seu idioma original, assumiu as crenças e os traços culturais do povo (islâmico) tempos depois.

Mudanças nos temas em estudo e na estrutura das disciplinas ocorreram, de tal maneira que hoje, entre os muçulmanos, todos os temas que dizem respeito à gnose divina são confirmados por provas e raciocínios extraídos do Alcorão e das tradições.

Todos esses assuntos foram também estudados como parte integral do idioma árabe: o domínio da ciência da declinação verbal, da gramática, do sentido dos termos, do comentário e da explicação, da arte das metáforas e do bom estilo de redação, e a filosofia e a ciência dos significados derivados permitiram maior precisão e clareza no estudo das ciências islâmicas como um todo.

Com efeito, o que estimulou os eruditos a registrar e ordenar coerentemente as leis do idioma árabe foi a percepção de que estavam servindo a Deus; o amor a Ele os levou a uma clareza, uma doçura de estilo que, por sua vez, gerou a ciência da correta expressão verbal e da composição.

Relata-se, pois, que Ibn Abbas, que foi um dos comentadores entre os companheiros, explicava os significados dos versículos tomando exemplos do vocabulário a partir da poesia árabe. Ele recomendou as pessoas a reunirem e aprenderem poesia árabe dizendo: “*A poesia é a tribuna dos árabes*” (querendo dizer que é o lugar onde a linguagem mais refinada pode ser ouvida).

O famoso erudito xiita Khalil Ibn Ahmad Al Farahidi escreveu o livro “*Al Ayn*” sobre o tema da linguagem, e também descreveu a ciência da rima poética.

Muitos outros escreveram sobre os mesmos assuntos. A História derivou-se inicialmente das narrativas do Islam sobre a vida dos profetas, em particular da narrativa sobre a vida do profeta Mohammad, e da descrição da saga dos povos antigos. A esse material básico se acrescentou um registro dos eventos ocorridos durante o período subsequente ao surgimento do Islam. Tudo isso se desenvolveu para uma história universal nos escritos de homens como Al Tabari, Al Mas’udi, Al Ya’qubi e Al Waqidi.

A razão original para que os muçulmanos traduzissem para o árabe e transmitissem os tratados sobre ciências naturais e matemática de outras culturas e idiomas, foi o estímulo cultural que receberam do Alcorão. Diversas ciências foram traduzidas do grego, do siríaco e do sânscrito para o árabe.

O acesso a essas ciências era disponível, primeiramente, apenas ao Califa (que naquela época era líder somente dos muçulmanos árabes). Gradualmente tais conhecimentos se tornaram acessíveis a todos os muçulmanos e se aprimoraram com o desenvolvimento dos métodos de pesquisa, estruturação, classificação e ordenamento dos assuntos.

Uma das principais razões para que a civilização islâmica, que se formou após o falecimento do Profeta, viesse a abranger uma grande parte do mundo habitado foi o Alcorão. Nós, os xiitas, entretanto, negamos que os califas e os reis que os seguiram possuíssem um direito legítimo à custódia e execução da lei, muito embora tenham expandido a civilização islâmica, e não concordamos inteiramente com o modo como explicaram as realidades do Islam.

De fato, a luz da sabedoria que iluminou o mundo foi proveniente do milagre do Alcorão. O surgimento e a difusão da revelação provocaram uma mudança no rumo da história e geraram uma cadeia de importantes eventos que resultaram no progresso e no desenvolvimento da cultura humana.

A ORDEM DA REVELAÇÃO DO ALCORÃO E O DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS ALCORÂNICAS

A Ordem em que os Versículos Alcorânicos Foram Revelados

O fato de que as *suras* (capítulos) e versículos do Alcorão não foram revelados de uma só vez, mas por etapas num período de vinte e três anos da missão do Profeta é abonado tanto pela evidência histórica como pela evidência de vários versículos.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الإسراء آية ١٠٦ :
﴿وَقُرْآنًا فَرَقْنَاهُ لِتَقْرَأَهُ عَلَى النَّاسِ عَلَىٰ مُكْثٍ وَنَزَّلْنَاهُ تَنْزِيلًا﴾

No capítulo 17, versículo 106, lemos: “*É um Alcorão que dividimos em partes, para que o recites paulatinamente aos humanos, e que revelamos em etapas*”. Como prova adicional existem os versículos de ab-rogação e os versículos ab-rogados que estão diretamente relacionados com os eventos de diferentes períodos e circunstâncias e que, obviamente não foram revelados de uma vez.

Aqui, devemos observar que as *suras* e versículos não foram revelados na ordem em que foram dispostos; ou seja, a primeira *sura* “*Al Fatihah*” foi revelada após as *suras* “*Al Baqara*”, “*Imran*”, “*Nisa’a*” e “*Al Ma’idah*”. O que também é verdade quanto à ordem dos versículos, que não estão numa seqüência necessariamente cronológica. O conteúdo do texto alcorânico pode, por exemplo, demonstrar que o tema de algumas *suras* e versículos se coaduna com o primeiro período da missão do Profeta - como as *suras* “*Al Alaq*” e “*Nun*”, porém, estão registradas no fim do Alcorão.

Muitas *suras* e versículos que correspondem à época subsequente à migração, como “*Al Baqara*”, “*Imran*”, “*Nisa’a*”, “*Os Espólios*” e “*Tawbah*” foram postos no início do texto alcorânico.

O conteúdo das *suras* e versículos estão, portanto, diretamente relacionados aos eventos, circunstâncias e diferentes necessidades do período da missão profética; as *suras* e versículos que tratam somente do chamado aos politeístas para a crença na unidade de Deus e do esforço contra os idólatras correspondem a uma época anterior à migração, quando o Profeta estava convidando o povo ao Islam em Mecca.

Os versículos que tratam das batalhas e os que tratam das leis sociais foram revelados depois dos eventos e circunstâncias relacionadas com o estabelecimento e o progresso da sociedade islâmica em Medina.

Conclusões

Podemos dividir as *suras* e versículos de acordo com o lugar, a circunstância e o momento de sua revelação.

Algumas *suras* e alguns versículos são mequenses e outros, medinenses; em geral, as *suras* e versículos que foram revelados antes da migração do Profeta são relacionados entre os mequenses. A maioria das *suras*, sobretudo as mais curtas, são desse gênero. As que foram reveladas após a migração são consideradas medinenses, ainda que tenham sido reveladas fora de Medina ou mesmo em Mecca.

Algumas *suras* e versículos foram revelados quando o Profeta se encontrava em viagem e outras quando estava residindo em algum local. Os versículos também são divididos (se considerando) se foram revelados de dia ou de noite, em tempo de paz ou de guerra, quando o Profeta estava na terra ou nos céus (durante a jornada noturna) ou se estava sozinho ou acompanhado. Levando-se em conta essas diferentes classificações podemos estudar as razões para a revelação.

Algumas *suras* foram reveladas mais de uma vez, como no caso da *Sura Al Fatiha*, que foi revelada uma vez em Mecca e outra em Medina. Alguns versículos foram revelados várias vezes, como, “*Por quais favores de teu Senhor sois ingratos?*” no capítulo “*O Clemente*” que é repetido trinta vezes, e o versículo, “*Em verdade, teu Senhor é o Poderoso, o Misericordioso*”, que é repetido oito vezes.

Algumas vezes um versículo aparece em mais de uma *sura*, como, “*dizem: Quando a promessa se cumprirá, se és fiel?*”. Vemos também, que uma sentença aparece como um versículo completo numa *sura* e como parte de outro versículo noutra; por exemplo, a sentença, “*Allah! Não há Deus senão Ele, o Vivente, o Eterno*” é um versículo completo no início da *sura* “*A Família de Imran*”, enquanto que, no capítulo “*Al Baqara*” é parte do versículo do Trono. Porém, a maior parte das *suras* e versículos foi revelada num único lugar e momento e não se repete no Livro.

Versículos similares aparecem em diferentes lugares no Alcorão em razão de certos assuntos que requerem repetição. Uma das características importantes do Alcorão é a diferença na extensão das *suras*. Podemos comparar (por exemplo) a *sura Kauçar* (a mais curta) e a *sura Al Baqara* (a mais longa).

Da mesma maneira, podemos comparar a extensão dos versículos, com o mais curto que contém uma única palavra “*mudhammatan*” e o mais longo de todos, composto por trinta sentenças (o versículo 282 da *sura Al Baqara*, que trata das dívidas).

Todas essas diferenças estão de acordo com as exigências da revelação. Às vezes, dois versículos estão intimamente ligados no que se refere ao sentido, porém, diferem em extensão; por exemplo, os trigésimo e trigésimo primeiro versículos da *sura “Mudaççir”*, o primeiro sendo uma única sentença e o segundo mais do que onze.

Não devemos esquecer que a maioria dos versículos mais curtos como (os das *suras*) “*A aurora*” e “*A Noite*” é mequense e que aqueles cujo assunto é tratado mais longamente e em detalhes são medinenses. Os primeiros versículos a serem revelados ao Profeta foram os cinco primeiros da *sura “Alaq”* e o último foi o versículo 281 da *sura “Al Baqara”*: “*E temei o dia em que retornareis a Deus, em que cada alma receberá o seu merecido, sem ser defraudada*”.

As Razões da Revelação

Muitos dos versículos estão ligados a eventos e circunstâncias que surgiram enquanto o Profeta convocava as pessoas ao Islam, por exemplo, os versículos da *Sura “Al Baqara”*.

Suras como “*Ahzab*” e “*Al Adiyat*” foram reveladas (especificamente), a primeira se referindo ao exílio dos Banu Al Nadir e a segunda aos beduínos do Vale Seco e outras tribos.

Alguma *suras* ou versículos foram revelados pela necessidade de explicar as leis e instruções islâmicas; por exemplo, a *sura “Nisa’a”* que definiu as regras do casamento e da herança das mulheres, a *sura “Os Espólios”* que explica como tratar os prisioneiros de guerra capturados como botim, e a *sura “Talaq”* que foi revelada, como seu nome indica, para explicar o divórcio.

As circunstâncias que levaram à revelação dessas *suras* são chamadas de “razões da revelação”, e existem inúmeras tradições sobre essa matéria.

Entre os sábios sunitas existem muitas tradições que tratam das razões da revelação; milhares de narrativas podem ser contadas (na escola xiita apenas algumas centenas). Muitas dessas narrativas não possuem uma cadeia de transmissão conhecida e não são inteiramente aceitas como confiáveis; ademais, um número considerável delas é classificado como fraco. A natureza duvidosa da maioria dessas narrativas pode ser atribuída às seguintes razões: Primeiro, é evidente a partir da forma de muitos desses dizeres que o narrador não as registrou por meio de uma transmissão oral direta, mas baseado em seu julgamento pessoal de que a revelação de certo versículo estava conectada a determinados acontecimentos. Portanto, o narrador relacionava certo acontecimento com um versículo de significado apropriado mencionado na tradição.

Essa é uma opinião subjetiva, formada mediante o exercício do *ijtihad*, da reflexão pessoal sobre um assunto, e não a razão real para a revelação que tenha sido aprendida oralmente de uma transmissão do Profeta. Como prova a este argumento, podemos citar muitas

contradições constantes nessas tradições. Existem versículos, por exemplo, com várias razões conflitantes para as revelações registradas nas tradições, as quais são totalmente desconexas entre si.

Ibn Abbas, por exemplo, que não está sozinho nessa prática, relata várias “razões para a revelação” de um mesmo versículo. A existência de razões tão conflitantes é que muitas foram concluídas por meio de deliberação pessoal subjetiva e não do que foi transmitido diretamente do Profeta. O que resulta em um narrador atribuir certo versículo à um evento em particular enquanto outro narrador atribui o mesmo versículo à outro evento.

Em outras ocasiões um narrador relata duas razões diferentes para a revelação de um versículo e assim, envolve-se em duas opiniões conflitantes; então rejeita a primeira em favor da segunda. Somos, pois, levados a concluir que a maioria das narrativas são fraudes ou foram transmitidas de modo enganoso sob o pretexto de serem provenientes de narradores confiáveis. Essa dúvida a respeito da validade de muitas dessas tradições põe em risco sua credibilidade.

Segundo, foi relatado com segurança que os primeiros Califas proibiram rigorosamente o registro ou a transcrição das narrativas e, sempre que se encontrava um manuscrito contendo um dizer, este era queimado. A proibição durou até fins do primeiro século da Hégira, isto é, por um período de noventa anos aproximadamente. O efeito dessa proibição foi que os narradores e eruditos dos dizeres sentiram-se livres para operar pequenas adições ou alterações durante a transmissão oral das tradições. Tais adições aumentaram gradualmente até que o sentido original da tradição comunicada se perdeu.

Esse fenômeno fica muito evidente ao se examinar um evento ou assunto que tenha sido relatado por dois narradores; podemos encontrar um dizer que descreva um acontecimento e verificar o mesmo acontecimento descrito de uma maneira diferente.

Tradições falsas não apenas foram introduzidas por meio da sua atribuição a respeitados narradores, mas também pela ação dos hipócritas. Seus relatos logo se tornaram parte do conjunto essencial das tradições, o que minou ainda mais a credibilidade dessa seção específica da Ciência do hadith.

O Método Empregado na Descrição “das Razões Para a Revelação”

Os sábios do passado do Islam e, em especial os sábios sunitas, deram grande importância à ordem da revelação das *suras*. Entre as narrativas sobre o assunto se encontra a de Ibn Abbas, que disse que *“o começo de cada sura que foi revelada em Mecca foi registrado como tendo sido revelado ali mesmo, em seguida, Deus acrescentou o que quis a ela.”* A ordem de revelação do Alcorão é a seguinte (começando pelos versículos mequenses):

1. Recita. Em nome de teu Senhor... (96:1)
2. Nun (68:1)
3. Ó tu, acobertado! (73:1)
4. Ó tu, emantado! (73:1)
5. Que pereça o poder de Abu Lahab! (111:1)
6. Quando o sol for enrolado... (81:1)
7. Glorificado seja o nome de teu Senhor, o Altíssimo. (87:1)
8. Pela noite quando cobre (92:1)
9. Pela aurora (89:1)
10. Pelas horas da manhã (93:1)
11. Acaso não expandimos o teu peito (94:1)
12. Pelo entardecer (103:1)
13. Pelos corcéis... (100:1)
14. Em verdade, te agradecemos com a abundância (108:1)
15. A cobiça vos entreterá... (102:1)
16. Tens reparado em quem nega a religião (107:1)
17. Dize: Ó descrentes... (109:1)
18. Não viste como teu Senhor tratou os possuidores do elefante (105:1)
19. Dize: Busco refúgio no Senhor da Alvorada (113:1)

20. Dize: Busco refúgio no Senhor dos humanos (114:1)
21. Dize: Ele é Deus, o Único (112:1)
22. Pela estrela... (53:1)
23. Tornou-se austero e voltou as costas (80:1)
24. Sabei que o revelamos na Noite do Decreto (97:1)
25. Pelo sol e por seu esplendor (91:1)
26. Pelo céu, possuidor das constelações (85:1)
27. Pelo figo... (95:1)
28. Pelo pacto de Quraish (106:1)
29. A calamidade (101:1)
30. Juro, pelo dia da Ressurreição (73:1)
31. Ai de todo difamador, caluniador (104:1)
32. Pelos ventos enviados (77:1)
33. Qaf (50:1)
34. Pois sim! Eu juro por esta metrópole (90:1)
35. Pelo céu e pelo astro matutino (86:1)
36. A Hora se aproxima (54:1)
37. Sad (38:1)
38. As Alturas (7:1)
39. Dize: Foi-me revelado... (72:1)
40. Ya Sin (36:1)
41. Bendito seja Aquele que fez descer o Discernimento (25:1)
42. Louvado seja Deus, Criador dos céus e da terra, que fez dos anjos mensageiros... (35:1)
43. Kaf Ha Ayn Sad (19:1)
44. Ta ha (20:1)
45. A Verdade (56:1)
46. Ta Sin Mim (26:1)
47. Ta Sin (27:1)

48. Ta, Sin Mim (As Narrativas) (28:1)
49. Al Isra' (ou aos Filhos de Israel) (17:1)
50. Yunis (10:1)
51. Hud (11:1)
52. Yussef (12:1)
53. Al Hijr (15:1)
54. Al Anam (6:1)
55. Pelos que ordenadamente se enfileiram (37:1)
56. Luqman (31:1)
57. Saba' (34:1)
58. Os Grupos (39:1)
59. Ha Mim (Os Crentes) (40:1)
60. Ha Mim (Fussilat) (41:1)
61. Ha Mim Ayn Sin Qaf (42:1)
62. Ha Mim (Az Zukhuruf) (43:1)
63. Ad Dukhan (44:1)
64. O Genuflexo (45:1)
65. As Dunas (46:1)
66. Az Zariat (51:1)
67. Al Gháxyah (88:1)
68. Al Cahf (18:1)
69. As Abelhas (16:1)
70. Em verdade, enviamos Noé (71:1)
71. Abraão (14:1)
72. Os Profetas (21:1)
73. Os Crentes (23:1)
74. A Prostração (32:1)
75. Monte Sinai (At Tur) (12:1)
76. A Soberania (67:1)

77. A Verdade (69:1)
78. Al Ma'arij (70:1)
79. Sobre o que se questionam mutuamente? (78:1)
80. An Nazi'at (79:1)
81. Quando o céu se fender... (82:1)
82. Quando o céu for rachado (84:1)
83. Os Bizantinos (30:1)
84. A Aranha (29:1)
85. Ai dos defraudadores (83:1)
86. Al Baqara (2:1)
87. Al Anfal (8:1)
88. A Família de Imran (3:1)
89. Al Ahzab (33:1)
90. Al Muntahana (60:1)
91. An Nisa'a (4:1)
92. Quando a terra for sacudida (99:1)
93. Al Hadid (57:1)
94. Mohammad (47:10)
95. O Trovão (13:1)
96. O Clemente (55:1)
97. Al Insan (76:1)
98. O Divórcio (65:1)
99. Al Bayynat (98:1)
100. Al Haxr (59:1)
101. Quando chegar o socorro de Deus (110:1)
102. A Luz (24:1)
103. Al Hajj (22:1)
104. Os Hipócritas (63:1)
105. Al Mujádala (58:1)

106. Al Hujjurat (49:1)
107. As Proibições (66:1)
108. Al Jumu'ah (62:1)
109. At Taghabún (64:1)
110. As Fileiras (61:10)
111. Al Fath (48:1)
112. Al Ma'idah (5:1)
113. At Tawbah (9:1)

Tradições Adicionais com Respeito à Ordem e Lugar da Revelação das Suras

A tradição de Ibn Abbas menciona cento e treze *suras*, não incluindo a *sura* Al Fatiha. Há outro dizer, relatado por Al Bayhaqi de Ikrimah, que enumera cento e onze *suras*, não mencionando as *suras* Al Fatiha, As Alturas e Ax Xura. Quando Al Bayhaqi relata esta mesma tradição de Ibn Abbas inclui todas as cento e catorze *suras*. A tradição de Bayhaqi conta a *sura* “Os Defraudadores” como uma *sura* medinense contrariando as outras tradições que a contam como mequense. A ordem mencionada nessas duas tradições para as *suras* mequenses e medinenses é diferente da apresentada em outras tradições.

Outra tradição, relatada de Ali Ibn Abi Talhah, diz: “*A sura Al Baqara foi revelada em Medina e Familia de Imran, Nisa'a, Al Ma'idah, Anfal, Tawbah, Hajj, Nur, Ahzab, Kafirun, Fath, Hadid, Mujadala, Hijr, Muntahana, As Saf, Taghabun, Talaq, Tahrim, Al Fajr, Al lail, Al Qadr, Bayynat, Zalzala, an Nasr e o resto das suras foram reveladas em Mecca*”.

A intenção da tradição parece apenas a de estabelecer a diferença entre as *suras* mequenses e medinenses, e definir a ordem da revelação das *suras* mencionadas. As *suras* al Ma'idah e

Tawbah são, sem dúvida, posteriores na ordem de revelação ao que é indicado na tradição. Além disso, as *suras* Fajr, Lail e Qadr são contadas entre as *suras* medinenses, enquanto que a tradição citada as conta como mequenses. De modo idêntico, as *suras* Ar Rad, Ar Rahman, Insan, Jumu'ah e Hujjrat são consideradas mequenses, enquanto a tradição as classifica como medinenses.

Em outra tradição relatada por Qatadah, Al Baqara, Imran, Nisa'a, al Ma'idah, Tawbah, Ar Rad, Nahl, Hajj, Nur, Ahzab, Muhammad, Fath, Hujjrat, Hadid, Ar Rahman, Mujadala, Hijr, Muntahana, As Saf, Jumu'ah, Munafiqun, Taghabun, Talaq, os primeiros versículos de Tahrir, e "*Quando a terra for sacudida*" e "*Quando vier o socorro de Deus*", foram revelados em Medina e o resto em Mecca. Esta tradição contraria a anterior, particularmente com respeito à menção das *suras* Mutaffifin, Insan e Bayynat.

Entretanto, essa tradição é inaceitável de acordo com a Ciência dos Ahadith, sendo desconectada da transmissão direta do Profeta. Carece também de evidência se Ibn Abbas aprendeu a ordem da revelação do próprio Profeta ou de alguma outra pessoa não identificada, ou se a concluiu a partir de uma decisão subjetiva. Se o caso for a segunda hipótese, a tradição não possui valor algum nem autenticidade senão para ele mesmo. Também não possui nenhum valor histórico, já que Ibn Abbas não teve qualquer contato próximo com o Profeta. É óbvio que ele não poderia estar presente no momento da revelação dessas *suras*. Mesmo que, por suposição, a tradição fosse verdadeira, ainda não seria totalmente aceitável em assuntos fora do âmbito da lei islâmica.

O único meio de se descobrir a verdadeira ordem de revelação das *suras*, e se são mequenses ou medinenses, é examinar seu conteúdo e compará-las com as circunstâncias e a realidade social anteriores e posteriores à migração. Esse método é eficaz em certos casos; o conteúdo das *suras* Insan, os Corcéis e Mutaffifin atestam sua condição de *suras* medinenses, ainda que algumas tradições afirmem que sejam mequenses.

A Compilação do Alcorão (antes do falecimento do Profeta)

A influência do Alcorão, que foi revelado em versículos e *suras* separadas, aumentou dia após dia. Sua eloquência e milagrosa clareza deixaram os árabes, que davam grande importância a linguagem refinada, num estado de perplexidade; eles vieram de toda parte para ouvir e aprender uns poucos versículos com o Profeta. Contudo, os homens de destaque de Mecca e os líderes quraishitas¹, que eram idólatras e inimigos implacáveis do Profeta e do Islam, tentaram impedir que as pessoas se aproximassem dele; tentaram afugentá-las propagando que o Alcorão era uma obra de magia.

Não obstante as pessoas vinham, sem que os amigos, a família e os servos soubessem, na escuridão da noite, até um local próximo à casa do Profeta para ouvi-lo recitar o Alcorão. Os esforços dos primeiros muçulmanos em ouvir, memorizar e registrar o Alcorão foram estimulados por outro motivo: eles consideravam o Alcorão um documento sagrado, sendo a palavra de Deus. Tinham por obrigação recitar a *sura* Al Fatiha e uma outra parte do Alcorão em suas preces. O Profeta havia também recebido a ordem de instruir as pessoas nas leis do Islam por intermédio do Alcorão.

Esse estudo e dedicação ao Alcorão se tornaram mais ordenados e abrangentes após a migração do Profeta à Medina e a formação de uma comunidade muçulmana independente. Ele deu ordens a um número considerável de companheiros para que recitassem o Alcorão, aprendessem e ensinassem diariamente as leis que eram reveladas.

Tão importante era essa atividade que, de acordo com uma permissão especial concedida por Deus no capítulo Tawbah, versículo 122, esses sábios foram isentos da obrigação de participar das batalhas defensivas.

1. Da tribo de Quraish.

Como a maioria dos companheiros (sobretudo os que haviam emigrado para Medina) não sabia ler e escrever, o Profeta ordenou que aprendessem com os prisioneiros de guerra a escrita simples da época. Assim, pouco a pouco, um grupo de companheiros se alfabetizou.

Os desse grupo que se dedicaram à recitação do Alcorão, memorizando as *suras* e versículos foram chamados de “*qurra*”, e foram integrantes desse grupo quarenta pessoas (segundo alguns relatos, setenta) que foram martirizadas em um incidente chamado Bi’r Ma’unah.

O Alcorão foi registrado, como foi revelado, em ossos de animais, pedras e folhas de tamareiras. Não há dúvida que a maior parte das *suras* era utilizada entre os primeiros muçulmanos, já que foram mencionadas em numerosos ditos por fontes sunitas e xiitas, que relatam o costume do Profeta de usar o Alcorão como um chamado ao Islam, na forma de realizar a prece e no modo de recitação. De modo semelhante, encontram-se os nomes de *suras* nas tradições que descrevem a época em que o Profeta ainda vivia, nomeadamente as *suras* muito longas e a Al Fatiha.

Após o Falecimento do Profeta

Depois do falecimento do Profeta, Ali ibn abi Taleb, que (de acordo com uma tradição de absoluta autoridade) foi mais conhecedor do Alcorão do que qualquer outro homem, retirou-se para sua casa e compilou o Alcorão num volume na ordem correspondente à sua revelação. Antes que seis meses tivessem passado desde a morte do Profeta, o volume foi concluído e Ali o carregou num camelo para mostrá-lo aos demais.

Um ano após o falecimento do Profeta, ocorreu a guerra de Yamamah e setenta recitadores foram mortos. Então, o Califa considerou a idéia de reunir as *suras* e versículos num único volume.

Os muçulmanos temiam que se uma futura batalha acontecesse e o restante dos “*qurra*” (recitadores) fossem mortos, o Alcorão desaparecesse com eles.

Assim, sob as ordens do Califa, um grupo dos recitadores dentre os companheiros, que incluía Zayd Ibn Thabit, reuniu as *suras* e versículos (registrados em folhas, pedras e ossos que se encontravam guardados na casa do Profeta e nas casas dos recitadores) e produziram várias cópias manuscritas do Livro completo. Em seguida, enviaram as cópias dessa compilação para todas as regiões que estavam sob domínio islâmico.

Tempos depois, durante o governo do terceiro Califa, o próprio Califa percebeu que diferenças e contradições haviam surgido nas cópias; faltava precisão a alguns copistas e o necessário cuidado a alguns recitadores.

Uma vez que a palavra de Deus parecia ameaçada de alteração, o Califa ordenou que cinco dos companheiros dentre os recitadores (Zayd Ibn Thabit, que havia compilado o primeiro volume era um deles) produzissem outras cópias do primeiro volume que se encontrava guardado com Hafsa, a esposa do Profeta e filha do segundo Califa. As outras cópias, já nas mãos dos muçulmanos em outras regiões, foram recolhidas e enviadas a Medina onde o Califa ordenou que fossem incineradas (segundo outros historiadores, que fossem destruídas com água fervente). Portanto, várias cópias foram produzidas, uma sendo guardada em Medina e outra em Mecca. Enviou-se cópias a Sham (território hoje dividido em Síria, Líbano, Palestina e Jordânia), a Kufa e Basra.

Relata-se que além destas, também se enviou uma cópia ao Iêmen e outra ao Bahrein. Essas cópias foram chamadas de cópias do Imam e serviram de original para todas as cópias futuras. A única diferença entre esses volumes e o primeiro dizia respeito à ordem; as *suras* “Espólios” e “Tawbah” foram inclusas entre as *suras* “Al Aaraf” e “Yunus”.

A Importância que os Muçulmanos dão ao Alcorão

Como observamos acima, os versículos e *suras* do Alcorão estavam oralmente em uso entre os muçulmanos na época de sua primeira e segunda compilação. Essa primeira geração foi extremamente cuidadosa na preservação do que havia memorizado.

Ademais, um vasto grupo de companheiros e de seus seguidores se dedicou à recitação e à memorização do texto alcorânico. A compilação do Alcorão num único volume foi levada a cabo sob sua supervisão. Todos eles aceitaram, sem objeção, o volume que lhes foi entregue e em seguida, fizeram cópias dele.

Certa vez, aconteceu que alguns homens tentaram registrar o versículo 34 da *sura* Tawbah, “*E aqueles que entesouram o ouro e a prata*” sem o “*e*” na segunda compilação, e foram impedidos de fazê-lo. O companheiro Ubayy Ibn Ka’b jurou que se alguém omitisse o “*e*” ele o combateria com a espada.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة التوبة آية ١٠٠ :

﴿... وَالَّذِينَ اتَّبَعُوهُمْ بِإِحْسَانٍ...﴾

Por fim, o “*e*” foi registrado. Um dia, o segundo califa, durante o seu governo, recitou o versículo “*Quanto aos primeiros dentre os que migraram e os Ansar, e aqueles que imitaram o seu exemplo virtuoso...*” (C.9 – V.100) sem pronunciar a letra “*e*”. As pessoas se opuseram a ele e por fim, se viu forçado a recitar o versículo integralmente.

O Alcorão que havia sido compilado por Ali ibn abi Taleb não foi aceito por muitos quando ele o apresentou. Não obstante, Ali não levantou qualquer objeção ou resistência e acatou o Alcorão em circulação enquanto viveu, mesmo durante o período de seu califado.

De modo idêntico, os Imames da Família do Profeta, sucessores e filhos do Profeta, não expressaram qualquer objeção ao Alcorão aos seus seguidores mais próximos. Sempre se referiram ao Alcorão em uso corrente em seus comentários e ordenaram aos seus seguidores que o recitassem como o povo em geral fazia.

O silêncio de Ali acerca da questão da diferença na ordem das *suras* entre os dois volumes foi com a intenção de manter a preferência dos Imames xiitas pelo comentário do Alcorão pelo Alcorão; para eles, a ordem das *suras* mequenses ou medinenses não tinha nenhuma influência nos significados do Alcorão; e o comentário de cada versículo se faria pela comparação do versículo com outro grupo de versículos.

Além disso, o Alcorão sendo eterno e válido para todas as épocas e lugares; as particularidades temporais e locais como a época, a circunstância e o local da revelação não podem ter efeito na mais elevada balança dos significados contidos no texto sagrado.

É bem verdade que há benefícios em conhecer certos detalhes da revelação, o que ajuda a discernir o desenvolvimento da sabedoria divina, das leis sociais e das histórias dos profetas e dos povos do passado. Ademais, uma compreensão das razões da revelação mostra como o chamado do Islam progrediu no decorrer de vinte e três anos da missão do Profeta.

Porém, gostaríamos de deixar claro que foi com o intuito de preservar a unidade dos muçulmanos que os xiitas se mantiveram em silêncio sobre esse assunto.

O Alcorão é Protegido de Qualquer Alteração

A transmissão do Alcorão, desde sua revelação até os dias atuais, é um processo livre de erros. As *suras* e versículos estão constantemente em uso entre os muçulmanos e foram transmitidas na sua forma original de geração em geração. O Alcorão que hoje conhecemos é o mesmo Alcorão que foi revelado ao Profeta há catorze séculos atrás.

O Alcorão não necessita de prova histórica para sua identidade ou autenticidade, (muito embora a história confirme também sua validade). Desde que um livro que afirma ser a fiel e inalterável palavra de Deus e atesta isto em seu próprio texto, não precisa recorrer a outros para provar sua autenticidade.

A mais evidente das provas de que o Alcorão que hoje temos é o mesmo que foi revelado ao Profeta e que nenhuma alteração ocorreu em seu texto, é que a mesma superioridade que reivindicou para si no momento de sua revelação é a que ainda existe. O Alcorão diz que é um livro de luz e orientação, diz que explica todas as coisas, isto é, tudo o que é necessário para que o homem viva de acordo com seu próprio caráter natural; diz que é a palavra de Deus e desafia os homens e os gênios a produzirem palavras similares; desafia-os a encontrar alguém igual ao Profeta, que não seja capaz de ler e escrever e que tenha sido criado numa era de ignorância como um órfão sem instrução; o Alcorão desafia-os a encontrarem qualquer contradição em seu método, em suas ciências ou leis, como se pode encontrar em qualquer livro comum. Obviamente, não podem fazê-lo em razão da superioridade do Alcorão, que permanece após sua revelação.

Do mesmo modo, a orientação para o homem contida no Alcorão é ainda válida; ainda expõe uma visão completa do mundo que está em harmonia com as provas mais puras do intelecto e é a fonte do bem estar humano neste mundo e no outro. Pela bondade e carinho que o Criador demonstrou no Livro à Sua criação, o Alcorão ainda convida o homem à crença.

O Alcorão dá atenção às necessidades do homem apresentando a ele uma visão da realidade baseada na Unidade Divina. Todo conhecimento e fé provêm desta visão da realidade. Em nenhum ponto o Alcorão deixa de explicar, da maneira mais abrangente, a realidade dessa unicidade.

Dedica muita atenção à explicação do comportamento e das relações que são requeridas do indivíduo na sociedade, e demonstra como a ação correta é a que corresponde ao caráter e a natureza intrínseca do homem. O Alcorão deixa a descrição detalhada do comportamento humano para o Profeta, cuja vida diária foi um exemplo de como o homem deveria por em prática o conteúdo do Alcorão.

Juntos, o Livro de Deus e o exemplo (*sunna*) do Profeta delinearão para o homem um modelo de vida espantosamente vasto, ou seja, o modo de vida em harmonia com a realidade, que é o Islam. O Alcorão trata com precisão de todos os aspectos da vida individual e social e, apesar de ter sido revelado numa outra época, não contém sequer a menor contradição ou incompatibilidade, mesmo na atualidade. Descreve um “*din*” (modo de vida), um caminho de vida abrangente, cujo programa está além da imaginação dos mais capacitados legisladores ou sociólogos.

O milagre do Alcorão, em sua clareza e eloquência, se arraigou na linguagem de uma nação famosa pela pureza e força de seu idioma. O Alcorão é um sol milagroso cuja luz brilha muito mais do que a mais refinada poesia da época, e mais, de qualquer época. Durante as conquistas islâmicas do primeiro século da Hégira, a resultante miscigenação de termos estrangeiros com os termos árabes reduziu a pureza do idioma árabe, utilizado no Alcorão, causando seu desaparecimento da linguagem cotidiana do povo.

O Alcorão não somente desafia o homem pelo uso de sua linguagem como também pela profundidade de seu sentido. As pessoas que conhecem o idioma árabe (que dominam tanto a linguagem poética como a prosa) são reduzidas ao silêncio e a perplexidade quando tentam descrevê-lo.

O Alcorão não é poesia nem prosa, em vez disso, parece carregar características de ambas; é mais atraente e deslumbrante do que a poesia, e mais claro e fluente do que a prosa. Um único versículo ou frase alcorânica é mais esclarecedora, penetrante e profunda do que o todo o discurso do mais eloquente dos oradores.

A profundidade de sentido no Alcorão permanece um milagre; sua estrutura complexa de crenças, de princípios morais e leis se mantém como prova de que o Livro é a palavra de Deus.

O Homem, e, sobretudo aquele que tenha nascido e crescido em circunstâncias semelhantes às do Profeta, jamais poderia ter criado tal sistema; o Alcorão possui uma totalidade harmoniosa, apesar de ter sido revelado durante vinte três anos em circunstâncias bastante diversas.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة الحجر آية ٩:

﴿ إِنَّا نَحْنُ نَزَّلْنَا الذِّكْرَ وَإِنَّا لَهُ لَحَافِظُونَ ﴾

O próprio Deus confirma que o Alcorão foi preservado de toda e qualquer mudança; no capítulo 15 versículo 9: “*Nós revelamos a Mensagem e somos dela o Seu Preservador*”.

يقول الله تعالى في كتابه المبين في سورة فصلت آية ٩:

﴿ ... وَإِنَّهُ لَكِتَابٌ عَزِيزٌ ﴾ (٤١)

﴿ لَا يَأْتِيهِ الْبَاطِلُ مِنْ بَيْنِ يَدَيْهِ وَلَا مِنْ خَلْفِهِ تَنْزِيلٌ مِّنْ حَكِيمٍ حَمِيدٍ ﴾ (٤٢)

E no capítulo 41 versículo 41 e 42, Ele diz: “*Este é um Livro veraz por excelência. A falsidade não se aproxima dele nem pela frente, nem por trás; é a revelação do Prudente, Laudabilíssimo*”. Somente um Livro Divino é capaz de permanecer preservado por catorze séculos num mundo onde os inimigos da verdade e do Islam são numerosos.

A Recitação, Memorização e Transmissão do Alcorão

Existiam vários recitadores ocupados no aprendizado e no ensino do Alcorão em Medina. Qualquer pessoa que aprendia com algum deles transmitia o estilo particular de recitação aos outros, como uma tradição. Várias maneiras de recitação surgiram. Podemos atribuir isso, primeiro, ao fato de que a escrita empregada naquele tempo era a cúfica e não possuía a pontuação diacrítica, e cada palavra podia ser pronunciada de várias maneiras. Em segundo lugar, a maior parte das pessoas era iletrada, e, quando aprendia o Alcorão, não podia senão memorizá-lo e transmiti-lo oralmente. Esse método continuou a ser utilizado por muitas gerações.

Os Diferentes Grupos de Recitadores

O primeiro grupo de recitadores era formado por aqueles companheiros que se ocuparam no aprendizado e no ensino do Alcorão durante a vida do Profeta. Entre eles havia um grupo que memorizou todo o Alcorão; uma das pessoas desse grupo era uma mulher chamada Umm Waraqah Bint ‘Abd Allah Ibn Harith.

Também integravam o grupo de estudantes quatro *ansari* (medinenses que se tornaram muçulmanos e receberam os que vieram de Mecca). Eles memorizaram o Alcorão inteiro, mas não se preocuparam com a ordem dos versículos e *suras*; outros sábios foram responsáveis pela memorização da ordem.

Algumas tradições dizem que a posição de cada versículo e *sura* foi definida pelo próprio Profeta, porém, de modo geral, o restante das tradições refuta essa possibilidade.

Segundo alguns eruditos posteriores (Al Suyuti em sua obra *Al Itqan*, no capítulo que trata sobre os qualidades dos que foram responsáveis pela transmissão) vários dos recitadores se tornaram famosos, entre eles Uthman, Ali, Ubayy Ibn Ka’b, Zayd Ibn Thabit, Abd ‘Allah Ibn Mas’ud e Abu Musa Al Ash’ari.

O segundo grupo de recitadores foram os discípulos do primeiro grupo. Em geral, foram *tabi’um* (seguidores dos companheiros do Profeta) e os mais famosos entre eles tiveram centros de recitação e lecionaram em Mecca, Medina, Kufa, Basra e Sham. O volume Uthmani foi utilizado nessas cinco localidades.

Em Mecca estavam Ubayyd Ibn Amir e Ata Ibn Abi Rabah, Ta’us Mujahid, Ikrimah Ibn Abi Mulaykah e outros. Em Medina, Ibn Musayyb, Urwah Salim, Umar Ibn ‘Abd Al Aziz, Sulayman Ibn Yasar, ‘Ata’ Ibn Yasar, Mu’adh Al Qari, Abd ‘Allah Ibn Al A’araj, Ibn Shihab Al Zuhri, Muslim Ibn Jundub e Zayd Ibn Aslam. Em Kufa, Alqamah Al Aswad, Masruq, Ubaydah, Amr Ibn Shurahbil, Harith Ibn Al Qays, Amr Ibn Maymun,

Abu Abd' Al Rahman Al Sulami, Zarr Ibn Hubaysh, Ubayd Ibn Naflah, Sa'id Ibn Jubayr, Al Nakha'i, Al Sha'bi, Abu Al Aliyah, Abu Al Raja, Nasr Ibn Al Asim, Yahya Ibn Ya'mur, Hasan Al Basri, Ibn Sirin, Qatadah, Mughrah Ibn Abi Shihab, Uthman, Khalifah Ibn Sa'd, Abu Darda.

O terceiro grupo viveu durante a primeira metade do segundo século da Hégira; incluía vários Imames famosos por sua recitação alcorânica que receberam esse conhecimento do segundo grupo. Em Mecca estavam Abd Allah Ibn Kathir (um dos sete recitadores), Humayd Ibn Qays Al 'Araj e Mohammad Ibn Abi Muhaysin. Em Medina, Abu Ja'far Yazid Ibn Al Qa'qa, Shaybah Ibn Nassah e Nafi Ibn Nu'aym (um dos sete recitadores). Em Kufa estavam Yahia Ibn Waththab, 'Asim ibn Abi Al Najjud (um dos sete recitadores), Sulayman Al A'mash, Hamzah (um dos sete recitadores) e Al Kisa'i (também um dos sete recitadores). Em Basra, Abd Allah Ibn Abi Ishaq, Isa Ibn Umar, Abu Amr Ibn Al 'Ala (um dos sete recitadores), Asim Al Jahdari e Ya'qub Al Hadrami. Em Sham, Abd Allah Ibn Amir (um dos sete recitadores), 'Atiyah Ibn Qays Al Kalla'i, Isma'il Ibn 'Abd Allah Ibn Muhajir, Yahya Ibn Harith e Shurayh Ibn Yazid Al Hadrami.

O quarto grupo era formado por discípulos do terceiro grupo, como Ibn 'Ayyash, Hafs e Khalaf, e muitos dos mais famosos podem ser classificados nesse grupo.

O quinto grupo reunia aqueles que se dedicaram à pesquisa acadêmica e a escrita, incluía Abu Ubayd Qasim Ibn Salam, Ahmad Ibn Jubayr Al Kufi e Isma'il Ibn Ishaq Al Maliki dos companheiros de Qalun Al Rawi. Também incluía Abu Ja'far Ibn Jarir Al Tabari e Mujahid. O campo de pesquisa foi ampliado depois deles por homens como Al Dani e Al Shatibi que escreveram um grande número de obras sobre poesia.

Os Sete Recitadores

Sete membros do terceiro grupo alcançaram considerável celebridade; se tornaram um foco de erudição para outros. Cada um dos recitadores nomeou dois narradores e cada um deles propagou um estilo específico de recitação. A lista que segue é a desses sete recitadores:

O primeiro, Ibn Kathir, seus narradores foram Qanbal e Al Bazzi, com apenas um relator intermediário na cadeia de Ibn Abbas e do Imam dos Fiéis, Ali. O segundo foi Nafi' e seus narradores, Qalun e Warsh. O terceiro foi 'Asim e seus narradores, Abu Bakr Shu'bah Ibn Al Ayyash e Hafs; a recitação alcorânica que é comum hoje entre os muçulmanos é de acordo com a leitura de 'Asim, por uma narração de Hafs. O quarto foi Hamzah e seus narradores foram Khalaf e Khallad. O quinto foi Al Kisa'i e seus narradores foram Al Dawri e Abu Ali Al Harith. O sexto foi Abu Amr Ibn al 'Ala e seus narradores Al Dawri e Al Susi, com um narrador intermediário. O sétimo foi Ibn Amir e seus narradores foram Hisham e Ibn Dhakwan, com um narrador intermediário.

Seguindo as sete recitações famosas estão as três recitações de Abu Ja'far, Ya'qub e Khalaf. A maioria dos eruditos reconhece os sete gêneros de recitação como *mutawatir*, isto é, que foram relatadas por cadeias ininterruptas de transmissão. Um grupo de narradores comparou a tradição de que Alcorão foi revelado em sete *harf* (literalmente, “palavra” em árabe) com as sete diferentes recitações; esta tradição é famosa entre os sábios muçulmanos em geral, contudo, não é reconhecida como sendo inteiramente confiável.

Al Zarkshi diz em sua obra “*Al Burhan*”: “*É verdade que essas sete recitações chegaram até nós por uma cadeia ininterrupta de transmissão, porém, sua cadeia de transmissão a partir do Profeta, é passível de inspeção, uma vez que as cadeias de transmissão dos sete recitadores são todas do tipo de transmissão única, isto é, relatadas por uma única pessoa para outra*”.

Al Makki diz em seu livro: “*Qualquer pessoa que supor que as recitações de homens como Nafi e 'Asim são as mesmas sete “harf” mencionadas no dito do Profeta, estará cometendo um grave erro*”.

Além disso, a implicação desse dito é que as recitações, que não sejam as sete, estão incorretas, e este também é um grave erro já que os primeiros sábios islâmicos como Abu Ubayd Al Qasim Ibn Salam e Abu Hatim Al Sijistani, Abu Ja'far Al Tabari e Isma'il Al Qadi registraram várias outras recitações além dessas sete.

No início do segundo século da Hégira o povo de Basra utilizava a recitação de Abu Amr e Ya'qub, e em Kufa as recitações usadas eram as de Hamzah e 'Asim. Em Sham adotava-se a recitação de Ibn Amir e em Mecca a de Ibn Kathir. Em Medina a de Nafi' era utilizada. Essa situação permaneceu inalterada até o início do terceiro século, quando Ibn Mujahid retirou o nome de Ya'qub e pôs o de Kisa'i em seu lugar.

A razão pela qual os eruditos deram tanta atenção aos sete recitadores, malgrado existissem muitos outros de gabarito igual ou superior, foi que o número de recitações havia se multiplicado tão rapidamente que se perdeu o interesse em aprender e registrar todas as tradições sobre a prática da recitação. Assim, eles decidiram escolher várias das recitações que correspondiam à ortografia do Alcorão e que eram mais fáceis de aprender e registrar.

Portanto, para as cinco cópias do Alcorão que Uthman tinha enviado às cidades de Mecca, Medina, Kufa, Basra e Sham, cinco recitadores foram escolhidos de cinco regiões e suas recitações foram utilizadas. Ibn Jubayr escreve sobre essas recitações de cinco formas. Ibn Mujahid registra uma tradição em que afirma que Uthman enviou duas outras cópias ao Iêmen e Bahrain, e que o número das cópias chegou a sete com a escolha de sete recitadores. Já que a informação sobre esta tradição (que afirma que cópias foram enviadas ao Iêmen e Bahrain) não estava disponível, eles acrescentaram dois dos recitadores de Kufa, para formar o número previamente escolhido. Este número, que corresponde ao dito supramencionado, que afirmou que o Alcorão fora revelado em sete recitações, foi então usado por outros que não tinham conhecimento do assunto. Eles, equivocadamente julgaram que o sentido das sete "*harf*" que o Profeta havia falado, seria as sete recitações. As únicas recitações absolutamente confiáveis são aquelas cujo texto é claro (inteligível) e cujo significado corresponde ao que está escrito no Alcorão.

Al Qurab diz em seu “*Al Shafi*”: “*Devemos procurar as sete recitações entre os qurra (recitadores) não em outros*”. Esta opinião não é tradição ou sunnah, mas se origina de alguns dos sábios tardios que reuniram as sete recitações.

Estas sete recitações se tornaram tão célebres que as pessoas imaginaram que as demais não deveriam ser usadas. Todavia, isto jamais foi afirmado.

O Número de Versículos no Alcorão

A enumeração e a delineação dos versículos datam da época do Profeta. Numa tradição, o Profeta menciona dez versículos da *sura* “Família de Imran”, sete na “Al Fatiha” e trinta no capítulo “Mulk”. Existem seis opiniões que dizem respeito ao número total dos versículos no Alcorão, como foi relatado por Al Dani. Alguns opinaram que o total de versículos é 6.000, outros 6.204 e outros ainda 6.219. Das seis opiniões, duas são de recitadores de Medina e quatro provêm de outras regiões que receberam as cópias otomanas, de Mecca, Kufa, Basra e Sham.

Todos esses eruditos sustentam suas opiniões com tradições que remontam aos companheiros e, portanto, não são diretamente ligadas numa cadeia de transmissão ao Profeta. Tais tradições são chamadas “*mawquf*” na ciência dos ahadith.

De Medina, os que se especializaram na enumeração e delineação dos versículos, foram Abu Ja’far Yazid Ibn Al Qa’qa, Shaybah Ibn Nassah, Isma’il Ibn Ja’far Ibn Abi Kathir Al Ansari, Ibn Kathir, Mujahid, Ibn Abbas, Ubayy Ibn Ka’b, Hamzah, Al Kisa’i, Khalaf, Ibn Abi Layla, Abu ‘Abd Al Rahman Al Sulami, Ali, Asim Ibn Al Ajjaj Al Jahdari, Ubn Dhakwan, Hisham Ibn Ammar.

A razão de diferentes opiniões sobre o assunto está relacionada ao método de delineação e separação dos versículos e letras.

Os Nomes das Suras

A divisão do Alcorão em capítulos, como a divisão em versículos, é mencionada no próprio Alcorão. Em várias passagens Deus utiliza os termos “*sura*” e “*ayat*”. Na *sura* 24 versículo 1 Ele diz: “*Uma sura que enviamos...*”. E no capítulo “Tawbah” versículo 86: “*E se for revelada uma sura...*” E na “Al Baqara” versículo 23: “*Então compõe uma sura semelhante...*” e há outros versículos semelhantes.

O nome da *sura* é às vezes derivado de um nome ou forma que ocorre no texto, ou de um assunto tratado pela *sura*; por exemplo, “Al Baqara”, “A Família de Imran”, “A Jornada Noturna” e “A Unicidade”. Podemos observar aqui que nos exemplares antigos é comum notar o seguinte no começo de cada *sura*: “*A sura em que a vaca é mencionada*” ou “*a sura em que a família de Imran é mencionada*”. Às vezes, a *sura* se torna conhecida por sua primeira frase; tomemos, por exemplo, a *sura* “*Recita em nome de teu Senhor*” (‘Alaq) ou a *sura*, “*Em verdade o revelamos*” (A Noite do Poder) ou a *sura*, “*Os descrentes, entre os adeptos do Livro...*” (Bayynat).

Outras vezes a *sura* se torna conhecida por certa posição ou qualidade que possui. Assim, há a *sura* “*A abertura do Livro*” ou “*A Mãe do Livro*” ou “*Os Sete Versículos Frequentemente Repetidos*” (todos descrevendo a primeira *sura*, Al Fatiha). A *sura* “A Unicidade” também é chamada pelo nome de Al Ikhlas (com o sentido de descrever a absoluta unidade de Deus) ou pelo nome de “Nisbat Al Rabb” (a *sura* que descreve a natureza divina do Senhor em relação aos servos). Esse método de denominação das *suras* também foi empregado nos primeiros tempos do Islam e é atestado pelas tradições.

Existem tradições, cujas cadeias de transmissão chegam ao Profeta, que afirmam que o nome de *suras* como “al Baqara”, “A Família de Imran”, “Hud” e “O Evento” foram usados pelo próprio Profeta. Podemos concluir que muitos desses nomes surgiram na época do Profeta por serem então de uso comum.

Caligrafia, Ortografia e Marcas Diacríticas Utilizadas no Alcorão

A primeira e a segunda cópias do Alcorão foram redigidas em escrita cúfica na época do Profeta. A própria natureza básica da escrita, sem as marcas diacríticas, era conveniente para os recitadores, relatores e eruditos que tinham memorizado o Alcorão, uma vez que somente eles sabiam a pronúncia precisa das palavras. Outros encontravam grande dificuldade se abrissem o Livro e tentassem ler corretamente.

Foi por esta razão que no fim do primeiro século da Hégira Abu Al Aswad Al Du'ali, um dos companheiros de Ali ibn abi Taleb, com a orientação deste, redigiu as regras do idioma árabe, e sob as ordens do Califa Omíada Abd Al Malik produziu um texto alcorânico com as marcas diacríticas. O que, até certo ponto, eliminou a dificuldade da leitura da escrita cúfica.

Contudo, várias dificuldades permaneceram, as marcas diacríticas para as vogais, por exemplo, foram por algum tempo somente pontos. Em vez de um *fatha*, um ponto era colocado no início da letra e, em vez de *kasrah*, um ponto abaixo, e para um *dammah*, um ponto acima no final da letra. Esse método levou à ambigüidade. Somente quando Khalil Ibn Ahmad Al Farahidi se dedicou a explicar o *maddah*, isto é, o prolongamento de certas palavras, a duplicação das letras, as marcas diacríticas da vocalização e da pausa, a dificuldade da leitura da escrita foi finalmente eliminada.